

De HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

TEATRO

A noiva — O Duque de Viseu — Exg.

O Duque de Viseu, 2.^a ed.

A Morta

Afonso de Albuquerque

O Salto Mortal — Amor Louco . . .

Nó cego

O Azebre

A Herança

Saúde

ROMANCE

Os Órfãos de Calecut

Terra de Santa Cruz

SCENAS DE VIDA HERÓICA

1.^a série — *Sangue Português, 2.^a ed.*

2.^a série — *Gente Namorada, 2.^a ed.*

3.^a série — *Lanças n' Africa*

4.^a série — *Capa e Espada*

5.^a série (em preparação) — *Fumos da Índia*

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

Estudos sobre navios portugueses nos séculos XV e XVI

O Padre Fernando Oliveira e a sua obra náutica

Memórias Académicas, conferências, etc.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

Sócio efectivo da Academia das Sciencias de Lisboa

Gente Namorada

2.^a edição

PER ORDEN PVLGEO



LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

Reservados todos os direitos de reprodução : em Portugal, conforme preceitua as disposições do *Código Civil Português*; no Brasil, nos termos do convénio de 9 de Setembro de 1889 e lei n.º 2:577 de 17 de Janeiro de 1912 ; nos países convencionados, em harmonia com a Convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911.

O RESGATE

I

Aquela alfurja sombria e tristonha, onde résteas de sol a custo se encanavam a raras horas do dia, iluminava-se por vezes com a voz fresca da lavradeira, bordando de trilos vivazes qualquer toadilha popular. E um dito se repetia entre os pobretões da vizinhança :

— Estas chacotas da Andresa dão-nos mais calor que o sol de Deus!

Pelo meio da alfurja, espécie de páteo rasgado, sôbre a rua da Oliveirinha, no quarteirão que entestava com as ruas da Ametade e da Figueira, retouçavam habitualmente crianças esfarrapadas e sórdidas, e dezenas de gatos reuniam conciliábulos gastronómicos em volta de montões de espinhas, sôbre as quais zumbia o mosquedo.

Era de vêr com que ondulante desembaraço a figura esbelta da lavradeira atravessava aquele chavascal, toda risonha e afável, sem macular de um salpico a fraldilha azul de rofegos altos ou as botinhas justas de cordovão.

Saudavam-na os pequenos com a sua grahlhada triunfal, alvoroçados pelas regueifas e fartens que ela a miúdo lhes distribuía. Os gatos levantavam para a moçoila os focinhos ouriçados, reconhecendo nela uma das suas mais generosas despenseiras. E à porta da tasca que fazia esquina para a rua da Oliveirinha, mestre Yañez, o taberneiro andaluz, esganiçava-se em madrigalescas hipérboles.

A casita de Andresa ficava mesmo ao fundo da alfurja. Um primor de asseio. Caiadinha e concertada, que parecia nm céu aberto no extremo daquele inferno de imundicie. O aposento de entrada tinha o carácter mixto de sala de recepção, oficina e alcova. A um canto, a singela cama de madeira, com uma vistosa manta do Alentejo em guisa de colcha, o seu travesseiro lavrado de vermelho, a sua almofadinha de frouxel. Junto dela um pequeno oratório, com três ou quatro imagens tôscas, dominadas por um crucifixo de marfim, a mais rica alfaia da lavrandeira. Na parede branca realçava um registo de Santo António e um grande ramo de palma bento. Uma volumosa arca forrada de couro tauxiado ocupava parte da parede fronteira. E ao fundo, defronte da entrada, uma cortina de cassá, quando acaso a enfunava a aragem, deixava entrever um recanto da cozinha, a cantareira

alva como neve, sôbre a qual bojava uma talha côr de sangue, envolta em mandis listrados de Guiné.

O pouso habitual de Andresa era junto da porta da rua, cuja rótula era a única distribuidora da claridade exterior, mesquinamente coada pelo coroamento da alfurja, esbatida nas enegrecidas frontarias dos casebres, Sentava-se a lavrandeira num tanho de Santarém, de frente de uma mesita de pinho, sôbre a qual se viam os petrechos do seu mester : a almofadinha, o dedal, o agulheiro, e por vezes cousas preciosas que desdiziam da comezinha modestia da habitação : contas de aljofre, sêdas em fio, torçais de ouro, pedras finas. Porque Andresa era, nesse meiado do século XVI, umas das lavrandeiras mais celebradas de Lisboa, e ás suas mãos hábeis confiavam as famílias fidalgas os labores de maior aprêço. Dia a dia, graças à perfeição dos seus bordados, das suas guarnições, dos seu franzidos, em penteadores, em cabeções, em esparavéis, em cobertais de leito ou frontais de altar, acrescia a sua reputação na côrte. E era frequente o vêr-se, por causa dela, a obscura alfurja transitada por empavonados escudeiros de casas nobres, por discretas aias, de passinho miúdo e nariz torcido, por escravos negros dos dois sexos, respondendo na sua

mascavada gerigonça às vaias e galhofas da vizinhança.

Os galanteadores eram mais raros, não obstante a graça juvenil de Andresa, espalhada pelos cabelos de um louro quente como nuvens de um poente apoteótico, pelos olhitos verdachos talhados em feitio de amêndoa, pelo rosto um pouco alongado, muito branco, levemente aljofrado de sardas, por tôda a sua delgada e airosa pessoinha. É que não era menor que a sua fama de hábil artífice a sua reputação de honesta indiferença em matéria de amor, provada em dezenas de conjunuras por frases de tranquilo desdêm ou acerradas ironias, com que fustigava os pretendentes.

E com justa razão ela adoptara, como canção favorita, um vilancete castelhano, cujo mote era o seguinte:

Halcon que se atreve
Con garza guerrera
Pelígnos espera.

II

Mas não há garras, por mais aduncas, que não se forrem uma vez de veludo.

A garça guerreira encontrou por fim um falcão mais arrojado ou mais venturoso, que venceu, quasi de improviso, todos os perigos da requesta.

Surdiu êle por acaso da taberna de mestre Yañez, sob a forma de um alentado rapagão de grande bigodeira negra, olhar a um tempo astucioso e dominador, queixo um pouco proeminente denotando voluntariosa tenacidade, maneiras cortezãs contrastando com a aparente humildade da sua extracção e mal disfarçando as violências de um temperamento belicoso.

Entrava Andresa na alfurja, sobraçando um embrulho em que trazia, do palácio dos duques de Bragança, alguma preciosa tarefa, quando ouviu uma voz viril que dizia maviosamente:

— Ditoso de quem lavar no coração desta lavradeira!

Volveu os olhos para o lado de onde partia a voz, pronta para cortar com uma réplica percuciente os amavios do galan; mas as palavras como que se lhe grudaram na garganta, envolta no colarinho de búfaro, e os olhos baixaram-se-lhe como ofuscados, vagueando sôbre a mantilha rosada que lhe encobria o talhe airoso.

É que o rapaz era gentil a valer, cingido o tronco robusto no pelote amarelo de grandes mangas, os seus calções de gardalate branco debraados de veludo escuro na barguilha, os sapatos abrochados, o barretinho preto com golpe tomado por fita azul, descaído petulantemente a uma banda sôbre os fartos cabelos luzídios.

Andresa, com visível perturbação, prosseguiu silenciosa o seu caminho. Mestre Yañez, que chegara à porta da taberna, envesgou ainda mais para ela, de surpreso que ficou, o olhar estrábico, e exclamou na sua vozita aflautada, sacudindo com risadas discretas a bojudá pancinha:

— Cuerpo de Diós! al buen callar llaman santo!

O rapagão do pelote amarelo, êsse não deu mais palavra. Depois de seguir com os

olhos a lavradeira até que a viu sumir-se para dentro de casa, pagou a pequena despesa que fizera na venda, e afastou-se para os lados de S. Francisco. O taberneiro, que não se atrevera a interrogá-lo, viu-o dobrar a esquina da rua da Oliveirinha, como quem se dispunha a descer pela Cordoaria Velha.

Entretanto, as raras vizinhas que tinham presenciado esta simples scena, acercaram-se curiosamente de mestre Yañez:

— Quem é? Quem é o melro? — perguntavam todas, torvelinhando em redor do atarracado andaluz.

Mas êste, baixando as comissuras dos beiços, enterrando a cabeça glabra entre os ombros, arregalando os olhitos pardos, espalmou as mãos num gesto de perplexidade.

— Ninguém o conhece, de vós outras? — interrogou uma matrona barbuda e magrizela, de feito tirante e cegonha.

Não. Ninguém dava razão dêle por aqueles contornos.

— Amanhã o saberemos, que o polhastro há-de voltar — disse com malícia uma rapariga de ventinha arrebitada.

— Mañana sí —olveu mestre Yañez — que en manos está el pandero que le sabrán bien tañer.

Soaram gargalhadas discretas, em quanto se ouvia a voz de Andresa, um pouco trémula, cantarolando:

Halcon que se vuela
 Con garza á porfia,
 Cazar la queria
 Y non se recela.

III

Enganaram-se redondamente as bisbilhoteiras da alfurja.

Em nenhum dos dias seguintes tornou a aparecer o improviso galanteador. E nada se notou de extraordinário no viver habitual da Andresa.

Mas uma bela tarde, a matrona magrizela e barbuda trouxe ao concílio um mexerico que regalou as curiosidades alvoroçadas.

— A matreira da Andresa fez-nos cair no brete — contava ela de mansinho no meio do grupo, à porta da tasca. — Nós que púnhamos por ela as mãos no fogo! . . .

— Pois que há, tia Brisida? — perguntaram todas a eito.

— Há que o azevieiro nunca mais se perdeu por estes contornos, porque topava a caça por outros sftios.

— Voto a tal! — exclamou mestre Yañez.

— É como vos conto. Hoje por volta do meio dia, descia eu à praia, a encher êste

saquito de areia que aqui trago, vai senão quando vejo dois vultos de passeio, mesmo à beira-mar, vindos das bandas de Santos. Mal me caíram os olhos na figura da mulher... era uma mulher mais um homem... deu-me um baque o coração. Aqueles ares... aquele modo de andar... a mantilha rosada... o sainho de chamalote verdoengo... Ia-se aproximando o par, e eu afirmei-me mais, cosendo-me por sim por não com uma pilha alta de madeira que ali estava. Afirmei-me... afirmei-me... era a nossa moçoila, sem tirar nem pôr. E o bargante...

— Era o polhastro do pelote amarelo? — atalhou a rapariga do nariz arrebitado.

— Todo inteirinho!

Ouviu-se um fungar de risos abafados, que interrompeu por instantes a narradora.

— E depois?... e depois?... — ciciou avidamente o côro.

— Os dois vieram andando em direitura da Ribeira das Náus... e eu, à socanca, fui rodeando a madeira p'ra êles não me lobri-garem... mas sempre com o lúzio em riba dêles!... Verdade, verdade, a môça parecia um bocado arisca; mas êle, tudo era atana-zá-la, pr'aquí pr'alí, porque torna e porque deixa...

— Mas que diziam êles?

— Isso agora, mana, é que eu não logrei perceber... Mercê de Deus, não tenho ouvidos de hétega... e áquela distância, só se a voz dêles fôsse como a das bombardas do galeão *Bota-fogo!*

— Pois como podestes vós perceber?... — tornou a linguaeira do nariz arrebitado.

— Eh! Tomásia, deixa lá falar a tia Brísida! — disse com arreganho outra das circunstantes.

— Tem cada pergunta, a sandia! Ora como percebi!.. Pelos modos, pelos gestos, pelo abanar das mãos, pelo endereçar dos olhos...

— Por el hilo se saca el ovillo — murmurou a voz şibilante do andaluz.

— Era então encontro combinado? — indagou a renitente Tomásia.

— Tanto não digo, que a minha bôca é sagrada. Palpita-me que o velhaco lhe saíu ao caminho, quando ela vinha muito desprevenida dos lados de Santos, que tinha ido levar um cabeção de aljofre não sei para que fidalgo, além à Pampulha. Quis-me parecer que ateimava com ela para a levar fôsse p'ra onde fôsse; mas ficou-se em branco, que a rapariga, ao chegar pelas alturas do Cataque-farás, despediu-se dêle à laia de osga, desatou a correr tôda lépida pelo largo acima... até por sinal passou quási rés-vés

comigo sem me conhecer... e sumiu-se pelo postigo das Fontainhas.

— E o garção?

— Êsse ainda ficou um pedaço de olhos esbugalhados para a muchacha, ao depois seguiu rente às casas do Côrte-Real, caminho da Tanoaria. Eu arreventava com ânsia de saber quem era o meco... Fui-lhe no encalço. Quando chegou ao postigo do Carvão, acercou-se dêle um rascote de melenas açafroadas, fraca figura, e quedaram-se ambos em prática. Tão ditosa fui, que passou por mim um conhecido meu, soldado da Índia, de alcuinha o Troncho, porque um pelouro o desorelhrou de uma banda. De corrida, deu-me razão dos dois que praticavam. São ambos bombardeiros, e partem por estes dias numa dessas caravelas de armada que vai p'r'a Mourama.

— E o nome do galan?

— Disse-me o Troncho o nome dos dois, mas, como ia de esfuziote, eu só percebi um dêles no meio daquele batucar dos ferreiros, e não se bem de qual é... Esperai! — atalhou a tia Brísida baixando mais a voz grossa. — Ai vem a gravisca! Ela é que deve de saber ao certo... Deixai-a comigo a contas.

Efectivamente. Andresa dobrava nesse instante a quina da rua do Outeiro e encami-

nhava-se para a alfurja, cosendo-se com o muro da cêrca de S. Francisco, a fim de aproveitar a sombra escassa.

— Boa seja a vossa vinda, mana Andresa!

— exclamou Brísida, apenas a lavrandeira se aproximou, tão pensativa e de olhos tão cravados no chão que não dera pelo grupo.

— Boas tardes vos dê Deus! — retorquiu ela, um pouco sobressaltada.

— Estávamos aqui a dar à taramela por causa do tal Bastião Chanoca, que vai embarcar p'r'à África...

Deteve-se um instante a encarar Andresa. Como ela não se desse por achada, perguntou:

— Não sabeis quem é?

— Por minha vida que não — replicou a lavrandeira com persuasiva simplicidade. — Adeus, que me vou aos meus labores.

E ia endereçando o seu caminho pela alfurja dentro.

— É que eu cuidei — bradou a outra levantando a voz — que fôsse aquele meco da bigodeira e pelote amarelo que convosco embicou noutro dia.

Andresa parara um momento. Sem se voltar, estremeceu ligeiramente; depois encolheu os ombros em ar de ignorância, e sem mais palavra, enfiou para casa.

Não se desmanchou desde logo o conciliá-

bulo das mexeriqueiras, que ficaram comentando a atitude dúbida da rapariga. E acolheram tôdas de boa mente, como conclusão aceitável, o dito maldoso de mestre Yañez a propósito da pretendida esquivança de lavranadeira:

— Agora me occorre el refrán: No quiero, no quiero, mes echádmelo en la capilla.

Dispersaram-se rindo com mais desafogo.

Mas no decorrer daquela tarde, toda a vizinhança deu pela falta dos canoros trinados, com que Andresa habitualmente a deliciava.

IV

— Bom dia, senhor Bastião Chanoca! — disse na manhã seguinte Andresa, com ar de malícia, quando, defronte do adro de S. Francisco dela se acercou o seu galanteador.

Êste, que cofiava vaidosamente o bigode negro, estacou de repente, arregalando os olhos.

— Bastião Chanoca! — murmurou êle.

— Não é o vosso nome? — perguntou ela sorrindo.

O rapaz hesitou um momento, mas depois, encolhendo os ombros, com imperceptível ironia:

— Será, se assim o mandais! — redarguiu.

— Mandar? por clérigo me tendes, que vos possa dar baptismo?

— Mais do que clérigo. Por anjo vos beijo as mãos.

— Não me quereis dizer ontem o vosso nome. Adivinhei-o eu, não é verdade?

— Outro condão que tendes, como anjo

que sois — voltou êle com um sorrisinho de mofo. — Também o meu coração adivinhou que devia encontrar-vos aqui por estas horas.

— Não lhe gabo a esperteza. São sempre estas as horas a que saio para buscar as minhas encomendas ou entregar os meus labores.

— E é longe a vossa ida hoje?

— Não — disse Andresa com affectada negligência. — Vou à rua dos Cabides. Tomo aqui pelo canal de Flandres, e é um momento em quanto lá me ponho.

— Que pezar o meu!

— E volto logo para casa — continuou ela acentuando ainda a expressão sarcástica do rostinho sorridente.

Mas não se pode saber como a lavradeira esqueceu os virtuosos propósitos. O caso é que, com os olhos quási sempre no chão como se não visse o caminho que seguia, cheios os ouvidos das palavras melifluas com que o seu par lhe adormentava o ânimo, ela percorreu sem se deter a rua dos Cabides e desceu insensivelmente a estreita e sombria calçada de Paio Navais. Em seguida atravessou o Rossio no meio das cabanas e barracas dos lojistas, dos enormes guarda-sóis onde a luz quente do sol se tamisava para azular ao de leve os rostos vermelhaços das regateiras, dos caixões

de legumes, das gigas das colarejas, dos rebolos dos barbeiros, que recortavam calejas sinuosas no amplo terreiro. Atravessou-o Andresa, sem perder uma só frase das que segredava à sua beira o enamorado bombardeiro, apesar da algazarra dos pregões, dos encontrões dos mariolas, dos gritos agudos do mulhierio, do borbório que alastrava de uma banda a outra da praça, desde a casaria encostada à vertente pedregosa do monte do Carmo até à sumptuosa arcada gótica do Hospital de Todos-os-Santos, desde as embocaduras irregulares que se escancaravam ao sul até ao pesado e sinistro palácio da Inquisição. Sempre alheada do mundo exterior, como embevecida num sonho suavíssimo, ela contornou pelo nascente as paredes ennegrecidas e betadas do enorme edifício, costeou as mal afamadas hortas da Mancebia, de cujos recessos vinham baforadas de cantos e de pragas, saiu a porta de Santo Antão, e achou-se de improviso no arrabalde campestre do Valverde.

Mas embora aí a pungisse pela primeira vez a realidade, nem por isso pôs termo à doce vagabundagem. Por azinhagas umbrosas, por atalhos que rasgavam searas ondeantes, rasando muros de pedra sôlta e sebes rescendentes, traçando caminhos tortuosos sob a

copa verde-parda dos olivais ou por entre vinhedos cuja folhagem tenra esvoaçava ao som da aragem, os dois gastaram risonhas horas daquele glorioso dia primaveril. O sol frêchava de ouro e de prata os pomares floridos e anilava suavemente as encostas longinhas. Eflúvios de madre-silva e de laranjeira vogavam nos ares. O silêncio dos campos era cortado pelo chiar estridente e dolorido das noras. Ouvia-se acaso o pregão tristonho de alguma marisqueira negra, alteando sôbre o sussurro abafado da cidade, vago como o marulhar do Oceano, ao longe. Mas a melancolia destas notas realçava ainda mais o enternecido júbilo da terra fecundada, exalando-se nos hinos triunfais da côr e do aroma.

Acharam-se outra vez no Rossio, quando já no amplo terreiro esmorecia o rumor da faina quotidiana, à hora em que os vendedores do mercado tinham desmanchado as instalações provisórias, deixando no lajedo um como tapete esfarrapado de mosaico, formado de fôlhas de hortaliça, de penas de aves, de detritos de tôda a espécie que fermentavam à soalheira. Entre as colunas góticas do Hospital, adejavam agora livremente os panos de linho e de canequim, as cotonias e as holandas, e para êsse lado afluía agora uma turba mais rareada e menos bulhenta, que ia abas-

tecer-se nas lojas dos mercadores, estabelecidos sob a comprida arcaria.

Desafogadamente, na parte mais solitária da praça, que entestava com a pedreira do Carmo, despediram-se os dois.

— Amanhã pelas nove horas, junto á porta de Santa Catarina, não é assim? — perguntou o galan.

— Lá estarei — replicou ela.

— Por Deus, não falteis! São cinco ou seis dias apenas que tenho para vos vêr, antes de partir para a África.

— Conhecer-vos assim, para tão cedo vos perder! — volveu Andresa tristemente.

— Perder-me, não, minha vida! Gozaremos estes dias, como se não houvesse porvir. Mas ao depois, à volta, que há de ser breve...

— Deus o permita!

— Não quero mais tempo que o preciso para desfazer com quatro ou cinco bombardadas das minhas senhos aduares de mouros.

— Credo!

— Que no bornear de um basilisco ou de um selvagem não há ahi roncador tudesco ou italiano que me ponha o pé diante.

O bombardeiro proferira as últimas frases com feros marciais. Mas logo mudou para um tom de galanteria, perante a assustadiça atitude da lavrandeira.

— Assim sejam tão certos os meus tiros ao vosso coração, senhora minha!

Ela sorriu, banhando os olhos em júbilo, estendendo para êle o braço onde tilintavam manilhas de prata.

— Que não seja grande a vossa detença, é o que peço à Virgem!

— Não, que tenho pressa de matar junto de vós as saudades que me hão-de querer matar. E ao depois...

— Para sempre! — disse ela [apertando-lhe a mão.

— Para sempre!

— Sobre tão boa palavra me despeço, que é tempo e retempo de recolher.

Quando, a sumir-se na quina da rua dos Espingardeiros, Andresa volveu as espaldas num último relance de olhos ao seu namorado, viu-o arrogantemente aprumado a meio da praça, balanceando a cabeça com ar vitorioso, anediando sempre, num gesto habitual, a farta bigodeira, por entre a qual espadanavam assobios triunfantes.

V

Daí a uma semana, defronte da praia de Belém, uma vistosa caravela, pandas as velas triangulares como asas brancas, soltava rumo em direitura da barra. Em quanto os mareantes se ocupavam na faina da saída, a soldadesca apinhava-se à borda, desde a tilha de proa até às escadas do chapitêu, debruando com uma linha variegada e movediça a escura mareagem.

Quási à pôpa, conversavam dois bombardeiros, os mesmos que a tia Brisida tinha espreitado dias antes junto ao postigo do Carvão.

— Repara! — dizia o mais baixo, de cara barbeada e melenas côr de açafião, puxando a larga manga do pelote ao companheiro. — Não vês uma moçoila... naquele barco além... a capear com o lenço, como doida?

— Farto estou de a vêr — volveu o outro, cofiando o bigode negro, com uma risadinha de orgulho.

— Para ti são aquelas despedidas, em que parece que se lhe vai a alma, à coitadinha da cachopa?

— Pois para quem?

— Ditoso bargante! que ela não é nenhum peixe podre.

— Se o fôra, mal empregado deitar-lhe a tarrafa!

— E tens alma de desamparar um mimo daqueles, que é de se ficarem nela os olhos de uma pessoa?

O rapagão encolheu os ombros e resfolegou ruidosamente, com expressão de indiferença.

— Bem aviado estava eu — disse êle — se deixasse prender a minha vida às crenchas do mulherio! Livro lido, livro pôsto de banda, dizia um tio meu que era clérigo e brasonava de sabedor.

— E então... — perguntou o outro timidamente — já chegaste ao *fnis laus Deo*?

Sem responder, o bombardeiro trauteou entre dentes uma cantiga em voga na Alfama. O seu interlocutor, fazendo pala acima dos olhos com a mão aberta, examinou atentamente a rapariga, de pé na barca que se afastava pela alheta da caravela, agitando o lenço que levava de quando em quando aos olhos chorosos.

— Que linda carinha! — murmurou êle com

um suspiro. — Colorida e fresca, que nem uma rosa de Alexandria. Cair nas unhas de um velhacão desta láia! Antes tomasse querença comigo...

— Contigo? — redarguiu o rapagão em ar de mofa. — Essa é boa! Não querem vêr o franganito de pernas cambadas, de crista côr de cenoura, de cara depenada e bico de cegonha, todo bajoujo e repetenado em damices? Essa basófia, mano, é cá para mecos da minha cevadeira.

O bombardeiro, que a tia Brisida classificará de fraca figura, sentiu-se com efeito humilhado ao cravar os olhos na pessoa alentada e garbosa do companheiro.

— Lá isso é verdade — suspirou êle de manso. — E Deus me perdõe a inveja que me fazes!

O rapagão teve um gesto expressivo de quem se escusa da própria beleza. Depois, sempre olhando negligentemente para o barco onde a mantilha rosada de Andresa se divisava palpitante, soltou de repente uma gargalhada estrondosa.

— De que te ris, malvado? — perguntou o outro.

— De uma cousa que me alembrou agora. É que eu vendi o meu vinho, e mal sabes onde pus o ramo.

— Não te entendo.

— Nem se faz mister. Olha que linda está a barra!

Com a diversão, eximiu-se de decifrar o enigma ao curioso companheiro. A barra apresentava efectivamente um espectáculo fascinador. O sol, declinando, alagava de tintas rubras um enxame de estratos, que semelhavam enormes borboletas cravadas num fundo opalescente. O areal da Trafaria, o pontal de S. Gião, ennegreciam na chapada ofuscante do rio. E no horizonte longinquo uma listra alvinitente, serpenteando em volutas de espuma, demarcava triunfantemente as fronteiras do Oceano.

A caravela achava-se pelo través da tórre de Belém, que as águas cercavam como se fôra uma sentinela perdida numa campina de prata. Os bombardeiros relancearam os olhos para leste. Dêsse lado, um nimbo pardacento enlutava o cariz, e uma nódoa de oleoso negrume ia alastrando pelas águas inertes. E vagamente se contornava, meio diluida na sombra, a figura airosa de Andresa, sempre de pé na pôpa do batel, a acenar, a acenar com o lenço branco...

VI

Quási seis meses decorreram sem que Andresa recebesse a mais ligeira notícia do seu namorado. A vida continuava para ela na mesma aparente placidez do pretérito, mas nublada agora de uma tristeza quási perene. Esmorecia mais no trabalho. Não a distraíam, como outrora, os seus delicados labores. No meio da tarefa, erguia-se de repente, envolvia-se na mantilha rosada, atravessava a alfurja no meio dos olhares malignos e dos mexericos da viiznhança, e abalava para a praia onde se detinha que tempos a espreitar pelo rio fora, como se nêle houvesse ficado luminosamente traçada a esteira da caravela que lhe levara para longe o bem-amado.

Outras vezes, vagueava à tóa pelos arredores da Ribeira, pela Ferraria Pequena, pela Tanoaria, entre a porta da Oura e o postigo do Carvão. Ao pé dêste último parava de preferência, e parecia-lhe que para ela se contorciam num sorriso as duas cabeças, de ho-

mem e de mulher, salientes nos cunhais esculpidos do portal. Mas não era a elas que a lavradeira interrogava. Examinava os mareantes que passavam, falando alto, desmanchando-se em gestos violentos, trovejando pragas, atroando de gargalhadas as ruas espremidas entre a casaria ventruda.

Perseguiam-na os requebros boçais, as apóstrofes libertinas, as brutalidades amorosas da marujada à solta. Não lhes dava ouvidos. Esquivava-se quanto possível, para voltar momentos depois ao seu pôsto predilecto. Não a atordoava o retinido persistente de centenas de martelos nas boticas dos ferreiros, misturado ao rumor surdo e constante que provinha das estrebarias régias, ao bulício ondulante daquele bairro atarefado.

Quando, finalmente, se lhe deparava algum velho mareante de fisionomia grave e bondosa, ou algum soldado em cujas rugas tisanadas não se houvessem sumido de todo os resquícios de sentimento afectivo, animava-se a interrogá-los. Sobre Bastião Chanoca versavam, é claro, as suas pesquisas. Raríssimos e conheciam. Nenhum tinha recebido novas dele, desde que partira para a África.

De uma vez, apontaram-lhe como grande amigo dêle um soldado da Índia, por alcunha o Troncho, que perdera a orelha direita no

cerco de Diu. Procurou-o durante dias por todos os recantos do Cata-que-farás, do Ferrageal, da Tanoaria, até que o veio encontrar sob a alpendrada lóbrega da rua dos Cobertos, sempre açodado como o vira a tia Brísida, a engulir de entoviada umas sardinhas salpicadas que mesmo à porta lhe servia uma tasqueira gordanchuda.

Quando a lavradeira lhe perguntou por Bastião Chanoca, o Troncho ia-se engasgando com uma risadita de mofa:

— Ai o sansadorninho! — barregou êle num vozeirão que fez tremer os colonelos toscos da alpendrada — E diz êle que não tem família, nem quem lhe queira bem... Decho do enxalmo! Hein, mana Ambrósia? — concluiu êle virando-se para a taberneira que lhe secundou a risada.

Chocou-se Andresa por ver designado por um termo deprimente o homem que se lhe afigurava o mais acabado exemplar de galhardia viril. Por isso foi com certa rudeza que proseguiu o interrogatório.

— Dizei-me se tendes novas dêle, por mercê.

— Novas? Essa é boa! Cuidais que lá por Ceuta ou Alcácer ha escreventes como êsses do Pelourinho Velho, para engrolarem uma carta de dez reais ou de vintém a quem não é letrado? Estais enganada, mana!

— Mas devieis de ter ouvido algo da caravela... a *Andorinha*...

— Isto de novas de África entram-me sempre pelo ouvido que me falta. Já vêdes que não me chegam ao bestunto. Se fôsem da Índia, era outro cantar!

E voltando-se de novo para a taberneira, que na cara de páscoa denunciava o seu aprêço pelas graçolas do frêguês:

— Dois cinquinhos vos fico devendo pela merenda. Quedai-vos com Deus e com a dívida, mana Ambrósia! Beijo-vos as mãos, linda muchacha. Ide esperando pelo vosso Bastião, e não tenhais susto que alguma boneja mourisca vos cobice o estafermo! Que elas tem o pàdar mais fino do que o vosso.

E, sempre saudado pelas gargalhadas da taberneira que alimpava ao avental os olhos avermelhados, desatou a correr pela rua abaixo.

Andresa voltou para casa, cismando no tom desprezativo com que o Troncho se referira à pessoa do bombardeiro ausente. Mas essa preocupação desvaneceu-se com a mágoa que lhe causava a falta de novas.

Pôs-se ao trabalho. E a saudade, por estranha evocação, trouxe-lhe à memória o seu vilancete favorito.

Aguçando os ouvidos, a vizinhança percebeu naquela tarde que a lavrandeira cantava em tom melancólico:

La caza de amor
Es de altanaria;
Trabajos de dia,
De noche dolor.

VII

Mas naquele centro marítimo da Ribeira, onde Andresa era já conhecida de muitos, circulou de repente um boato desastroso: a caravela *Andorinha* fôra atacada por sete galés de Argel, e parte da tripulação reduzida a cativoiro.

Brutalmente caíu a nova no espírito da apaixonada lavradeira. Sucumbiu sob o imprevisto embate. E um velho mareante, condoído de tão intensa mágoa, acompanhou-a a casa.

Ao vê-la entrar na alfurja, lacrimosa e pálida, mestre Yañez, a cujos ouvidos já chegara a atoarda, resmungou irónicamente o seu ditério:

— E se te quiere bien que te hace llorar.

E a vizinhança, simulando condolências, ria à socapa de uma angústia com cheiros de escandalosa.

Mas Andresa recuperou em breve o alento.

Quem sabe se Bastião Chanoca entrava no número dos cativos? Era êsse o primeiro ponto a certificar.

Foi com terrível comoção que ela, valendo-se das influências da sua clientela, logrou no dia seguinte abeirar-se de um dos escreventes de Pero de Alcáçova Carneiro, o secretário de estado onnipotente, a fim de obter informações cabais.

Às primeiras palavras de Andresa, o escrevente, em atenção às recomendações que ela apresentava, consultou uma longa carta recém-vinda do capitão da caravela, cujas garbulhas hieroglíficas ela devorava a distância com o olhar esgazeado.

— São nove os cativos — disse o funcionário em voz sacudida e fria. — Qual é o nome do vosso parente?

— Bastião Chanoca — respondeu ela palpitante.

— Hum! hum! — rosnou o escrevente percorrendo lentamente o papel e trauteando os compassos de um modilho. — Bastião... Bastião... É bombardeiro, êsse tal?...

— É bombardeiro.

O homem seguiu com a pena as linhas da missiva, carateando com certa impaciência, até que exclamou com expressão de vitorioso júbilo:

— Ah! cá está! cá está! Bastião Chanoca, bombardeiro... É dos cativos, minha prenda.

E em quanto Andresa, perdida a côr do rosto, vacilava num momentâneo esvaimento, o escrevente atirava a funesta carta para cima de um bufete e retomava tranqüilamente a interrompida tarefa.

— E Sua Alteza não o resgatará? — perguntou passados momentos a lavradeira, em voz sumida e trémula.

O escrevente encolheu os ombros, continuando a copiar desembaraçadamente uma minuta.

— Se Sua Alteza resgatasse todos os cativos que ficam pela Mourama, não lhe chegavam as rendas do estado. Tratai vós disso, santinha... e a Deus vos encomendo, que tenho mais que fazer.

Andresa safu à rua, cambaleando.

Em demanda do ambicioso resgate, bateu a tôdas as portas de fidalgos e de gente da côrte, com quem o seu mister lhe creara relações.

Consumiu nisto dias sem conta, desdenhando os seus labores, sempre na esperança de uma resposta favorável, sempre rechaçada com mais ou menos rudeza por evasivas ou recusas formais, alentada uma que outra vez por promessas que se esvaíam em fumo,

desiludida finalmente pelas palavras geladas do secretário de estado, que lhe transmitiu uma das suas clientes mais poderosas e menos indiferentes ao seu infortúnio.

E para acerar a sua quotidiana tortura, as-seteavam-na, à volta para casa, as perguntas curiosas e insistentes das mexeriqueiras da alfurja, envoltas na melifluidade de fingidas lástimas.

VIII

Desamparada por todos, a lavradeira ateuve-se a um recurso heróico. Às suas mãos exclusivamente confiou a redenção do presuntivo noivo.

Era questão de um trabalho insano de alguns meses o reunir a quantia precisa. Mas que quantia era essa? Como fazê-la chegar às mãos do cativo, ou como negociar o resgate?

Para resolver estes importantes problemas, lembrou-se de recorrer aos frades trinos, que especialmente se ocupavam na santa missão de arrancar os fiéis ao odioso cativo em terras de maometanos.

Foi de feito ao mosteiro da Trindade, onde se abriu com um monge mais versado no assunto. Era um belo homem de uns cinquenta anos, fisionomia cheia de unção, modos paternais e afáveis, com tesouros de comiserção para tôdas as desventuras humanas.

A sua prática foi um refrigério para a alma

de Andresa, alanceada pelas repulsões que sofria. Depois de a ouvir atentamente, o frade prometeu averiguar tudo quanto respeitava ao cativo, por intermédio de agentes que o mosteiro tinha na costa sul de Espanha, em contacto permanente com os mouros da Berberia. Encheu-a de esperanças risonhas, recomendou-lhe que se apegasse à Santa Mãe da Misericórdia, cujo divino poder despedaçava as mais duras cadeias. E voltasse dali a um mês, quando muito, que êle a faria sciente das informações que houvesse recebido.

Passou Andresa uma mês num alvoroço contínuo. Trabalhava à finca, privando-se de quanto não fôsse estritamente essencial à existência, a fim de ir acumulando as suas economias. Passava em claro grande parte da noite, na freima de adiantar a tarefa. Largava por instantes os seus labores para os levar de corrida a casa das freguesas ou solicitar delas mais encomendas. E uma vez por outra, para dar treguas à sua impaciência, ia procurar o trinitário, o qual, sorrindo com bonomia, lhe affiançava que era cedo ainda, e lhe transformava em lágrimas de esperança as lágrimas de ansiedade.

— Dentro em pouco espero ver-vos ambos ajoelhados na nossa igreja, a implorar a bênção nupcial.

Nesses dias, voltava Andresa mais consolada para a sua modesta casa, e queria recordar-se, curvada sôbre as brosladuras e lavrados, do seu vilancete predilecto. Mas não lhe ocorriam em geral senão dois versos, que lhe safam dos lábios a meia voz, afogados em soluços :

Trabajos de dia,
De noche dolor.

IX

Quando ela recebeu da bôca do frade trino as esperadas averiguações, succumbiu de novo.

O rei de Argel não queria menos de cento e cincoenta escudos pelo resgate do cativo, cerca de cento e trinta e sete cruzados da nossa moeda, ao câmbio do tempo.

— Não te admires, minha pobre filha! — disse o frade com tristeza — Mouros e turcos têm em grande aprêço os bombardeiros. Se o teu namorado fôsse um simples grumete ou soldado, melhor nos correra o negócio.

Prostrada ante o altar da sacristia, sôbre cujos degráus cascadeava em ondas acatassoladas a fraldilha azul-ferrete, Andresa estremeia tôda nas convulsões do pranto.

— Senhor Deus, misericórdia! — tartamudeava ela — Como hei de eu ajuntar êsse dinheiro todo, a ganhar uns dias por outros um tostão, quando muito, isto ainda quando não me falece o trabalho? E olhai, senhor frei

Jerónimo, que não sou das mais queixosas. Dão-me sempre que fazer essas senhoras da côrte, bem hajam elas! Mas tanto dinheiro! tanto dinheiro! Como há de êste mesquinho corpo fazer-se nêle?

O frade, com suaves meneios, alevantou-a e aconchegou-a a si.

— Cobra animo, filha, que não te desampare a fé! Ajudar-te hei no que puder, mas pouco posso — acrescentou êle com desconforto. — Não falta destino às minguidas esmo-las que recebe a nossa santa casa. Pois não conheces alguém que sequer ao menos te possa adiantar a soma sôbre o trabalho que sai das tuas mãos abençoadas? Eu ficaria por fiador...

A cabeça loura, meio desgrenhada, que bambaleava de encontro à branca estamena, ergueu-se de golpe.

— Ficareis por meu fiador? — perguntou a lavradeira scismando.

— Certamente.

Andresa reflectiu um instante. Depois illuminou-se-lhe o rosto de uma resolução repentina.

— Mercês, senhor frei Jerónimo. Talvez me aproveite o vosso alvitre. Rezai à Santíssima Trindade para que me proteja no lance que vou tentar.

— De todo o coração, minha filha.

Andresa despediu-se do padre, beijando devotamente a cruz vermelha e azul do hábito. Desceu rápidamente à porta de Santa Catarina, tomou pela rua do Outeiro, e dentro em pouco se encontrou na embocadura da alfurja.

Mas, em vez de se internar no lôbrego beco, deteve-se à porta da taberna.

Sentado num escano de pinho, com o cotovelo fincado ao balcão, apoiada a testa na mão listrada de cardina roxa, o taberneiro ca-beceava, sonolento.

Derpertou sobressaltado à voz da lavran-deira que o chamava. Aproximou-se dela, todo blandícias, e a sua surpresa subiu de ponto, quando Andresa lhe expôs o motivo da inopinada visita.

Perplexa a comêço sôbre quem lhe em-prestaria de pronto a soma precisa, Andresa optara pelo taberneiro, o qual era voz cor-rente no bairro se entregava a operações de agiotagem. Não ficaria assim devendo favores às suas clientes, que aliás pareciam pouco dispostas a fazer-lhos. E quanto ao destino do dinheiro, tão pública e notória era aos olhos da vizinhança a sua inclinação amorosa, que ela pouco se importava de o assoalhar.

Mestre Yañez respondeu-lhe com lamentos condimentados dos conceitos e rifões em que

era forte a sua loquela. Exageravam-lhe as posses; a quantia de que êle dispunha era módica, e só podia empregá-la com segurança, para não comprometer o seu futuro; os tempos iam máus, o negócio pouco deixava: em fim, tôda a lenga-lenga habitual do onzeneiro que fareja presa incauta.

Radiou-lhe num relance a fisionomia, quando Andresa nomeou o fiador que se lhe oferecera, prometendo pagamento integral no prazo que se combinasse.

— Del dicho al hecho hay gran trecho — casquinou êle.

Mas em fim, depois de muito instado, os olhitos piscos dardejando áscnas sôbre o rosto esmaecido da rapariga, o taberneiro resolveu-se a expender as condições em que lhe prestaria auxílio: nem mais nem menos do que ao juro de 4 por cento ao mês, com todos os seguros da fiança.

Andresa, alheia à gíria da usura, apenas compreendeu que o taberneiro acedia às suas instâncias, e agradeceu-lhe entre lágrimas de júbilo. Impaciente por ultimar o negócio, foi naquele mesmo dia dar parte do êxito da sua empresa a frei Jerónimo.

O frade, porém, abriu-lhe os olhos sôbre a enormidade do abísimo que semelhante contrato lhe escancarava diante dos pés: era

conseguir a redenção do namorado à custa do seu próprio cativo nas garras do agiota.

— Mais de cinco cruzados terias de pagar cada mês, só de prémio — explicou êle.

— Só de prémio? — inquiriu ela pasmada.

— Sim... afora o capital... afora o dinheiro que êle te emprestaria, vê se me entendes.

Sinal evidente de que entendia foi o desfazer-se em pranto a mofina lavrandeira.

X

Tinha de contar apenas consigo. Reduzidas a dinheiro tôdas as suas jóias, tôdas as miserias superfluidades da sua garridice, juntando-lhe mesquinhas economias que até ali conseguira amealhar, viu-se de posse de pouco mais de quarenta cruzados. Restava trabalhar sem tréguas para completar a ambicionada soma.

Foi o que fez, sacrificando o sono, a alimentação, a saúde. Encovaram-se-lhe os olhos, estiolaram-se-lhe as faces, foram-se-lhe consumindo as carnes. E já nem para apagar tristezas soltava uma nota do seu vilancete predilecto. Era fôlego que desperdiçaria, furtando-o ao trabalho.

Mas a adversidade perseguia-a.

O parêntesis, curto embora, de descanso, a que a haviam forçado as suas passadas e ainda mais o seu alvoroço, alheara-lhe algumas valiosas freguesas. A pressa com que procurava dar vasão ás suas tarefas começou

por outro lado a prejudicar a perfeição da mão de obra. Surgiram queixas, descontentamentos, censuras, e por fim despedidas formais.

Ao periclitarem a sua fama de operária primorosa cresciam atordadas que lhes menoscavavam a reputação mulhêr. Maledicentes, que a conheciam de a vêr a miúdo pelos arredores da Ribeira, urdiam explicações desairosas da sua misteriosa vagabundagem. E as damas da côrte, conforme o costume, vingaram-se na lavrandeira dos escandalosos labêus que delas assoalhava a intriga palaciana.

Para cúmulo de desdita, a moda creara um derivativo para escoadouro da clientela rica. Era a Joana Mirabela, lavrandeira afamada em torcidos, cadenetas e lumilhos, a qual oferecida a novidade de uma tenda ao Pelourinho velho, com quatro ou cinco hábeis operárias a trabalharem por sua conta. E a mínima deficiência nos labores de Andresa servia de pretexto às damas da côrte, e ainda mais aos fidalgos pintalegres, para se afreguesarem na tenda da Mirabela, asseada e confortável, povoada de rostinhos de tauxia, segundo a frase do tempo.

Quási de todo deseparada pela fidalguia, Andresa socorreu-se da clientela burguesa, que até então desdenhara. Tornaram-se mais

mesquinhos os salários, regateado e dilatado o pagamento, mais grosseiras e fatigantes as tarefas. As mãos, habituadas a manejar sêdas e telilhas, veludos e sendais, endureceram e deformaram-se ao contacto de linhagens grosseiras. Os olhos deixaram de espelhar o brilho macio das pérolas, de se imbuir na radiação viva das pedrarias, e amorteceram na monotonia de costuras triviais que um véu de lágrimas tapava a espaços. O cansaço prostrava-a por vezes. Uma tosse persistente parecia aluir-lhe o arcabouço mimoso. E quando reagia contra a fadiga, tremia-lhe o corpo nos estos da febre.

Ao vê-la passar, macilenta e enfermiça, mestre Yañez não deixava perder uma ocasião de renovar os seus oferecimentos, misturando-os com galanteios, onde se percebia bem claro o anseio de trocar por menos decorosa espécie o ágio do seu capital.

— Muchacha, no andes buscando tres piés al gato. Tienes en mi todo lo que has de menester. No busques lejos lo que puedes topar tan cerca de ti, que la mujer y la gallina por andar se perden aina.

Andresa arredava-se dêle com mal disfarçado asco, entre os risinhos abafados do soalheiro, que de longe assistia a estes rápidos colóquios. E por palavras mansas e dissimu-

ladas, várias matronas, sobretudo a tia Brísida, não se pejavam de a aconselhar a que desse ouvidos ao taberneiro.

Mas o tempo ia passando, e a mísera lavrandeira sonhava com pavor nas torturas do seu namorado, entre as mãos perversas da mourama, alquebrando o galhardo porte no menear de pesados remos, mal alimentado, mal vestido, roído de saudades.

E uma vez, sem nada dizer a frei Jerónimo, de quem se envergonhava já, aceitou as ofertas do andaluz e recebeu da sua mão, em belo ouro, os cruzados que lhe faltavam para o prefazimento da quantia requerida.

O taberneiro dispensava a fiança.

Trocava essa exigência pelas aladas esperanças que se haviam aninhado na sua alminha gafada, como andorinhas num muro negro.

XI

Andresa mentiu a frei Jerónimo, afirmando que era apenas produto do seu labor o dinheiro que lhe entregou com alvoroço indizível. Mas se acaso sentiu remorsos, varreu-lhos do ânimo a oração de graças que fervorosamente rezou diante do Crucificado, beijando as escaleiras marmóreas do altar.

Finalmente! Curto era o prazo que lhe restava para aguardar a volta do namorado. Extenso lho fazia contudo a sua impaciência, agravada por novas angústias, a que a sujeitava a sua situação de devedora.

Ao cabo daquele mês, o derradeiro porventura que ela passaria saudável do bem-amado, era forçoso satisfazer ao taberneiro a primeira prestação, aumentada dos juros respectivos. Depois, o bombardeiro a ajudaria a tirar-se de apuros.

Cumpria, pois, redobrar de esforços. Mas quanta energia dispendida para vencer a progressiva debilidade daquele organismo, mi-

nado pela febre, depauperado por excesso de trabalho e falência de nutrimento.

Ela lutava com persistência, sem esmorecer mesmo quando as crises de tosse lhe derancavam as entranhas. Na pesquisa constante de novas tarefas, a pobre lavrandeira percorria todos os bairros da cidade, galgando ladeiras íngremes, perdendo-se por vielas tortuosas, sorvendo nos ofegos o ar infecto das betegas miseráveis.

Ao regressar à alfurja, muitas vezes consumida pelo malôgro das suas passadas, esfalada sempre e asseteada de dores, deparava-se-lhe a figura atarracada de mestre Yañez, encostado à porta da baiuca, erma de fregueses áquela hora. Via-lhe o sorriso irónico, as olhadelas cupidíneas, os esgares denunciadores de torpes anseios, o gesto da mão roliça e sórdida parecendo apreendê-la, inda de longe, em saudações recurvas. Ouvia-lhe a falinha mansa, encadeando requebros e mesurices numa enfiada fatigante de anexins.

— No te canses demasiado, niña mia! Tripas llevan corazon, que no corazon tripas. Confia que no tienes en mi un credor fiero. Mi corazon hace orejas de mercader á mi interés.

Andresa, abeberada a alma de agonias, simulava esperançosos júbilos. Entreabria num

sorriso os lábios descorados, e respondia, internando-se na alfurja:

— Descansai, mestre Yañez! Nada perdeis do vosso!

E, ao entrar em casa, para não desmentir o aparente contentamento, lembrava-se de levantar a voz enfraquecida para cantarolar qualquer ensalada risonha. Mas só lhe ocorriam, com a sua toada melancólica, aqueles dois versos do vilancete:

Trabajos de dia.
De noche dolor.

Zumbiam-lhe constantemente aos ouvidos esses compassos de musiqueta tristonha. Perseguiam-na por tôda a parte, em todos os momentos, como uma obsessão de que procurava debalde libertar-se, como a vozita de um trasgo invisível a martelar-lhe no cérebro a síntese da sua amargurada existência.

À proporção que se adiantavam os dias, ia reconhecendo com terrível evidência a ingente dificuldade de satisfazer aos seus compromissos para com o taberneiro. E nada de notícias sobre o ansiado resgate, por mais que as procurasse no convento, por mais que aguilhoasse a boa vontade do trinitário, impotente para de tão longe as haver de pronto.

E a desditosa, não tendo tarefa do seu officio bastante para preencher os seus dias inteiros, submeteu-se aos mais rudes mestres, lavando e engomando roupa, angariando minguados ceitis a abastecer as lojas de gibeteiros e carapuceiros, chegando a disputar às escravas negras os mais duros encargos de labutação doméstica, em casas da burguesia.

Nada lhe valeu, porém. Chegou o prazo fatal, sem que Andresa tivesse amealhado o suficiente para satisfazer na íntegra a primeira prestação da sua dívida. Faiscaram os olhitos pardos do andaluz, quando ela, vexada e abatida, lhe foi pedir um prazo de espera para o restante. Afectando nobreza, mestre Yañez recusou-se a receber o dinheiro tão laboriosamente acumulado. Mas, quando ela balbuciou lagrimejante umas palavras de reconhecimento, o vilão deitou fora a máscara. Brutalmente, propôs-lhe um mercado infame.

A lavrandeira fugiu espavorida. E ao cerrar a porta, ainda ouviu a voz esganiçada do taberneiro, que lhe bradava pela rótula:

— Paciencia, niña! Al buen pagador no le duelen prendas.

XII

A perseguição amorosa do andaluz começou a complicar-se de ameaças e de injúrias que alanceavam a desventurada. Por mais que quisesse escapar-lhe, saindo ante-manhã, voltando muito depois de correr o sino, lançando mão de trabalhos que favorecessem a sua ausência de casa, não podia evitar de todo as ocasiões de o encontrar.

Alta noite, despertava sobressaltada, sentindo palavras discretas na rótula, os quícios rangerem ao esforço de alguém que tentava forçar a porta, e, aguçando os ouvidos, estremeceu ao chorrilho das pragas castelhanas que sibilavam no silêncio da alfurja. E febricitante, trémula de pavor, não mais lhe era dado conciliar o sono.

Se acaso se via obrigada a entrar em casa durante o dia, espreitava os momentos em que mestre Yañez estivesse ocupado com a freguesia para o interior da baiuca. Mas ainda assim, raro podia furtar-se aos ditérios, aos

conselhos, às insinuações das vizinhas, quasi todas peitadas mais ou menos ostensivamente pelo taberneiro ricaço.

Vencendo a vergonha da confissão, deliberou Andresa socorrer-se de frei Jerónimo para pôr termo à sua permanente tortura. Correu um dia ao convento; mas atalhou-lhe os queixumes a nova que o trinitário acabara de receber.

Tinha-se ultimado o resgate, e Bastião Chanoca vinha em viagem para o reino.

O choque foi tão violento, que Andresa perdeu a já desbotada côr das faces, vacilou e caíu de joelhos, murmurando:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Mas a essa prostação momentânea succedeu uma alegria doida, cujas manifestações o bom do frade contemplava comovido.

Andresa asseteou-o de perguntas, a que frei Jerónimo não sabia responder. Quando chegaria ao Tejo a fusta que conduzia o bombardeiro? Não haveria mau tempo que a detivesse? Como poderia ela ser avisada, para que corresse logo a dar as boas vindas ao namorado?

Um acesso de tosse cortou a jubilosa garulice. Mas em quanto o trinitário lhe recomendava repouso e paciência, cheio de piedade por aquele corpo franzino que se estorcia e

convulsionava, a rapariga entremeava de risos as vascas da sufocação e deixava ressumar nos olhos chorosos radiações de delirante júbilo.

Quando voltou para casa, já não a atemorizava a perseguição do taberneiro. Aos seus requebros grosseiros respondeu até com visagens de agrado e com palavras de festiva ironia. E pôs-se a costurar, cantando a tôda a fôrça dos seus pobres pulmões, em quanto a fadiga lhe não impôs silêncio, uma outra toada velha que lhe ocorreu de súbito:

A mim seguem dois açores,
Um dêles morrerá d'amores.

As comadres do soalheiro estavam pasmadas.

— Viu passarinho novo, a rapariga! — exclamava a tia Brísida, arregalando os olhos para mestre Yañez.

Mas o andaluz, com um risinho sarcástico, esfregava as mãos encardidas, resmungando:

— Miren voacedes lo que yo digo! Mas vale salto de mata que ruego de hombres buenos.

XIII

Tarde chuvosa e parda. O Tejo palpita às primeiras refregas do sudoeste. Mosquea-se de miúdas plumagens brancas a amarelidão das águas. Um sendal de neblina encinzeira os montes sinuosos da outra margem. Cõa-se a espaços uma luz pálida pelos intervalos de nuvens plúmbeas, que da barra vem correndo.

No cais da Ribeira das Náus, entre a faina estrondosa de operários e mareantes, o estridor das bigornas, o rangido das serras, o martelar dos calafates, o rolar dos carros, a grita da mestrança, Andresa espreita anciosa para o meio do rio. De uma desalinhada fusta, surta a pequena distância, desprende-se um esquife tôsko, carregado de gente, que voga para terra. A lavrandeira arregala mais e mais os olhos pisados, à medida que o esquife se aproxima, sem reparar na chuva que lhe açoita as faces e lhe cola aos ombros a desbotada mantilha.

Ei-lo já perto. Entre a pequena chusma,

entre os quatro ou cinco passageiros que saídam com risos alvoroçados a terra da pátria, nem um rosto conhecido. Aperta-se o coração da rapariga. O esquife desliza ao longo das estacas. Braços vigorosos agüentam-lhe o ímpeto. Atracou.

Em quanto, no meio de uma algazarra festiva, os passageiros desembarcam, Andresa precipita-se pelos degraus esverdeados e carcomidos. Resvala-lhe o pé nas tábuas lodosas, sustenta-se a custo, mas chega em fim, gritando esbaforida, à beira da mesquinha embarcação.

— Patrão, patrão, dai-me novas de Bastião Chanoca!...

O patrão agita os braços nus e velosos, nas âncias de uma gargalhada atroadora.

— Estais cega, muchacha? Não o vêdes além?

E grita para o grupo dos passageiros que se afastam pelo cais fora:

— Eh! Bastião Chanoca!

Andresa, perplexa e apreensiva, volve os olhos para o cimo da escada. Aponta o vulto de um homenzinho baixote e cambado, de cabelo tirante a ruivo, barba cerdosa e rala, fato esfrangalhado e puido.

— Que me queres? — pergunta êle em voz rouquenha, começando a descer.

Mas Andresa, sentindo uma imensa angús-

tia a crescer-lhe no peito, voltara-se novamente para o patrão.

— Não é êste o Bastião Chanoca... Valhame Deus! que estais em êrro...

— Pardeus! que bem graciosa é ela! — brada o mareante rindo a bandeiras despregadas. — Ouves, Bastião? Diz a moça que tu não és tu...

— Chufa me parece — replica o outro que já se acercara. — Quem quereis então que seja o Bastião Chanoca, a não ser êste mofino que uma alma caridosa livrou dos gadanhos mouriscos?

A lavradeira, aterrada, balbucia:

— Mas outro há, porventura... Um bombardeiro alto, bem parecido, de bigode farto, que foi também cativo...

— Bem parecido, nanja que sejas tu! — exclama o mareante chocarreiro.

— E foi convosco na mesma caravela... — prossegue Andresa ofegando de ansiedade — que bem me recordo agora de vos ver ao pé dêle quando partistes...

O recém-chegado abre a bôca numa prolongada exclamação de surpresa.

— Ah! adivinho de quem falais, mana! É dêsse rufião do Rodrigo Vaz... E vós éreis a muchacha que lhe acenava do barco... Enganou-vos com o meu nome, o negregado...

Por isso me dizia êle: Numa parte se vende o vinho, noutra... Bargante de uma figa! Lá se ficou, feito mouro, por aquelas terras de infiéis, com desprêzo da nossa santa fé, à caça de mulheres e riquezas...

Andresa já não o ouve. Fugiu-lhe a luz dos olhos. Vacila. Lívida, ergue os braços como em busca de apoio. Mas baqueia desamparadamente no patim lodacento, e os lábios descolorados tingem-se de uma espuma sanguínea.

AS ALVIÇARAS

A Augusto de Castro

I

Há cousa de oitenta anos, à beira da estrada real, entre Caxias e Paço de Arcos, existia um casebre, de que talvez hoje nem restem escombros, o qual, de memória de homens, sempre esguichara da padieira da porta o simbólico ramo de louro, negaça de beberrões e valhacouto de mosquedo. Era nesse tempo proprietária da taberna e de uma famosa pelugem, à qual devia a alcunha, a senhora Maria do Bigode, mulheraça de uns cincoenta anos, desenxovalhada e bonacheirona, que por única família tinha um polhastro um tanto acanhado e sentimental, mas bastante vivo de entendimento.

Êste rapazote, o Agostinho, encetara estudos sob o patrocínio de um frade guardião da Boa Viagem, seu padrinho, cuja morte repentina o forçara a interrompê-los, no momento em que lhe luzia a esperança, mediocrementemente fagueira, de trepar, pelo menos, às eminências monásticas a que ascendera o seu patrono,

Vira-se o Agostinho constrangido, à míngua de cabedal para acudir às suas ânsias de sabedoria, a ocupar na tasca materna o pôsto subalterno de moço, para que o recomendava a idade, que não o pendor nativo. Êste expandia-se contudo no manusear intermitente de alguns livrecos que o rapaz apanhava a jeito, e também no insistente catrapiscar de uma guapa moçoila dos arredores, a filha do António Moleiro, a qual não acolhia com desfavor tais requêbros.

O moleiro era porém da raça tenaz dos Capuletos, vendo inimigos feros nos Montecchios sem vintém que lhes namoram a progénie feminina. De uma vez que na taberna enxugava um copásio surrento, dissera êle serenamente ao môço que o servia:

— Olha que a minha filha não é para os teus dentes, entendes, ceresma? Não a criei para um taberneiro pelintra. Ainda se a tua espolunca rezasse de frêguesia decente, vá com Deus! Mas isto não é casa onde meta o nariz pessoa mais graduada que um cabo de esquadra. E vai então, tem cautela contigo, e envia para outra banda os olhos de carneiro mal morto. Se não, tens que te haver comigo, meu pateta. E quem me avisa meu amigo é.

Ora, como o velhote era alentado como uma tôrre e guedelhudo como Sansão, o moço

meteu-se nas encolhas, sem perder contudo a tineta pela Angélica do Moínho, a qual pela sua parte não desperdiçava ensejo de lhe dar clandestinas provas de virginal affecto.

Estavam as coisas neste pé, eis senão quando o Agostinho, uma bela manhã, andando a escarafunchar pela casa, topou de improviso, no desvão da escada que ia para o sótão, com um esconderijo, defendido de vistas indiscretas por um cortinado espêsso de teias de aranha. Era um pequeno armário toscamente arranjado por debaixo de um dos degraus, fechado por uma portinha carunchosa que cedeu a medíocre impulso. Continha uns objectos estranhos: uma espécie de gamela de louça ordinaria branca e de feitio antiquado, tendo dentro uma colher de denegrido estanho, e sobreposta a um papel dobrado, roído de carcoma, lambido de bolor, lacerado nos vincos, sôbre cujo fundo amarelento mal se percebiam desbotados caracteres manuscritos.

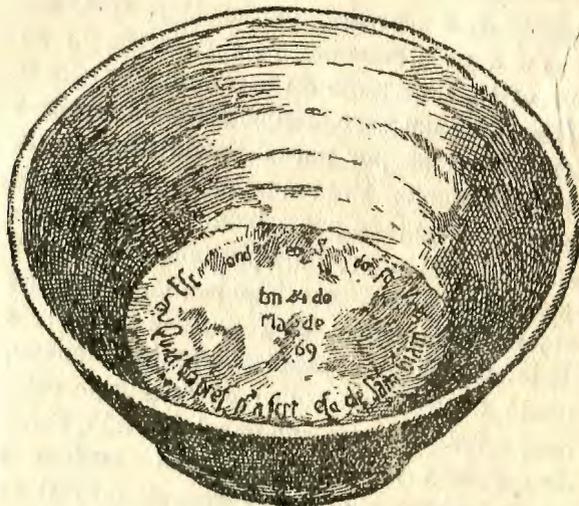
— Que é isto, mãe? — perguntou o Agostinho à taberneira, que junto do balcão suffocava na fumaceira acre de uma fritada de carapáus.

— Isto, o que? — inquiriu ela entre dois frouxos de tosse.

O rapaz veio mostrar o achado à mãe, a qual arregalou os olhos, estareçada.

— Sei lá que diacho é isso! — exclamou a Maria do Bigode — Cacos, que p'r'aí ficaram a granel.

— De tempos esquecidos, mãe. E não esta-



vam a granel. Estavam até guardadinhos a preceito, como se fossem cousa preciosa.

— Causa preciosa? Uma tijela, ou quer que é? E mais uma colher ordinária? Estás brincando, rapaz.

Mas o Agostinho, tendo sacudido o pó que cobria a gamela, examinava-a com a atenção reflectida de um antiquário,

— Tem umas letras no fundo — observou êle.

E tinha. Uma inscrição meio delida, truncada pelas lacunas do vidrado, imitando caracteres tipográficos assás grosseiros, na disposição ingenuamente decorativa que apresenta o fac-simile.

— E então? — perguntou a taberneira, acudindo aos carápaus que se tiznavam.

— Não percebo bem o que isto quer dizer, mãe — redarguiu o môço, encolhendo os ombros. — Esta malga fala de um preso que ia para a fortaleza. P'los modos, foi p'ra memória dêle que a guardaram, mais a colher.

— P'ra memória de um preso? Essa agora!

E a matrona abanava nas arfagens do riso os seios opulentos.

Foi uma chacota pegada na loja todo o santo dia, pois que, informados os frêgueses habituais da singular descoberta, nenhum deixou de fulminar com alguma sentença magistral as suspeitas temerárias do rapaz. Êste ouvia em silêncio, em quanto enchia os quartilhos ou aprestava as meías doses. Só tomou a palavra, com certa fúria, quando o vozeirão grave do António Moleiro entrou como bordão no côro zombeteiro.

— É como lhes digo — teimou o Agostinho, meio esturrado. — Foi para memória, Sinal

que o preso não era pessoa de pouco mais ou menos.

— Fia-te nessas! — regougou o moleiro — Qualquer malandrim de epístola, que qui- largar as goelas com feijoada antes de lhas exprimer o barão da força.

— Para a força iria, mas lá que era figurão de polpa, isso é que não tem questão.

— Talvez! Isso é conforme o valor da fazenda a que êle deitou os gadanhos, ou das tripas em que enterrou a faca.

— Olhe, sr. António! — replicou o rapaz mostrando o documento, que ameaçava desfazer-se-lhe nas mãos. — Êste papelucho é que pode tirar-nos de dúvidas. Afirmo-lhes a vossemecês que isto é uma preciosidade.

Mas da escritura sibilina apenas se deletreava aqui e além, entre as manchas de bolor e os rasgões, uma que outra palavra isolada e desconexa, num cursivo miudinho e obsoleto, que resistia a tôdas as ganas de curiosidade. E em quanto a Maria do Bigode, mais o António Moleiro, escarnicavam sem pejo da ingénua fantasia que exaltava o Agostinho, êste abafava de raiva, metendo pelos olhos dentro o misterioso autógrafo.

— Demos tempo ao tempo! — exclamou êle por fim — Levo isto ao sr. Frei Inácio, e vamos a ver o que êle decide.

II

Frei Inácio do Espírito Santo, leitor no convento da Boa Viagem, era autoridade insuspeita para o rapazote e respeitada pelo próprio vulgo, mercê da fama que o seu nome alcançara de muito sabido em cousas de história. Com efeito, assíduo cultor de humanidades, o frade escondia sob a humildade do arrábido um espírito de rara agudeza e rematada ilustração. Nesses tempos de profundas perturbações políticas, êle obedecera ao seu temperamento pacífico e acolhera-se ao remanso daquela isolada crasta, para evitar perseguições que antigos relances de ousadia intelectual lhe tinham valido, defumando-o com vagos cheiros de pedreiro-livre.

De tamanino conhecera o môço tasqueiro, do tempo em que êste ia fazer amiudadas visitas ao padrinho. Tinha-lhe grande afeição, lastimando-se de que os seus recursos e a sua influência não lhe permitissem substituir-se ao protector defunto na lavra prome-

tedora daquela mente. Por isso acolheu o rapazote com paternal bondade, que degenerou em alvoroço, quando inteirado do motivo da visita.

Encavalou na montanha nasal os óculos enormes, e entregou-se todo ao exame da inscrição e do documento.

— Isto não vai assim de repente, rapaz — reflectiu êle, fungando uma pitada. — Confia-me estas cousas, e vem cá buscá-las daqui a dias. Vamos a ver o que dá de si a minha paleografia e a minha pachorra.

— Eu agradeço a Vossa Reverendíssima...

— Não tens que me agradecer, homem de Deus. Esta tarefa até me dá gosto. Anda há que anos um sábio franchinote, Champollion se chama êle, a batalhar com a escrita dos egipcios, e parece que já deu no vinte. Eu reputar-me-hei outro Champollion, se atinar com a significação dêstes gatafunhos. O diabo é a traça ter-me já levado a dianteira em os devorar. *Sed tendit in ardua virtus*, como rezava mestre Ovídio. Não percebes? É como quem diz: nas cousas difíceis é que se apura o engenho. O rebordo desta gamela me servirá de reboło para afiar o meu. Que a cousa tem dente de coelho — prosseguiu êle mirando a inscrição traçada na louça — mas alguma volta se lhe há de dar,

— Se Vossa Reverendíssima dá licença...
— titubeou o rapaz muito a medo.

— Fala homem.

— É que eu já estive a matutar em cima desta malga, ou quere que seja, e, com perdão de Vossa Reve...

— Deixa-te de contumélias, e desembucha por uma vez.

— Isto será atrevimento da minha parte, mas pareceu-me que se podia completar assim êste letreiro.

E sacou da algibeira um papelito, onde leu o seguinte: — *Escada onde o réo Soldado foi levado quando hia preso para a fortaleza de Sam Giam...* Crelo que vem a ser o mesmo que S. Julião.

— Exacto. Continua.

— ... em 24 de... Aqui é que eu não sei se será março, se maio.

— Palpita-me que seja maio, por via da distância da preposição que segue. E o ano?

— 1769, por certo.

— Sim, senhor — aplaudiu Frei Inácio, co-tejando o original da inscrição com a tra-dução proposta. — A cousa não está mal engendrada. Mostras que tens lume no ôlho...

— Oh! sr. Frei Inácio...

— Mas onde desde já te affianço que cin-caste foi na data. O ano é 1669, e não 1769.

O Agostinho arregalou os olhos.

— Pois seria há tanto tempo?

— Foi, com certeza.

— Mas como pode...

— Como posso adivinhar isto? Sem manhas de bruxo. O tipo que se quis imitar na inscrição, assim como a caligrafia do documento, tem todos os caracteres do século XVII.

— Vossa Reverendíssima que o diz...

— Ia jurá-lo. E quanto ao resto da interpretação... hum! — rosnou o frade numa interjeição gesticulada de dúvida — também não me quadra muito. Pois um reles soldado preso mereceria as honras dêste arquivo?

— Também pensei muito nisso — disse o Agostinho com ar de desconsôlo — e, a falar a verdade, até me fêz tristeza tirar assim o valor a estas recordações, mas...

— Nada! neste lance anda peixe mais graúdo. E a que propósito vem aqui a escada?

— Como foi no desvão da escada que eu encontrei...

— Ora adeus! Isso não explica porque se fêz a inscrição na malga ou escudela, como êles então diziam... É isso! ora aí está! — continuou o arrábido batendo com fôrça no objecto indicado. — Escudela é que é, e não escada. *Escudela onde comeo...* está claro. Mas quem? quem?

— Aí é que está o busílis,

— A data está pouco mais ou menos nítida... Ora espera! — berrou o frade dando um pulo na cadeira, com um entusiasmo digno de Arquimedes. — A data pode ser um clarão... Deixa-me ver êsse cartapácio.

— Qual, sr. Frei Inácio?

— Êsse que aí está na estante, terceira prateleira a contar de cima, à direita, com a lombada pintalgada de amarelo.

— Êste?

— Êsse mesmo. Dá cá, dá cá.

Embebeu-se o bom do arrábido na consulta do livro, virando páginas, dando estalidos com a língua, contorcendo o rosto já razoavelmente feio em visagens mais feias ainda, resmoneando imprecações nada sacras, em quanto o rapaz aguardava, pasmado e ansioso, sem arriscar sequer um movimento, e só volvia de quando em quando os olhos para a janela, por onde mirava o Tejo a babujar as ribas limosas.

Mas, passado um quarto de hora talvez, uma exclamação de triunfo, seguida de uma assoadela mestra, retumbou pela estreiteza da cela. Então o Agostinho, vencendo a timidez, perguntou entre ofegos de alvorôço:

— O sr. Frei Inácio descobriu já?

— Ah! estavas ainda aí, rapaz? Imaginei

que te tinhas safado. E é o melhor que tens a fazer. Eu cá fico a ver se corroboro umas suspeitas... Suspeitas apenas, por em quanto. Um fio que talvez me evite quebrar as ventas por estes meandros... Olha! vai-te embora, anda. Deixa-me entregue às minhas lucubrações, e vai-te com Deus!

— Sua bênção, sr. Frei Inácio.

— Deus te faça um santo... E escusas de cá voltar, em quanto eu não te mandar recado. O que fôr soar. Adeus.

Em quanto o Agostinho caminhava pela estrada fora, o marulho do rio ia-lhe acompanhando a música divina dos pensamentos. As ideas confusas, que se misturavam com as suas esperanças sôbre a decifração do enigma, ligavam-lhe por misteriosos fios o contentamento do cérebro com a alegria do coração. Antes de chegar a Caxias, tomou por um atalho que subia a êminencias próximas. No alto, um moínho riscava preguiçosamente o céu com as velas brancas. A meia encosta, alvejava um casal, e em frente dêle, sôbre o restolho, còrava ao sol um estendal de roupa. Uma figura juvenil e airosa de mulher sarcoteava por entre a roupa a saia escarlate.

Para essa figura se dirigiram os olhos do Agostinho. Os olhos, que não os passos. Êsses estacaram, porque o arcabouço hercúleo do

Antônio Moleiro se interpôs na fantasia do rapazola aos seus ímpetos namorados. De longe, porém, atreveu-se a acenar repetidas vezes com o lenço. Até que a rapariga, percebendo a manobra, circunvagou cautelosamente a vista, descarapuçou-se do lenço de ramagens, e capeou com êle em resposta.

Aquela telegrafia era suficiente para que os dois corações se entendessem.

III

Bastantes dias se passaram sem novas nem mandados do frade. O Agostinho roía em silêncio os remoques da mãe e do velho moleiro, que lhe achincalhavam o achado. Isso mesmo foi contudo esquecendo com o correr dos dias, a ponto que apenas o pensamento do rapaz esvoaçava, mas êsse com pertinácia, em tórno da misteriosa gamela.

Por singular coincidência, estava o António Moleiro a caturrar dentro da tasca, na tarde em que, de surpresa, se emoldurou nas vergas da porta o vulto atarracado de Frei Inácio, recebido com exclamações de alvoroçado respeito.

— Deus os faça uns santinhos! — disse êle, depois de ter prestado a mão a três ósculos reverentes. — Não se incomodem. O que eu quero é regalar-me aqui à porta com uma réstea de sol, em quanto dou dois dedos de cavaco...

— Ó sr. Frei Inacio, por quem é! — bradou

a taberneira, impando por tamanha honra — Agostinho, vai lá dentro buscar uma cadeira, Mexe-te, rapaz.

Uma ampla cadeira de espaldar foi trazida para o soalheiro, e o religioso sentou-se, rodeado pelos campônios.

— Belo tempo, hein? — observou êle pitadeando-se.

E sôbre o tempo, sôbre as searas, sôbre as vinhas, sôbre tópicos vários se foi entretendo a conversação, durante largo espaço, em quanto o Agostinho estalava de impaciência por que o padre lhe desse a deixa para encetar o assunto que o preocupava

— Anda cá, rapaz! — exclamou por fim Frei Inacio, sacando das profundezas do hábito o embrulho em que se continham os preciosos objectos que patenteou. — Vou-te chimparrar a comunicação académica que estes cacos e estes frangalhos me sugerem.

O rapaz adiantou-se logo com ansiedade.

— Ah! o sr. Frei Inácio sempre tomou a sério as maluqueiras de meu filho? — acudiu a Maria do Bígode.

— Bem empregado tempo! — escarnicou o moleiro.

— Senta-te aí, homem! — continuou o frade, impelindo brandamente o Agostinho para o poial. — Sentem-se vossemecês também.

Quero o meu auditório a seu cómodo. Ora agora escutem, e não me interrompam. Vou-lhes dizer tudo quanto estes hieroglifos me contaram.

«Saberão que ha cousa de século e meio era antecessor da nossa tia Maria, aqui presente, na propriedade dêste estabelecimento, um patusco que se chamava André ou José — não pude verificar bem do nome próprio senão a terminação — mas a alcunha, essa ficava ao pintar para um taberneiro: Sarrabulho.

— Tem graça! — murmurou a mulher.

— Caluda! — recomendou o frade. — Pois o sr. André Sarrabulho, chamemos-lhe assim, succedeu-lhe uma passagem de arromba na noite de 24 de maio de 1669. Tão famosa foi ela que, pouco versado em escritura, recorreu a um letrado dêstes arredores, um tal Simão Ribeiro, para que lha escarrapachasse num papelucho, tintim por tintim.

«Essa é a narração que o tempo e os bichos daninhos esfarraparam sem nenhum respeito, mas de cujos restos eu ainda pude reconstituir o essencial da história, preenchendo certas lacunas com remendos de sciência própria.

«Pois nessa noite, uma sexta-feira por sinal, entre as onze horas e a meia-noite, o taberneiro acordou sobressaltado a uma tropeada que pareceu estacar à porta da pousada. Che-

gou à janela... devia ser esta aqui — e o frade apontou para a que se rasgava à esquerda da porta. — Chegou pois à janela, em hábitos menores, e que havia êle de ver? Um pesado coche, seguido por um troço de soldados de cavalaria, parado defronte, com os focinhos dos cavalos virados para o poente. De dentro do coche saía uma voz descomposta e impetuosa, em rajadas violentas, às quais entremetiam respostas e observações duas outras vozes, uma delas adocicada e humilde, outra mais firme e profunda. No auge da discussão, correu-se a vidraça e abriu-se a sanefa. O André entreviu então, à claridade dúbida das estrelas, uma figura obesa que barafustava por sair pela portinhola.

«— Quererão matar-me, mas não à fome! Escolham outro género de morte! Eu juro que hei de comer aqui!

«Foram estas as frases que chegaram aos ouvidos do André.

«E não obstante a resistência que de dentro lhe ofereciam, o indivíduo saltou do estribo, e dirigiu-se açodadamente para a porta, seguido pelos dois companheiros, um dos quais envergava a sotaina de jesuita. Á primeira aldrabada, já os batentes se escancaravam diante dos inesperados frêgueses. O taberneiro, cheirando-lhe a rendoso negócio, dis-

farçara sob um velho e coçado tabardo a insuficiencia do traje, e viera logo recebê-los.

«Entraram. E em quanto acendia a candeia, percebeu o André que os outros recommendavam, embora com sinais de respeito, cauteloso silêncio ao sujeito gordo. Êste insistia contudo, com imprecações e protestos que os companheiros abafavam solícitos, e do diálogo, travado a meia voz, farrapos de frases chegavam aos ouvidos do André.

«— Há que horas sem comer! — Obrigam-me a saír do paço... — Boa caçada em Almeirim... — Tirania...

«O taberneiro conservava-se a respeitosa distância, compreendendo que não lhe admitiriam indiscrições. Chegou-se finalmente a êle o padre, e perguntou-lhe que tinha para comer. O conteúdo da ucharia recuzia-se a pouco: uns restos de feijão com hortaliça, ovos, pão e vinho, com uns desenjoativos de azeitonas e queijo.

«Em quanto preparava a tôda a pressa as virtualhas, o taberneiro deitava o rabo do ôlho para os frêgueses. O homem gordo, embuçado cautelosamente, com o sombreiro derrubado sôbre o rôsto, sentara-se no banco de pinho, fincara os cotovelos na mesa, e interrompia com resmoneadas pragas as suas meditações. Junto da porta, sem o perder de vista, o pa-

dre cochichava com o companheiro, a quem o chapéu emplumado e as galas do vestuário, entrevistas pela abertura da capa, davam aparências de fidalgo.

«Quem seriam aqueles figurões? — calculo eu que scismaria entrementes o dono da casa. Quem seria sobretudo o homem que evidentemente arrastavam contra vontade naquela expedição nocturna? Um preso? Sim, preso de Estado devia êle de ser, mas de alta jerarquia por certo, a ajuizar pelas mostras de respeito que os seus guardas lhe prodigalisavam.

«A curiosidade do André não tardou contudo a ser satisfeita. Apenas colocou sôbre a mesa esta escudela aqui presente, acugulada de legumes, o sujeito gordo desembuchou-se um pouco para se atirar vorazmente à improvisada refeição, e como a luz da candeia lhe desse de chapa no rosto, o taberneiro, que já por mais de uma vez vira aquella fisionomia por estes contornos, em vagabundagens patuscas, reconheceu nêle nada mais e nada menos que... o rei de Portugal!»

IV

Houve um sobressalto de espanto no auditorio.

— O rei! — bradaram quási em unísono os três ouvintes.

— El-rei D. Afonso VI em pessoa — confirmou Frei Inácio — Causa de três horas antes (isto não reza a narrativa, mas catei-o eu pelas crónicas) fôra êle surpreendido no aposento do paço, onde estava como prisioneiro, pelo jesuita confessor Manuel Fernandes, que o engodara com o regabofe de uma caçada em Almeirim.

« — É para já, se querem! — atalhou o alvo-çoado monarca.

« — Pois seja! — redarguiu o padre.

«Tudo se aprestou logo para a partida. Meteu-se o rei num coche acompanhado pelo marquês das Minas e pelo dissimulado sacerdote. Mas a direcção que tomavam desenganou desde logo o mísero D. Afonso.

«— A onde me levam? — exclamou êle — Este caminho vai para Belêm, e não para Almeirim.

«Desvendaram-lhe então os propósitos do Infante. Era a ilha Terceira o seu determinado lugar de exílio. E para daí embarcar o levavam à fortaleza de S. Julião. Ignoro se o rei se resignou ao destêrro; que não suportou de boa mente umas horas de abstinência, prova-o o testemunho póstumo do taberneiro.

«Vinha agora a pêlo, meus amigos — continuou o frade, alheando-se do presente auditório para se espraiar em comentarios pouco apreensíveis a intellectos boçais — dar largas às farfuhadas antíteses da oratória sacra, a que se prestava a primor o episódio. Aquele potentado, afeito a blandicias de côrte e alcatifas de paços, encontrando um parêntesis de satisfação numa baiuca enxovalhada e lôbrega, erma de requintes e atavios; aquele sibarita, que de acepipes em baixelas de ouro se banqueteara fastiento, engulindo agora uma caldivana requentada em malga plebeia; aquele rei vitorioso, que apavorava as hostes aguerridas da Espanha, sufocando em ânsias de liberdade... Hein? que magnífico tema para cerrar com a ferrugenta chave de Salomão: *vanitas vanitatum!*....

«Era soberbo, se era! Mas tudo rêtórica de pechisbeque. O potentado sempre folgara em espojar-se nas espeluncas, o sibarita nunca fizera cara a chanfanas, e o vitorioso... adeus, minhas encomendas! habituara-se a ser esmurrado pelas vielas lisboetas. Mas em todo o caso, aquele destrôço régio sempre sugere matéria para filosofar, e causa compaixão, se não um respeito por ai além. Pobre rei descoroadado e envilecido!»

E o frade permaneceu absorto durante instantes naquele espectáculo trágico que entressonhava. Os outros não ousaram quebrar-lhe o silêncio, até que o narrador, desanuviado de filosofias, lhes satisfez a impaciência.

— Terminada a refeição, que esgotou as provisões de bôca existentes na casa, os companheiros, direi antes, os carcereiros de El-rei convidaram-no a enfiar de novo para o coche. Antes de o seguir, todavia, o confessor dirigiu-se ao taberneiro, meteu-lhe na mão dois dobrões de ouro, e disse-lhe textualmente:

«— E uma gravata de esparto, se disseres uma palavra desta visita.

«O André Sarrabulho teve conta na língua, mas não tanta que anos depois não trasladasse a escrito a história dessa noite, pela experiente mão do letrado Simão Ribeiro, que provávelmente era discreto e de confiança. Co-

mo vivia sòzinho na taberna, foi-lhe fácil guardar segredo. E ao mesmo tempo, como recordação, guardou os objectos que aí vêm consagrados por uns beijos reais. Tão bem guardados ficaram êles que só agora, ao cabo de cento e cincoenta anos, o Agostinho lhes descobriu o paradeiro. Como vês, meu rapaz — prosseguiu o frade, apresentando a principal peça do processo — a leitura da inscrição é esta e não outra: *Escudela onde comeo o Senhor dom Afonso VI quando hia preso para a fortaleza de Sam Giam em 24 de maio de 1669.* Não concordas?

— Ora essa, sr. Frei Inácio! Depois do que Vossa Reverendíssima contou, mete-se pelos olhos dentro.

— Pois aí tens! Agora quanto ao escondido. É de presumir que o inesperado da morte não desse tempo ao tal Sarrabulho de fazer disposições sôbre a valiosa reliquia. É bem certo o adágio: guardado está o bocado...

— Para quem se há de valer dêle! — interrompeu o Agostinho, num assomo desabitual de audácia. — E êsse hei de ser eu, a quem aqui o sr. António Moleiro pagará as alviças, pois não é assim?

— Que diabo estás tu a cantar, ó rapaz? — perguntou o velho, tão pasmado como a Maria do Bigode mais o frade.

O rapazote creara ânimo, decididamente, porque volveu com firmeza:

— Disse-me vossemecê há tempos, aqui dentro, que me daria sua filha se esta espelunca rezasse de frèguesia decente, lembra-se?

— Sim... talvez... mas...

— Não ha aquí *mas* nenhum. Que melhor frèguesia quere vossemecê que um rei, nada menos que El-rei de Portugal?

O moleiro ficou embatucado, em quanto Frei Inácio comentava com gargalhadas de aplauso a invectiva do Agostinho. Só a velha se torcia, receosa de que algum repente explosivo do moleiro pusesse em risco as costelas do filho.

Não foram contudo as reivindicações do namorado, nem os argumentos conciliadores do eclesiástico, que persuadiram o moleiro.

O que principiou a abalá-lo foi a promessa de maquia grossa, estraida daquelas preciosidades arqueológicas, tão cabalmente autenticadas; o que, mêses depois, o moveu de todo, foi a realização dessa promessa. Com efeito, uma boa mancheia de libras cantava na algibeira do noivo, quando Frei Inácio lançou a bênção nupcial sôbre o sagaz Agostinho da Taberna e a galante Angélica do Moinho.

V

Como chegaram estes factos ao meu conhecimento? De uma maneira indirecta. É um amigo meu quem possui actualmente a escudela e a colher, bem como o autógrafo que lhe diz respeito. É êle um ratão — que não tome esta alcunha à má parte — tão cioso do seu tesouro, que só muito às ocultas, por concessão de amizade, o patenteou a meus olhos.

A história inteira do aparecimento, ouvi-a da bôca do seu avô, com quem o Agostinho realizara a transacção. Permittiu-me que a divulgasse, mas impôs a irreductível condição de lhe guardar o incógnito. Presumo que escrupulos familiares de qualquer natureza aconselham êste segrêdo. Como quere que seja, submeto-me com pesar á obstructiva cláusula, lastimando que me seja defeso documentar êste curioso episódio com a exposição das peças originaes.

Como o meu zeloso amigo tem especial predilecções artisticas, quem sabe se ellas um belo dia irão parar ao Museu das Janelas Verdes? Ofereço esta esperança aos gulosos de arqueologia e de história.

OS VIRIATOS

Ao Columbano

I

Eis como o estudante lisboeta João Serrão deu começo a um novo episódio da Ilhada Salmantina.

A Brisêida dêste lusitano Aquiles entrevia-se, numa outoniça noite de 1640, por detrás das rexas de ferro de uma janela, rasgada á altura de uns dez palmos. Lindo parecia o rosto da moçoila, se bem que listrado pelas sombras da grade, vivamente projectadas por um luar amoroso. E na sua contemplação se embevecia o estudante, desabafando o arroubamento em madrigalescos conceitos, e por vezes em cantigas requebradas, que os acordes da sua guitarra sábiamente recortavam :

Ay Constanza, tu mirada
Fija tu nombre en mi pecho !

Assim repercutia êle, no soluçar dos garganteios, a tremolina argêntea, que arrepiava

as águas do Tormes, referendo em tórno dos vinte e sete pilares da ponte arcáica.

Mas, quando a sua voz atenorada, desafiadora dos arpejos ancilares, se dependurava nas sílabas maviosas do estribilho:

A... ay... Costa... anza...

surgiu de entre as rexas uma pequena mão, em nervosos acenos invocativos.

João Serrão apropinquou-se. E uma vòsita sobressaltada correu da ventana êste aviso:

— Lá está êle!

— Quem?

— O espreitador do costume.

— Descanse Vossa Mercê, que eu lho amanhã.

Travada esta breve prática, em castelhano mais ou menos avariado pelo sotaque do alfacinha, João Serrão encovou as bochechas e espremeu dos beiços, alongados em tromba, um silvo-estridente. E logo emergiu da escurana um saltitante envoltório de roupas esbranquiçadas, em cujo cocuruto negrejava uma cabeça lanzuda.

— Mamede, negro, vamos à poda — ordenou o estudante.

— Siôr, si — redarguiu o servo.

E, como obedecendo a prévias instruções,

coheu-se com a parede, até chegar ao muro que com ela entestava, em ângulo obtuso. Por sôbre êsse muro, escalavrado e musgoso, entornava para fora a copa de uma árvore ramalhuda. Na pernada mais saliente, escarranchava-se um vulto humano, que a claridade opalina denunciava pelas abertas do folhede.

O moleque, num relance, engatinhou até à cumieira do muro, sacou do cinto uma podoa, e começou a cortar a grossa vergôntea em que se agüentava o indiscreto. Êste, mal lhe percebeu os intentos, empreendeu, vomitando pragas, a descida do perigoso poleiro.

Mas atalhava-o o negro, a cada tentativa, esgrimindo contra êle a lâmina coruscante, com vaias em gerigonça guiné:

— Quedo, home! nan tugi, riabo! Pleto ter oio aberto! Tanto monta cortá casca darve como pere di gente!

E, tanto como a lâmina, coruscava-lhe nas ameaças a dentuça arreganhada.

Vendo por aquela banda frustrada a evasão, o empoleirado tentou arquear os esgalhos extremos da ramada, para facilitar o acesso à rua, sem grave dano das costelas. Mas de baixo lhe seguia os movimentos o estudante. Desembainhara uma farrusca de quatro palmos, à qual, sem embargo de minazes floreios, os beijos do luar não logravam arrancar uma

chispa. E mais que a folha enfuscada, assaras pantavam ao sitiado os chascos que entre gargalhadas lhe atirava o português:

— Ah! nalgas, que vos espeto! Vou assar-vos à brocha! Vou ver a que sabe a carne de cevado castelhano!

— Arreda, sevoso! — berrava o de cima, desesperado, enchendo a bôca com o apodo familiar de portugueses em terras de Espanha.

E o moço escolar retorquia:

— Com meu sebo te quero adubar, para que não me dê engulhos!

Mas, neste tiroteio de injúrias, ia rangendo e vergando assustadoramente a grossa perna que a podoa esnocava. Abraçado a ela com frenesi, o mísero castelhano levantava agudas vozes de socorro:

— Aqui del-rei! Quem acode!

Já de dentro do horto surdia gente armada de cacetes, das casas proximas acorriam vizinhos, do interior da cidade crescia reboliço, quando a ramada baqueou na rua e o homem do poleiro se estatelou nas pedras. Avançava para êle o estudante, sempre a contorcer-se em risadas, mas teve de fazer frente à ronda, um aguazil com três ou quatro corchetes, que da Porta de San Pablo havia rompido, num esvoaçar de fraldas negras. E entre os bandos assaltantes, acuado de encontro ao muro, me-

neando a farrusca, dardejando facécias, aparrando golpes na guitarra transformada em adarga, João Serrão abria em volta de si uma clareira de respeito, que a podoa do negro Mamede procurava à socanra alargar.

E a corrente do Tormes, prateada e marulhante, parecia estacar para dar tento da épica balbúrdia...

II

Ora nessa mesma noite havia reunião festiva de Viriatos — pois com essa egrégia autonomasia lixiavam os portugueses, na roda escolar de Salamanca, a alcunha oprobriosa com que os ennodava o vulgacho. Era a assemblea numa casa da Calle de Moros, em que alguns dêles se alojavam, e seu objecto a recepção do colega transmontano Domingos Correia, recém-chegado de Madrid. Seu busto franzino luzia áquela hora, com o festo engomado da balonia e o gorgorão carmesim da roupeta, no meio das sotainas que negrejavam, dispersas pelo aposento, em atitudes várias. Porque era um mixto de festim, de conciliábulo e de saráu aquella tumultuosa se-
roada.

Sentados em desconjuntados escanos, estirados sôbre a mesa, encruzados no chão, passeando a esmo, ali se viam os mais celebrados heróis das pugnas universitárias: o conciliário Pedro Barbosa, vimaranense, as-

tuto e ponderado como Ulisses; o outro conciliário dos portugueses, clérigo açoriano, sobre cujo nome o tempo voraz exerceu a mesma acção destruidora que á sua dentadura tinham infligido gloriosas lapidações; o illustre bragantino António Dias, a quem a defesa de uma betesga contra a incursão de duzentos biscaínhos, proeza comparável á das Termópilas, valera o apavorante epíteto de *El diablo portugués*; o façanhudo Jerónimo da Silva, por alcunha o *Tigre*, afamado pela especialidade de romper, nas portas e paredes dos cárceres, brecha para os patricios aferrolhados; o africano Bartolomeu Pereira Guterres, caudilho intrépido, que dirigira o sangrento e vitorioso assalto contra o Colégio Velho, onde se abaluartavam biscaínhos sem conta; outros muitos que se haviam tornado terror da Biscaia, pois que era esta, entre as oito províncias representadas na população escolar, a mais ferrenha inimiga de Portugal.

— Cães êles, gatos nós — costumavam proclamar os lusitanos.

O juvenil apetite arrostava com sêdiças empadas e tortas, ministradas a crédito por *figones* barateiros, e não o arrepiavam fartas goladas de rascante aloquete, com que um *mesonero* vizinho propagava azias. Não me-

nos bôtas eram as orelhas para o zangarrear intermitente de uns desconcertados instrumentos de corda, que ainda pareciam carpir seu abandôno nos campos de Alcácer. E a um canto da casa, entre galhofas e pragas, tamborilavam surdamente dados sobre o marroquim puído de um escabelo.

Mas no meio da barafuuda multifária, era Domingos Correia frêchado de incessantes perguntas sobre os sucessos da côrte e os negócios de Portugal. A elas respondia de uma maneira sibilina e vaga, como cumpre aos videntes. Porque ás várias prendas que o exornavam sobrepujava a de sebastianista. Seus olhos pardos, acesos na chama da visão profética, não se detinham em realidades contingentes, seu incoercível espirito voejava pelas nebulosidades do sonho.

— Eh! patricio! — exclamou António Dias, entaramelada a fala com um bloco obstrutivo de maçapan. — Não nos quebres as cabeças com oráculos, *obscuris vera involvens!* Bota p'r'aquí o que viste... *quantum acie possunt oculi servare sequentum.*

Mas, desdenhando o explosivo aplauso que saudava a citação vergiliana, Domingos Correia molhou os beiços no seu púcaro morado de Palência, e redarguiu com serenidade:

— Não me quebres tu a minha com latinó-

rios profanos. Mais do que os olhos do corpo alcançam os da alma.

— Foi o bandararra quem tos esgazeou?

— Acendrou-me a fé, que desloca montanhas.

O circumspecto Barbosa observou com pausada gravidade:

— A fé vai fugindo, na levada destes rios de Babilónia, em que nós, os portugueses, há sessenta anos andamos a penar.

— Ora adeus! — contestou, do canto da jogatina, o Guterres. — As penas, que carrega o Tormes, não são as nossas, mas antes as que plantamos no coração das suas ninfas.

— Nelas vingamos as desdidas da pátria — acrescentou outro escolar, que temperava uma viola, manca de bordão.

E, renitente em rememorações do Lácio, António Dias comentou:

— E não lhes dói muito a vingança. Ao caso bem se ajusta a sentença de Juvenal: *Vindicta nemo magis gaudet, quam foemina*.

Porém Domingos Correia, absorto em suas visões, atalhou com austeras palavras os desmandos chocarreiros:

— Tendes olhos e não vêdes, tendes ouvidos e não escutais. Sandeus, não sabeis que estamos em quarenta?

— Isso que monta, homem? — perguntaram de todos os lados.

— Monta que é êste o ano das profecias. Lá o diz o venerando Bandararra.

E o devoto sebastianista recitou em voz cheia de unção:

— Já o tempo desejado
É chegado,
Segundo o firmal assenta,
Já se passam os quarenta,
O rei novo é acordado...

— Tu é que não acordaste do sono com que te embruxou o demo do sapateiro — interrompeu o braganção.

Domingos Correia prosseguiu contudo, desatento à interrupção:

— Passei há cousa de seis meses por Amarrante. Lá encontrei a alma do Bandararra no corpo do velho Pedro Peixoto.

— *Est Deus in nobis...* — resmoneou António Dias.

— Mostrou-me os papéis de Santo Isidoro, que confirmam as profecias do vidente de Trancoso. O ano de quarenta! o ano de quarenta! — concluiu êle em êxtase de iluminado.

— Três meses faltam apenas para êle acabar — disse Barbosa.

— Numa hora se mudam as feições do mundo.

— A Deus nada é impossível — sibilou com reverência o clérigo, por entre as gengivas desguarnecidas.

— Desde o tempo de D. Afonso Henriques se esclareceu o futuro, que para nós é presente.

— Desde o tempo de D. Afonso Henriques? — inquiriram os scépticos.

— Sim. Antes de Ourique, surdiu-lhe na tenda um ermitão, de longas barbas brancas... Um resplendor divino o iluminava, estranha era a magia de seu falar... E prognosticou-lhe então...

Atentos agora os estudantes, haviam pôsto cõbro aos motejos. Algo de solene os enleava, como se sentissem através das fendas do soa-lho o sôpro gélido da gruta délfica, onde Apolo falava pela boca da pitonisa em delírio.

— E assim disse o ermitão: «Dezasseis gerações se seguirão à tua...»

Nisto, sentiu-se um soturno ranger de quícios. Todos os olhos volveram para a porta, como à espera de uma aparição sobrenatural. E não puderam conter um calafrio de sacro terror, quando o batente se entreabriu.

Nã talisca lóbrega, alvejavam dois glóbulos revolteantes, e, quatro dedos abaixo, entre

orlas de escarlate sanguíneo, duas feiras de ossículos luzidios.

Um instante de pávido silêncio, e logo o arrepio se resolveu num cõro hilariante.

— O preto! O Mamede! O escarumba! — clamaram.

— Que vens aqui cheirar, sevandija?

— Quem te mandou cá, perro guiné?

Diante desta chuva de interpelações, as orlas escarlates arregaçaram-se, e de entre elas esguichou uma voz atiplada:

— Mio sior pleso...

— Preso? João Serrão? Como foi isso? Quem o prendeu?

— Foi argazis...

— Os aguazis? Para onde o levaram?

— Carce Lial.

— Para o Cárcere Rial? Como sabes?

— Pleto também pleso.

— E como escapaste?

— Pleto abre oio e tem pé reve. Argazis virou plaça de Carbon, mi pôs perna em porvorosa...

— Ao Cárcere Rial! Andar! Vamos pôr na rua o Serrão!

Tais foram os desconcertados brados, que num relance puseram os lusos em pé de guerra.

Mas ouviu-se um ronco desconforme e arastado como de fera assanhada.

Vinha do extremo da grande mesa de castanho. Af, meio estiraçado na calvejada encouradura de um baú, à laia de romano César em seu triclinio, o espadaúdo Jerónimo da Silva, *Tigre* de alcunha, assistira indifferente a tôdas as peripecias do serão. Nem erguera os olhos piscos de uma escudela de grosseira Talavera, onde a cada passo renovava o cogulo de viandas, nem descerrara a fauce vasta senão para as armazenar nas inabarrotáveis entranhas.

E aos companheiros, que o ronco subitâneo varara, disse êle então, endireitando a estatura formidável:

— Isso è da minha alçada.

Ninguém ousou contestar. Apenas o africano Guterres perguntou, com deferente brandura:

— Vais sòzinho?

O Tigre dirigiu-se para o canto da casa, e redarguiu:

— Levo o meu badameco.

E a sua mão velosa sacou da penumbra uma cachamorra, curta e robusta, ouriçada de nós pungitivos.

— A clava de Hércules! — glosou António Dias.

— Vou-o amamentando pelo caminho, para lhe dar fôrça — prosseguiu Jerónimo da Silva,

aninhando o bélico madeiro nos imos sinuosos da capa.

Então Pedro Barbosa, com a sua autoridade de conciliário, chegou-se ao valente redentor de cativos, e afagou-lhe com a mão delgada a rotundidade do ombro.

— Olhai, amigo! — disse êle. — Os corchetes são muitos.

— Mas o preso é um só — replicou com incisivo laconismo o Tigre.

E, dando um passo para a saída, exclamou com firmeza:

— Dentro de meia hora, o mais tardar, aqui vos trago João Serrão.

Da porta, que se escancarou de súbito, irrompeu uma voz jovial que bradava:

— *Me adsum!*

Uma exclamação tremenda estrugiu:

— Vitor! Vitor! Vitor por João Serrão!

III

A figura esbelta de João Serrão avultava, no quadro negro da porta, erecto e arrogante na envoltura dos negros panejamentos, à semelhança de alto relêvo, talhado em ébano e marfim, representando um hoplita vitorioso, entre os adejos da clâmide. Alçava os braços. Na dextra, destroço do gládio, reluzia o punho da farrusca, viúva da lâmina. Na sinistra, qual despedaçado broquel, volteava a guitarra, erma de tampo, bambaleantes as cordas.

E eis o que êle narrou aos fortes companheiros:

— Esgueirou-se o Mamede, à laia de osga, por uma caleja perto da Plaza del Carbon. Parte da escolta, transtornada de siso, quis segui-lo. Eu segredei ao aguazil, que me ia vizinho: «Cautela com o Tigre!» O maráu esbugalhou os olhos, erriçou a bigodeira, esgaravatou os contornos, emparvecido de susto. Então eu vali-me do ensejo, encarapecei com a guitarra o toutiço do aguazil, fiz um cambapé a um corchete, espalhei pescoçadas a

torto e a direito, e dei às de Vila Diogo, pelo lado oposto. Aqui tens, amigo Jerônimo — concluiu o lisboeta, dirigindo-se ao Tigre, que lastimoso arrimava ao canto a moça inútil — aqui tens como, sem te mexer, fizeste o teu officio, escorraçando os esbirros; e eu, dando às trancas, fiz o meu, pois que rego de ar livre a minha cabidela.

Em altas e confusas aclamações celebravam os Viriatos o regresso do desgarrado à doutoranda estúrdia. Inquiriam aos brados sobre os preliminares da aventura, os quais João Serrão discretamente calava. Mas, dominando a barafunda, estalou a voz oracular de Domingos Correia, que com batuques repetidos na mesa reclamava as atenções.

— Irmãos, não vêdes um feliz preságio nesta libertação?

— Preságio de mais tundas nos corchetes — resmungou o scéptico Bartolomeu Guterres.

— Preságio das aventuras que nos reserva êste ano de quarenta —olveu Domingos Correia, como inspirado. — Assim o proclama o Bandarra. Ouvi-lhe a trova, escrita no ano graça de 1540:

Sonhei que estava sonhando
Que, passados cem Janeiros,
Os portugueses primeiros
Se levantarão em bando.

«Os cem Janeiros passaram, vai para dez meses. Antes que chegue o centéssimo primeiro....

E, dominados enfim pelos ditames proféticos, os bravos Viriatos engolfaram-se na contemplação do futuro.

IV

Estava na tarde seguinte João Serrão em saboroso colóquio com a sua diva Costanza Perez, à porta do pequeno horto onde ela acabava de colher uma regaçada de peras seródias de Aragão. Por simetria, sobraçava o estudante, regressando das aulas, uns volumosos calhamaços de Covarrúbias e outros potentes maçadores canónicos. E deleitava seu espírito, cansado de estopadas dialécticas, em tópicos mais gratos à sua melindrosa sentimentalidade de alfacinha.

— Ditosa fruta — dizia êle em castelhano — que sentirá o roçar dèsses carminados lábios!

— Esquece Vossa Mercê que a vão trincar dentes agudos — redarguiu Costanza, dèles fazendo alarde num sorriso de malícia.

— Embora! Não se me dava sofrer a mordedura!

— Pudera! no sebo atascam-se os dentes, e não ferem.

— Sim! De sebosos nos alcunham, a nós portugueses. E sabeis o porquê, minha estrêla?

— Sei. É que basta o calor das estrélas para vos derreter.

— Engano! De mais longe nos vem a al-cunha.

— Donde pois?

— É latina a derivação...

— Não me entendo com latins, que são alfaias de clérigos e doutores.

— E de ninfas também. Houve uma, chamada Galatea, que fazia negaças ao namorado, como Vossa Mercê a este seu escravo.

— Negaças em latim? Menos bolorentas são as minhas, castelhanas da gema.

— Ela com uma maçã, Vossa Mercê com uma pera.

— Largai a pera e voltaí ao sebo. Sempre gostava de saber como é que escorreu do latim, em vez de sair do carneiro.

— Eu explico. Sevoso vem da palavra latina *saevus*...

— Que bicho é êsse?

— Um adjectivo que significa cruel, bárbaro, desumano...

— Jesus! que susto! E tudo isso são portugueses?

— Nanja aos olhos de Vossa Mercê. Mas aos olhos de seus avós, quando os meus os desbarataram em Aljubarrota.

— Isso foi há muito?

— Vai para tresentos anos.

— Ah! então já tivestes tempo de amansar! Passastes a cordeiros... e agora balais no redil.

— Se Vossa Mercê fôra homem, não tentaria a seu salvo a cabeça dos cordeiros. Num abrir e fechar de olhos, muda-se o redil em redondel.

— Deus me valha! Como vos fusilam os olhos! É o sebo que ateia êsse fogo?

— E talvez que não tarde o incêndio. Mas afinal, sevosa é Vossa Mercê, tamanha é contra mim sua crueza.

— Deveras? Pois a mim me parece que da vossa parte estaria a crueldade. Que o diga o pobresito do Perillo...

— Perillo? Quem é?

— Não lhe sabeis o nome? Aquele vara e meia de ossos, com que ontem à noite medistes as lájeas da calçada...

— Ah! sim! — casquinou o estudante. — Quem o mandou encarrapitar em camarote alto, sem pagar a espórtula?

— Quis ver a portuguesada, que é auto de reboarias.

— Foi o rascão quem rebolou.

— Coitado!

— Vossa Mercê tem pena dêle? Bem me bacorejava que em favor de tão ruim galante

quebrava a vossa barbaridade. Já me pesa de não o ter atassalhado.

- Abrenuntio! que culpa tem o mesquinho?
- Negais que ele vos requesta?

A moçoila hesitou. Seus lábios vermelhos franziram-se, seus olhos azeitonis, desfitando o estudante, profundaram no indefinido.

- Confessais? — instou êle, ansioso.

E ela replicou por fim, com certo acanhamento pouco harmónico com a desenvoltura de seu feitio:

— É meu vizinho há muitos anos... De tamanino o conheço...

— E de tamanino lhe escutais os requebros, aposto.

- Não os escuto, ouço-os...
- Bem adivinhava eu.

— Porque não sou surda, mercê de Deus!

E a rapariga atalhou o suspiro, meio de despeito, meio de ameaça, que arredondava o arcabouço do português, acrescentando com meiga inflexão:

- Mas não lhes dou ouvidos.

— Costanza! adormeceste na apanha das peras?

Assim estalou de improviso uma grita rouquenha de mulher, do interior distante da casa.

— Jesus! minha mãe que chama! — exclamou

a môça, dando impulso ao corpo donairoso para a retirada.

Mas a mão do estudante prendeu-a ao de leve pelos ribetes verdoengos da manga.

— E aos meus protestos — disse êle — não dareis também ouvidos?

Ela desenvincilhou-se num relance, e rompeu sorrindo numa corrida que a distanciou dez passos. Depois, parou um instante, volveu para êle o rosto afogueado, e atirou-lhe a resposta:

— Aos vossos, de bom grado os atendera o coração, se nêles houvesse fé.

E, à semelhança da Galatea, sumiu-se entre o arvoredos.

João Serrão quedou-se perplexo, por lhe fugir ensejo para a réplica. Em seguida, um sorriso de esperança lhe alvoreceu sob a penugem do buço.

Saiu à rua, cerrando a porta sôbre si.

V

Cantarolando manso, encaminhou-se para a ponte romana que encavalga o Tormes. Sorria a seus amorosos enleios o céu franjado de nuvens diáfanas, sobre o qual perfilava a esgula tórre quinhentista, rompendo a meio dos ameados parapeitos. E da margem oposta, espriada e espumosa, os amieiros em renque pareciam acenar-lhe esperanças, no bambalear das raras frondes, molemente abanadas.

Acercou-se da monstruosa alimária de pedra, atalaia na testa da ponte, e riu-se para a sua disformidade. Sómente olhos de heráldicos, pensava êle, podiam trasladá-la, sob a configuração de touro, para o brasão de Salamanca.

— Eh boi rial! dá-me sombra e não marres!
— murmurou jovialmente.

Sentou-se no embasamento, arrimou-se ao duro corpanzil. Depois abriu sôbre os joelhos um dos pesados calhamaços, e tentou engolir-se nas subtilezas jurídicas do Bártolo es-

panhol. Que fascinante figura se interpunha diante das grossas letras carrancudas! Era o mesmo semblante, rosado e fresco, que havia minutos o alumiará com um sorriso promissório; os mesmos olhos, de reflexos esmeraldinos, cujo lume ainda lhe escaldava o sangue; o mesmo triângulo de brancura macia e fôscá, rasgando na apojadura do corpete um ádito de encantos...

Do embevecimento íntimo despertou o estudante, quando uma sombra delgada adensou a ampla sombra que o envolvia. Levantou a cabeça, e viu a dois passos de si um machacaz estrábico, de melenas côr de ocre, que titilava as pernas, magras como vaquetas, dentro de amplos greguescos de lenço, e retorcia nas mãos encardidas a monteira, vermelha em tempos idos.

— *Señor português!*... — flauteou uma voz que rompeu dos beiços franzidos, sobrecarados de rala pelugem.

— Que quereis de mim, muchacho? — inquiriu o estudante.

— Vossa Mercê não me conhece? — perguntou por seu turno o recém-vindo, em castelhano com ressaibos regionais.

— Não tenho essa honra —olveu o Serrão no mesmo idioma.

— Vossa Mercê me reconheceria num pron-

to, se eu lhe passasse às cadeiras a dôr que ainda alanha as minhas.

— Já sei! — atalhou o lisboeta rindo. — Sois o homem do poleiro...

— Perillo de las Batuecas, para servir a Vossa Mercê.

— Para me servir? Ponto é que eu precise passaros de alcândora.

— Para mais coisas sirvo, senhor. E se Vossa Mercê se dignar atender-me...

— Falai, que vos darei despacho.

O rapaz enrodilhou mais a coçada monteira e titubeou:

— Pois eu, senhor português... confessarei a Vossa Mercê que bebo os ares pela Costanza Perez...

— Bem parece que o ar vos enfuna. Continuai.

— A mãe dela esteve já meio entendida com meu pai para as bodas. Era caso de eu amealhar mais uma mancheia de ducados. Vai senão quando, aparece Vossa Mercê, começa a render-lhe finezas... Não lhe quero mal por isso. O sol encandeia as vistas a tôda a gente. Mas Vossa Mercê é forasteiro e de boa linhagem, deve ter em sua terra noiva mais acomodada à sua condição, e não quererá, por um desfastio de momentos, encher de tristeza e desespero alminhas que não o

agravam. É por isso que lhe suplico deixe a môça em paz. E muito à boa paz lhe faça êste requerimento. Por sinal que nem sequer tratei de o tornar aos ferros, donde Vossa Mercê se escapuliu, depois do boléu com que me amachucou. É que eu sempre confiei que Vossa Mercê me daria ouvidos e não causaria a minha desgraça. Aqui tem Vossa Mercê o que eu lhe queria implorar.

Ao terminar, os olhos do Perillo envesgavam-se mais na refrangência de suspensas lágrimas, e a arfagem precursora de um soluço lhe tufava a camisa amarelenta.

Mas a paixão é feroz como os clássicos tigres da Hircânia. João Serrão encolheu os ombros, e redarguiu em tom faceto:

— Mui bem falastes, homem. Nem Cícero vos ganhara! Mas neste jôgo de amores não se querem trapaças. Jogai vossas cartadas, e eu jogarei as minhas...

— Mas Vossa Mercê tem os trunfos todos na mão — interrompeu o outro, lamuriento.

— Oxalá que assim seja, amigo Perillo! Levantarei o bolo. Mal para vós, que tendes as mãos cheias de cartas brancas!

— Pois Vossa Mercê não se condói?...

— Condoer-me, de quê? Não há mal que não tenha compensações, homem de Deus. Tão fecunda é vossa loquêla, que as Musas

não desdenharão de vos segredar seus feitiços. Cantareis vossos queixumes, e em vez do amor lograreis fama. A vós se moldam aquelas lástimas do zagal da *Diana*:

Amador soy, mas nunca fuy amado,
Quise bien y querré, no soy querido,
Fatigas pasé...

— *Con su pan se lo coma, señor estudiante!* — prorrompeu o campónio, enraivecido. — Não estou em veia de cantar, senão de guerrear pelo que é meu!

O português soergueu o torso, e acentuou a visagem de escárneo.

— Olé, senhor de las Batuecas! — exclamou. — Assim mudais os suspiros de Mancias em bravatas de Ferrabrás! Por minha fé, que me estarreceis de pavor com essa frágua de fúria! Sinto barruntos de a apagar além nas ondas do Tormes.

Estendia o braço com tal arreganho, que o môço salamanquino julgou sentir já no pescoço a frialdade das águas turvas. Volveu as espaldas, vomitando pragas, e só a respeitosa distância se virou de novo, para ouvir a última facécia com que o português atroava a margem solitária do rio:

— Ide, e glosai a trova de Boscão:

Justa fué mi perdicion,
De mis males soy contento,
No espero galardón...

— O galardão vos darei eu, sevoso de uma figa! — bradou de longe o Perillo, agachando-se para apanhar uma pedra.

A pedra voou na direcção do estudante, mas só lascou o lombo granítico da inofensiva alimária.

E o mofo galan tomou por melhor o retirar-se, saudado pelas valas poéticas de João Serrão.

VI

Retirou-se o Perillo, mas sem renunciar à vingança. Foi em cata dela ao Colégio do Arcebispo, onde se aglomerava a matilha de biscainhos, perros para os felinos da Lísia. Viu-se a sua figura magrizela colear por entre as elegantes colunas jónicas do claustro, em conferências tremendas com os mais rudes valentões da hoste. Mensageiro interessado, foi êle quem procurou, com recado instante dos biscainhos, o mais famoso esgrimista da sua nação para lhes dar forte ajuda no lance que preparavam. E fuzilaram-lhe de odiento alvoroço os olhos vesgos, quando *el maestro* desencantou de um armário o seu famigerado montante, anacrónico flagelo de guerra, que sua mão, cabeluda e perseverante, descamisara da ferrugem secular.

Entrementes, durante dias friachos, que se arrastavam para a invernía, também se amiludavam as reuniões dos portugueses, quasi sempre na confraria de Santa Maria de la

Vega, desde o tempo de el-rei D. Manuel sustentada por monarcas de Portugal. Mas, desprecavidos do perigo, era em diferentes tópicos que assentavam suas discussões. O mais corrente era o determinado pela teima sebastianista de Domingos Correia, que com a burziguiada de versos sibilinos ia encharcando os ânimos.

Dêstes, era o de António Dias o que se mantinha mais impermeável, por nativo scepticismo, às bâtegas copiosas. Com citações clássicas, conforme o seu vezo, as enxotava zombando. E ásperas reprimendas entremeavam, na bôca do iluminado, a catadupa de textos veneráveis, cachoando desde o doutissimo Esdras até ao sapateiro santo Simão Gomes.

Raro comparecia nas assembleas o lisboeta João Serrão.

— Mi siôr tomá fresco à beira di rio — informava o ladino Mamede com trejeitos manhosos.

— Bem sei! — dizia o Guterres, mais experto em lances cupidíneos. — Anda à pesca; assim Deus permita que não se fira no anzol.

— O peixe ainda não mordeu? — inquiriam os curiosos.

Mas logo que, no pendor da inquirição, o cavaco resvalava para profanidades, dilectas da juventude, a palavra austera do Correia,

secundada pelo desdentado clérigo, retraía os Viriatos para o âmbito das preocupações políticas.

E dentro dêste se lhes iam incendiando os espíritos. À medida que declinava para o seu têrmo o ano fatídico de quarenta, marcado a lume nas trovas do Bandarra, mais e mais crescia a esperança de novas alvoradas, inflada pela persuasiva eloquência do apóstolo transmontano. A ponto que já fora destas secretas assembleas ela transluzia despejada aos olhos suspicazes de estranhos.

— Que mirais com tanto afinco, *caballeros*? — perguntava um dos filhos do poderoso duque de Béjar, ao passar por um grupo de estudantes portugueses, aglomerados em frente da fachada plateresca da Universidade.

— Formosa fábrica! — redarguiu, adiantando-se para o espanhol, o africano Guterres.

— Certamente. Uma maravilha de arte!

Encolhendo os ombros, affectando desdenhosa piedade, o estudante observou:

— Será na verdade lástima derribá-la.

— Como? derribá-la? — volveu o fidalgo surpreso.

— É a sorte que a espera, a não ser... Que vos parece, Jerónimo da Silva? Substituindo aquelas armas e o medalhão principal, talvez que pudéssemos salvar a portada.

O dedo pardusco do Guterres contornava de longe os lineamentos do régio brasão que mediava a segunda fiada escultural da frontaria; e logo, descendo, apontava os bustos algo toscos dos reis católicos na empolgadura de um scetro único, erecto, como eixo da complicada fábrica, no prolongamento da canelada coluna que geminava o portal.

Por um grunhido dubitativo, consoante o seu costume, respondeu o Tigre à consulta do colega. E no entanto, de olhos espantados, o filho do duque assistia áquela espécie de audacioso litígio, do qual, com o consenso manifesto dos ouvintes, impendia a sorte do soberbo monumento.

— Mas — disse êle por fim — quem pensa em destruir tão venerando ediffcio, que há mais de quatro séculos é glória das Espanhas?

A isto replicou o Guterres com vivacidade:

— Ninguém terá mão nos pelouros portugueses, quando arrasarem Salamanca.

O fidalgo leonês permaneceu um segundo atordoado, até que uma gargalhada irreprimível lhe desengonçou o arcabouço.

— Que tonteria! — exclamou.

— Tontos os narizes que farejam para lá das fronteiras um fedor a defuntos.

Tal a sentença com que o sapiente Correia interveio no diálogo. Antes porém que de seus

lábios acabasse de fluir, já o nobre de Espanha, num largo gesto de requintada cortesia, varria com as plumas do sombreiro o pavimento do pátio, e com solene compostura se desculpava:

— Queiram Vossas Mercês olvidar, *cabaleros*, a palavra que me escapou da bôca. Não é de fidalgo espanhol o desprimor para com forasteiros. Quedem-se Vossas Mercês com Deus!

E, saudando com ênfase a companhia, afastou-se a passos mesurados para a banda da catedral.

— *Et procul in tenuem ex oculis evanuit auram.*

Era António Dias que se acercava, com o seu bordão latino, para espancar as nuvens, levantadas pela imponente sortida do excelso Béjar.

Este porém levava no ânimo um perigoso rastilho de suspeições. Por Salamanca inteira, assoprado por outros actos temerários dos portugueses, o lunaréu se ateou dentro em pouco. E foi avolumando a propaganda pertinaz do Perillo, de antemão propiciada pelos biscainhos, agora fortalecida pelos rancores nacionalistas, que a arrogância portuguesa exacerbava.

VII

— O prazo é prestes a findar — disse Domingos Correia por meados de Novembro. — Não é tempo de letras, mas antes de armas. Falece-me espírito para vãos estudos, sobeja-me ânsia de benéficas pelepas. Vou-me para a minha pátria Vila Rial, e de lá vos mandarei novas e avisos. Se aqui me detenho, morrerei de impaciência.

E, de feito, a febre das visões interiores parecia ir-lhe definhando o corpo débil. Nenhum dos companheiros, receosos das consequências, ousou dissuadi-lo da partida. E numa manhã nublada saiu da cidade o sebastianista, acompanhado até os subúrbios por um rancho tumultuoso de compatriotas.

Dêstes, três houve que, escarranchados em pacientes jumentos, se abalançaram a alongar o bota-fora. Deitaram até à pitoresca vilasita de Almenara, por não lhes agüentarem as

montadas mais dilatada excursão. Eram êles o humanista António Dias, o assomado Gutierrez, e o taciturno Jerónimo da Silva. Entre as libações de um succulento repasto se despediram do viajante, o qual seguiu logo em direitura de Ledesma. E os três amigos, depois de algumas horas de bucólico refestelo nas ribas arborizadas do Tormes, retrocederam para a cidade universitária.

Era quasi sol-pôsto quando entraram pela porta de Santo Tomás. Antes disso, para não afrontarem a pragmática de 1608, que vedava aos estudantes o uso de cavalgaduras, haviam restituído ao alquilé suburbano os jericos, derreados por mais de seis léguas de caminhada. E pelas ruas, áquela hora pouco concorridas, foram vagarosamente endireitando para a pousada, que compartilhavam com o enamorado Serrão.

— A que escala chegaria êle, na sua rota para Citera? — indagou o africano, referindo-se ao companheiro ausente.

E como a reminiscência mitológica aticasse a vela clássica de António Dias, ocorreu-lhe naturalmente a citação poética:

— A estas horas, qual a abrasada Dido, *tota vagatur urbe furens*.

Mas a resposta concreta sôbre o paradeiro do transvlado, deu-a muito a propósito o mo-

leque Mamede, surgindo inopinadamente de uma esquina, em frente dos estudantes.

— Siora Prito Santo! — tartamudeou ofegante. — Andava cata boso. Vem biscainho em barda atacar mio sior...

— Com mil raios! e onde está o teu se-nhor?

— Encurrarado em casa...

— E os biscainhos já lá chegaram?

— Nan siôr. Vai sair da toca: corégio de Arcebispo...

— A casa num virote! — comandou António Dias.

E os três estugaram passo, calçada arriba, para a Calle de Moros.

— Onde vais, mafarrico? — trovejou o Tigre, ao ver que o Mamede se aprestava a correr em sentido oposto.

— Bai buscá masa portugueso...

— Estrafego-te, se tal fazes.

E já as garras férreas do Tigre atenazavam a delgada cachaceira do preto, arrastando-o na peugada dos outros que se adiantavam.

— Siôr — lagrimejava o Mamede entre os arquejos da correria — siôr, ser muita biscainho... más que praga...

— Mil? — perguntou o estudante, escarninho.

E o moleque, emmaranhado nos mistérios da aritmética, encareceu;

—Upa, siôr! Más de quarenta... e todo com escopeta, e rança e pistora, e espara...

—Poder tamanho junto não se viu,
Depois que o salso mar a terra banha...

Assim bradou da vanguarda o erudito Dias, enaltecendo desta feita a Musa camoniana, com preterição das Musas latinas.

—Tanto mais divertida teremos a seroadal —acudiu o Guterres.

E o rancho atalhou caminho por empinadas calejas.

Uma cinzenta penumbra as alagava. Apenas pelas nesgas do céu corriam latejos de luz pérlea. E, como soluços extremos do dia, as badaladas das Trindades plangiam no campanário de San Martin.

Uma dona açodada recolhia da igreja, levantando com as fraldas do campanudo guarda-infante o pó que ia anuviar o sorumbático escudeiro. As lojas cerravam-se com um tristonho ferrolhar. Só nas tavernas piscavam clarões lívidos. E na melancolia vespertina a voz de um pícaro avinhado entornava as crepitantes alegrias da toada popular:

Don, don, don, don, camaleon:
Como lo bulle, lo bulle,
Lo bulle, lo bulle, mi corazon.

Quando os estudantes penetraram no pátio exterior, tudo era escuridão e silêncio. Atravessaram-no, depois de tentarem debalde cerrar a cancela, emperrada por prolongado des-serviço. Treparam ao sobrado. Á luz de uma candeia, pousada no bufete, viram João Serrão a dormir regaladamente, espapaçado num catre.

—Então teu amo não foi prevenido? — perguntou Guterres ao negro.

Mas quem respondeu foi o clérigo açoriano, que a um canto da casa brunia solícitamente uma velha espada.

—João Serrão sabe tudo. Quando eu cheguei, espreguiçava-se. E disse-me: «Ainda bem que viestes! Posso passar pelo sono, que ando bem falto dêle. Quando a matilha aparecer, despertai-me». E ali ficou, como Deus com os anjos.

—Não o acordeis! — exclamou António Dias vivamente. — Aproveitemos o tempo. Vamos ao que importa.

—Tratemos de nos armar sem detença, e esperá-los hemos á entrada do pátio — sugeriu o africano.

—Nada de vãs reboarias! O meu plano é melhor.

—Qual é?

—Escutai. Somos um contra dez. Isso basta

a portugueses. Mas não deixemos do nos ajudar, como diz o poeta,

Por manhas mais subtis e ardis melhores.

Prestaram todos ouvido atento às instruções de António Dias. E, dentro de poucos minutos, João Serrão despertava ao estridor das gargalhadas.

VIII

Sorratamente, cousa de meia hora mais tarde, a hoste agressora assomou á entrada do pátio. Eram uns vinte vizinhos de Salamanca, parentes ou amigalhaços do ciumento Perillo, com outros tantos biscainhos, dos mais acirrados em fúria lusófaga. Á frente, sopesando nos dois grossos punhos o formidável montante, *el maestro* Surre, esgrimista exímio, fungava os ares fuscos, coados pela paliçada ruivacenta que lhe erriçava o beiço. Do negrume dos ferragoulos espreitavam canos de arcabuz, pontas de espadas arregaçavam a fimbria das capas, acima das cabeças retraçavam-se silhuetas esguias de chuços, de estadulhos, de fueiros, de choupas.

Afeiçoados à turvação nocturna, os olhos dos invasores enxergaram, na fachada fronteira à cancela, o lóbrego bocejo de três janelas abertas. Abertas, sim, mas não desertas. Uns vultos negros as povoavam, mais indistintos na sombra de grandes chapéus desa-

bados, de anchas gorras emplumadas, de compridos barretes derrubados. A meio dêles, furavam a treva reverberações vagas de metais.

— Ei-los à espreita — murmuraram uns para os outros os assaltantes.

— Fogo nêles! — ordenou à surdina *el maestro*.

Uma dúzia de arcabuzes despejou nas janelas uma saraivada de zagalotes. Ao estampido das detonações sucedeu um retinir de vidraças estilhaçadas, e uma nuvem de fumo tapou a fachada alvacentá. Nem sinal de resposta, contudo. Biscainhos e salmantinos encorajaram-se.

— Ávante! Morte aos sevosos!

E avançaram com efeito. Mas a fumarada, dissipando-se nos ares, descortinou de súbito a porta escancarada. Do rectângulo caliginoso surdiu uma voz imperativa que bramia:

— *Sursum corda!*

E logo após um temporal desfeito, de bordoadas e cutiladas, desabou sôbre a hoste. Foi, no meio da treva, uma batalha truculenta. Os assaltantes perceberam, menos pela vista que pelo amachucar de crâneos e costelas, os sarilhos de uma clava hercúlea. Quantos braços armados os defrontavam na defesa, não poderiam êles dizê-lo, mas sentiam no

esbeçamento sangrento das carnes a excellência de repetidos botes. Em torvelinho pelo pátio, ressaltava uma espécie de trouxa roliça, da qual esguichava uma haste rematada por acerado faim, longa como sarissa macedônia. E o seu caprichoso voltejo infundia o terror das cousas misteriosas.

A meio do recinto, entrevia-se um vulto, cingida a capa no braço esquerdo em guisa de adarga, abrindo com o manejo de uma irrequieta durindana uma larga clareira em redor. E frases latinas, que a inflexão ironisava, intercalavam com os floreios temíveis. Foi pelo sestro latinista que o reconheceram. Repercutiu um clamor pávido:

— *El diablo portugués!*

E o alarido que se seguiu precipitou o pânico. Os fugitivos esbarraram com os primeiros vizinhos que acudiam, trazendo archotes que iluminaram o campo da refrega. Entre apupos e galhofas, Jerónimo da Silva arrimava-se majestosamente à sua clava, tal como Alcides depois de abater o leão de Nemea. João Serrão limpava de sangue o farrumpeu embotado. Guterres e o clérigo, convulsos de riso, enristavam as armas, uma choupa e um mangoal, para as janelas, onde uns grotescos paspalhos, com carnaduras de trapo, vestidos a esmo, encarapuçados a capricho, dobravam

sobre os peitoris os corpos flácidos. Junto à porta da casa, espreitava de entre dois travesseiros que o acolchoavam, como espaldeira e couraça, a careta simiesca do Mamede, rasgada pelo nitente da dentuça. E, pulando, fazendo esgares, a sua mão esgrimia ainda com a improvisada sarissa.

Despojos de tôda a sorte juncavam o pátio. Curvado para o chão, sobraçando a durindana esborcinada, António Dias, *el diablo portugués*, captava o descomunal e anacrónico montante *del maestro*. E erguendo-o com hierática reverência, clamava aos consócios:

— Amigos, recolhemos os troféus da vitória! *Spolia ampla refertis*. Por mim, à semelhança do Cid Campeador, não renego a minha Colada invencível por ter ganho a Tizona que o vai ser. Tenho mãos para ambas.

E, brandindo no ar as duas lâminas, que a chama dos archotes ensangüentava, virou-se para o auditório afluente:

— Vêde, castelhanos, e tremei!

Mis arreos son las armas,
Mi descanso el pelear...

IX

Pardusco e frio, Dezembro entrou; e com êle, na capela da Virgem de la Vega, começou o oitavário da Conceição. Era a festa rija, que Salamanca votara, vinte e dois anos havia, à padroeira da cidade, concebida sem pecado. E todos aqueles dias, vésperas da consagração jubilosa, a multidão corria a prostrar-se diante da imagem policroma, pompeando no altar. Sentada na sua cadeira bizantina de espaldar esculpido, no braço esquerdo sustentando o Deus tamanino, ela estendia para os devotos, em acto de bênção, a dextra de bronze. Inundava-a de esplendores a irradiação das pedrarias engastadas em seu corpo; e amorosos eflúvios parecia derramar o azeviche de seus olhos.

Rezara-lhe copiosamente, naquela tarde, a gentil Costanza. Quando, ainda encandeada, se lhe deparou à saída a figura garbosa de João Serrão, a moçoila mostrou no olhar as

secretas graças que rendia à Virgem. A sua prece fôra atendida, sem dúvida.

O estudante lisboeta acercou-se.

— Afortunado encontro! — disse êle. — Há que eternidades vos não vejo!

Ela redarguiu, banhando-o todo no fulgor de seus olhos:

— É para vos irdes acostumando à ausência.

— Como? à ausência?

— Sim. Correm por aí vozes de levantamentos em vossa terra. Para lá tereis que voltar porventura.

João Serrão encolheu os ombros.

— A tais atoardas não dou crédito. E que haja revoltas, isso que monta? Ha três anos as houve em Évora, e tudo se aplacou num ápice.

— Nossa Senhora permita que o mesmo aconteça agora!

E como João Serrão esboçasse um movimento de protesto, a salmantina acudiu com vivacidade:

— Não é isso que desejais também?

Foi com mais grave entoação que o estudante respondeu:

— Escutai, Costanza. Tenho de herança em meu sangue saúdades de uma pátria libertada. Como quereis que lhe abençõe os grilhões?

Ela baixou os olhos, descórando um pouco.

— Cuidei eu que os abençoaríeis, por vos prenderem a... a quem protestais querer muito.

João Serrão, perturbado, enveredou o colóquio pela senda madrigalesca:

— Deixai-vos de escusados devaneios. Gozemos o presente, que o futuro a Deus pertence. Se esta noite vos visse em vossa gelosia! Quero cantar-vos um mote que glosei a êsse propósito:

Nasce o dia. Abro a janela,
Não vejo a luz, inda assim.
Cai a noite. Abris a vossa,
Entra o sol dentro de mim.

— Precioso! — exclamou a rapariga, lisonjeada.

E a alvura dos seus dentes, patenteada na vermelhidão de um sorriso, foi como bandeira de paz, pressaga de venturas.

Para lhe agradecer, o estudante aprisionou-lhe a mão, que esvoaçava em acenos de aplauso. Mas um clamoroso apêlo o forçou a voltar-se, soltando a presa.

— João Serrão! João Serrão!

Um magote de portugueses, num alvôrto de júbilo, corria para êle, agitando as gorras.

E da boca desdentada do clérigo açoriano, um dos que vinham na vanguarda, ejaculou o versículo da angélica mensagem:

— *Annuntio vobis gaudium magnum.*

Num turbilhão de sotainas e mantéus, a turba rodeou o lisboeta, arrastando-o para o ingresso adintelado do Colégio de la Vega.

João Serrão resistia, protestando. Seus olhos já não se regalavam na visão da formosa Costanza, que num relance se esvaíra. Que alegria puderia sobrepôr-se àquela?

Mas, no meio do tumulto, umas palavras mágicas sibilaram a seus ouvidos atordoados:

— Temos rei novo. Temos rei português.

— Que dizeis? — exclamou êle.

— Olhai! — acudiu António Dias, travando-lhe do braço e apontando para um camponês de ceifões, empoeirado e barbudo, que os seguia ofegante. — Eis o mensageiro de Domingos Correia. Foi êle quem trouxe a nova, e por um tris não vomitou com ela os bofes, como o soldado de Maratona.

— Mas será certa?

— Tão certa como a parvoíce dos lentos. Foi a 1 de Dezembro. Adiantou ainda um mês ao fim de quarenta. O Bandarra é quem tinha razão. Folgo em cantar a palinódia. Viva el-rei D. João IV!

O grito rebentou já no âmbito do claustro românico, onde pareceram repercuti-lo, do cimo dos capitéis multiformes, as aves longirostras, os quadrúpedes chavelhudos e bailantes, as carateantes quimeras, os fantásticos tangedores de trompa e de arrabil. Mas só após cousa de meia hora, terminado o conciliábulo dos estudantes, é que êle estrugiu desafogadamente cá fora, trazido pela onda dos Viriatos que alagou a riba do Tormes.

Era uma exaltação de fé patriótica que esbraseava aquelas almas juvenis. Era o satúdoso anseio da terra nativa, tal como nunca seus olhos a haviam sorvido, iluminada pelo sol da liberdade que sôbre seus berços se eclipsara. Era a consciéncia da nacionalidade ressuscitada, a visão atávica de uma côrte esplêndida, de um passado heróico, de uma pátria livre e gloriosa.

E em face da velha cidade leonesa, cujos zimbórios, carrancudos na luz morrinhenta, pareciam protestar lá do alto contra as incontinências rebeldes, os hosanas da libertação irrompiam, alastravam por sôbre as águas sussurantes do Tormes, que, turgindo o Douro, os levariam fronteiras dentro do restaurado reino.

— Voltamos à nossa terra! Portugal nos chama!

Assim bradavam os exilados, correndo à tóa junto às hortas marginaes, capeando com os mantos num adeus hostil a Salamanca, atirando ao ar os grossos códices didácticos. De improviso, um mercado de sciência infusa se armou pela orla do rio, em que por miserros reales, e às vezes a trôco de velhas armas, se malbaratavam cânones, filosofias, teologias, jurisprudências.

— *Habent sua fata libelli!* — chasqueava António Dias.

— Abaixo os alfarrábios bolotentos de Castela! — vociferava o africano Guterres. — Viva Portugal numa edição nova!

Gravemente, passando com seu façanhudo irmão Jerónimo da Silva por entre as alas dos estudantes que o saudavam, o Doutor Simão Rebelo, opositor numa das cadeiras da Universidade, protestava:

— Deixo a cátedra aos biscainhos. Nunca mais os doutores de Portugal derramarão seu saber por escolas castelhanas.

E então, quer fôssem levados pelo desafôgo de temíveis competências, quer os entusiasmasse a afinidade de aspirações nacionalistas, os biscainhos fraternizaram com os seus figadaes inimigos. Às dêstes se juntaram suas vozes, aclamando Portugal independente. E, surpreendidos pela inopinada erupção do sen-

timento patriótico, acoissados pela conjunção dos grupos rivais, os castelhanos sumiram-se para o interior da cidade, deixando a orla marginal na posse das multidões exaltadas. Nem um aguazil, nem um corchete, ousaram escurecer o chão da várzea com a sombra dos anchos sombreiros, fraldados como montanhas, copados como nogueiras.

— *Mañana todo se compondrá* — diziam os mais ponderados, encolhendo os ombros.

— Manhas de rapazes, que se agarram a um pretexto de madracice! — comentava riso-nhamente o reitor Don Tomás Doria.

Mas a doida alegria não abrandava. E, de envolta com o estridor dos vitores, com as altercações da veniaga, crepitavam, entre assuadas, as despedidas a Salamanca.

Só um dos portuguezes fazia mácula no júbilo dos patricios. Diante da janela entreaberta, onde, através das rexeas, se divisava o rostinho feiticeiro da sua ninfa, João Serrão quedava-se angustiado. Feria-o, emitido por aquele olhar lacrimoso, o primeiro dardo de uma saúde que êle antevia atormentadora e eterna. Porque a iminência do apartamento lhe dava por instantes ao caprichoso enlêvo as tintas fortes de paixão soberana.

E perscrutava melos de conciliar os apelos da pátria resgatada e os anelos do coração

ardente. Num momento, em que se atenuava a algazarra exultante, o lisboeta ergueu a voz vibrante de comoção, e arrojou para a janela um protesto insensato:

— Já que não quereis seguir-me, eu virei buscar-vos em som de guerra!

Por entre as rexas, onde branquejava um lenço, coou-se uma réplica amarga:

— Longe da vista... Quanto vai folgar o Perillo!

— Não! — exclamou êle com energia. — Antes ficaria, apesar dos estorvos...

Mas sentiu mão amiga que lhe premia o braço. Voltou-se. Era António Dias, que com uma frase galante aflagava a um tempo seus ouvidos e a ventana entreaberta:

— Filipe IV acaba de perder o mais belo dos seus reinos. Deixa-lhe ao menos, amigo, a mais formosa das suas súbditas!

E, feita uma vénia palacega ante a gelosia que se cerrava, *el diablo portugués* apontou para o extremo da ponte.

Encavalgando a ambígua alimária de pedra, o Tigre arvorava um estandarte branco, onde se desfraldavam, pintadas de fresco, as quinas portuguesas. Em derredor, a nuvem dos estudantes explodia numa algazarra frenética:

— Viva Portugal livre!

Inesperadamente, por detrás dos dois am-

gos, surdiu um eco aflautado do vivório. Sobre o muro adjacente à casa de Costanza, amarelejava uma grenha crespa, esgarravam dois olhos vesgos, escancarava-se uma bocarra em pavilhão de tuba, agitava-se uma desbotada monteira.

João Serrão teve um impeto de cólera. Susteve-o António Dias, que lhe segredou com desacostumada gravidade:

— Anda daí, homem! Não sejas surdo ao revocar das Tágides! Se o Amor tem que gerar traições, deixa o labéu áquele picaro zanaga! Vamos nós sossegar os manes de nossos avós, afrontados há sessenta anos em Alcântara. E com a desforra tè consolarás também: *Minuit vindicta dolorem*,

Mas a erudição do escolar, abafou-a nova revoada de aclamações, saudando Portugal renascido.

A SORTE DO CAMBAIA

A Francisco Rangel de Lima

I

Foi por uma manhã de primavera, no ano de graça de mil quinhentos e trinta e tantos, que entrou por Alvorninha um homem de idade madura, alquebrado e escalavrado, ajoujado com uma sacola de destingido canequim, agüentando as passadas manquejantes com um bordão de marmeleiro. Depois de atravessar a rua deserta, parou um instante defronte da matriz, envôlta em andaimes, a contemplar o belo pórtico manuelino, cuja lavrada cantaria alvejava recente, pelos interstícios de um grosseiro tapume.

Desceu depois em direitura da capela da Misericórdia, e saudou com uma mirada amiga o seu campanário singelo, o seu singular alpendre alcandorado sôbre colunas a um dos lados da fachada.

Enfiou deliberado por uma viela que se rasgava em frente do pequeno edifício.

Duas crianças encardidas e ranhosas, que brincavam na embocadura ensombrada, apenas

deram com os olhos assustadiços no vagabundo, foram refugiar-se numa casa térrea. Contíguo a essa, um pardieiro meio desmoronado atraíu os passos do homem. O seu cajado, batendo com fôrça na porta ainda sólida, produziu um som cavo e retumbante. E logo do lado acudiu, com os dois pequenos agarrados ao sainho de bristol, uma mulheraça de busto pujante e fala resoluta:

— Que buscais aí?

Com voz rouquenha e cansada, o homem perguntou:

— Não mora aqui a Maria Pinheira?

— Boa vai ela! — redarguiu a mulher com uma risada. — Com que êle vem agora! Que décho lhe querieis, homem?

— Trazia-lhe um recado.

— Pois ide procurá-la no adro da igreja. É lá que ela pousa agora, debaixo de uma lájea.

— Morreu? — inquiriu o vagabundo, com um estremeção.

— Há cousa de tres para quatro anos, pelas minhas contas.

O homem enxugou com a aba do capeirão remendado a testa aljofrada de suor.

— E a filha, que é feito dela? — perguntou em tom mal seguro.

A mulheraça encolheu os ombros.

— Sei lá! Essa levou máu caminho, logo

que se viu sòzinha no mundo. Desalvorou daqui, depois do escândalo com o André Barbeiro. E agora, rosna-se que ela vive lá para as bandas de S. Gregório.

O homem arrimara-se à ombreira da porta, como se vacilasse nas pernas manquejantes. O rosto, que uma profunda cicatriz laivava, arregoando a barba grisalhante e hirsuta, contraíra-se numa expressão de agonia irremediável.

Depois de um silêncio, em que a mulher lhe catou com olhos suspeitosos a fisionomia, êle encarou-a por seu turno atentamente.

— Não sois a filha do Martim Picudo? — interrogou, afirmando a voz.

— A mesma —olveu ela espantada. — De onde me conheceis?

O homem teve um sorriso amargo.

— E vós, não me reconheceis também?

Mais se arregalaram os olhos azeitonis da criatura, ao responder numa exuberância de pasmada gesticulação:

— Querem vêr que?... Louvado seja Deus! Quem tal diria! Como estais mudado, Roque Pinheiro! Como havia eu de conhecer-vos assim? Era ainda tamanina quando daqui vos partistes para essas terras de além. Coitado! Em que estado voltais! Entrai, homem de Deus, e refazei-vos ao menos. O meu homem

anda lá no amanho das terras. Entrai, e comei do que houver.

Caridosamente, arrastando os medrosos pequenotes, a mulher amparava o homem, cujos olhos se nublavam de lágrimas, introduzia-o no aposento humilde, sentava-o à mesa tósca de castanho.

— Que novas ruins me dais! — soluçou êle.

— Vontade de Deus! — disse ela, sacando de sob os mandis de Guiné, que cobriam a prateleira, uma malga de Flandres e uma escudela pintalgada, de louça da terra. — Não vos amofineis, amigo! Vossa mulher, levou-a Deus Nosso Senhor, e em sua glória deve estar, que era boa de lei. E lá o que disse da vossa filha, tenho fé que tudo terá remédio, ponto é que as nossas orações chamem ao bom caminho êsse negregado barbeiro que a desgraçou. Agora, mercê de Deus, não lhe faltará a ela o amparo do pai, com o cabedal que certamente trazeis lá dessas partes da Índia.

Neste momento, Roque Pinheiro, que já engulia a ruidosos sorvos o leite que ela lhe servira, pousou a malga na mesa, e abanou dolorosamente a cabeça.

— Cabedal! — interrompeu êle. — Mais de dez anos andei aos baldões, a batalhar com

mouros e gentios, a gemer em ferros de cativo, a engasgar-me com água salgada, a curtir fomes e sêdes, a rasgar o corpo com feridas, a torcê-lo com aleijões... O cabedal que amealhei, aqui está êle nesta barjoleta: uns mesquinhos cruzados que mal chegarão para pôr de pé êsse casebre que me ficou de herança. Com mais umas roupas surradas que tenho aí na sacola, aí tendes as lembranças que trouxe... Minto! — concluiu o Roque, apalpando a coxa direita com a mão anegrada e felpuda — ainda trago outra: um pelouro aqui metido que me afistula as carnes e me faz a manqueira que vistes.

— Coitado! Como vindes em tal pobreza! Que eu sempre ouvi dizer que por essas Índias se ganhava dinheiro a rôdo, e que se faziam muitos roubos, e mais que havia umas quintaladas, ou não sei quê, de pimenta...

— Quais quintaladas nem qual diabo! As quintaladas que eu tenho são essas novas com que me aturdiste, môça!... Se bem me lembro, chamas-te Isabel, não é?

— Tendes boa retentiva. Isabel do Zambujo, agora, desde que há oito anos casei com o João Zambujo, um que veio de Rio Maior para aqui...

— Homem abastado, hem?

— Abastado, não digo! Mas mercê de

Deus, temos p'r'af uns palmos de sementeira, e lá vamos grangeando a vida...

— Má cainça me coma! — praguejou o Roque, abalando a mesa com uma punhada violenta. — E a minha Cecília não logrou marido que a livrasse da língua e das tentações do demo...

— São sinas! — atalhou a Isabel, lastimosa, assoando à fraldilha um dos pequenos. — Ai! que se eu soubera quem vós éreis, não teria dado à língua...

O Roque ergueu-se com dificuldade, e bradou:

— Quero encontrá-la, e quanto antes!

— Jesus! que ireis fazer à desgraçada?

— Não lhe quero mal nenhum, descançai Com o bargante do homem é que eu hei de ajustar contas. No entrementes, se ela está ao desamparo, quero tê-la na minha companhia. Onde disseste que era o seu paradeiro?

— Ouvi dizer que pousa em S. Gregório. O que posso jurar-vos é que ela saiu daqui transida de vergonha, desde que o mofino lhe deu de mão.

Roque Pinheiro reflectiu um pedaço. Depois, estendeu para Isabel a mão espalmada, e disse em voz compassada e branda:

— Mercês pelo que por mim fizeste, cachopa. Outro favor te quero ainda dever.

— Dizei.

— Guarda-me aqui esta sacola, e não boquejes a ninguém, que me viste...

— Nem ao meu homem?

— Ao teu homem só, se êle é de segrêdo.

— Respondo por êle.

— Então, adeus. Vou-me em cata da minha filha.

— Já? Mal repousastes, amigo.

— Repousarei depois. Uma légua a mais, não é cousa de monta. Fica-te em paz, môça.

Já com o conto do cajado batia na soleira da porta.

— Deus Nosso Senhor vos acompanhe!
— disse Isabel, aconchegando a si os dois filhos.

II

Roque Pinheiro encontrou facilmente a filha. Trouxe-a para Alvorinha, onde a sua aparição, já pressentida apesar dos protestos de sigilo, produziu alvoroço geral. Uniram-se as duas misérias: a rapariga desprezada pelo amante, o batalhador do Oriente empobrecido e estropeado. Para abrigo do duplo infortúnio, remendou êle o tugúrio, e nisso se lhe foi grande parte das escassas economias. Para ocorrer às ânsias de dois estômagos, procurou emprêgo aos braços ainda válidos, alugando-os por uns regateados ceitis aos lavradores da terra.

E por sua parte a rapariga aproveitou como pôde, para ajuda do amanhã doméstico, as suas apoucadas prendas de lavrandeira.

Era uma criaturinha humilde e sofredora, a Cecília. A sua índole passiva atirara-a para os primeiros braços que a haviam agüentado no pendor da inópia, apenas a mãe lhe faltara. A honestidade nativa levará-a depois

para longe, onde não lhe lançassem constantemente em rosto a desonra e o desamparo.

Nos mais rudes e ignóbeis trabalhos lutara contra a fome, durante os dois ou três anos de estada em S. Gregório: nas ceifas, nas vindimas, no pastorear de rebanhos, no arranjo de esterqueiros. E a sua triste experiência, ligada à tibjeza do seu temperamento, servira-lhe de broquel contra as investidas da sensualidade labrega.

De volta à terra, enclausurou-se em casa, a tratar do pai achacoso, a costurar sem descanso. Mal lhe enxergavam pela janela o rosto pálido e sardento, iluminado por grandes olhos garços, e a mão delgada no vaivem da agulha. Só logravam acesso junto dela as freguesas que iam encomendar-lhe a feitura de roupa branca ou de um saíno domingueiro. O seu terror era sobretudo avistar-se com o desalmado que a desgraçara.

Pelo contrário, o Roque tornara-se em pouco tempo popular por aqueles contornos, graças à narrativa das suas aventuras, que nas noites serenas enfeitavam o auditório ingénuo, aglomerado em derredor da porta. Mas a fama, que o ia prestigiando, não lhe diminuía a pobreza.

Era uma odisseia maravilhosa, a do Roque!

Desde que, por singular coincidência, embarcara em Lisboa num navio que tinha por orago o seu nome, a náu *S. Roque*, capitaneada por Gaspar de Paiva, a sua vida tornara-se um rosário de aventuras, qual delas a mais dramática, em que surgiam populações exóticas, pelepas ferozes, opulências deslumbrantes, o embate de várias civilizações num colossal teatro, tudo perpassado pela visão de um soldado obscuro.

O período que preenchia a maior parte da sua ausência e que mais excitava a imaginação dos ouvintes, era a sua longa permanência em Cambaia, depois que perto de Diu fôra cativado, no batel de Diogo de Mesquita, por uma náu de mouros. E tal era a insistência nos pormenores e tamanho o interêsse da história, que se deliou o nome do narrador debaixo da alcunha, breve divulgada, do *Cambaia*.

Ao serviço do terrível sultão Badur, o usurpador fratricida, êle batalhara no Guzerate, em Chitor, no Mandou, por tôda a misteriosa Índia do Norte, contra mogores, resbutos, rumes, com exércitos inúmeros, protegidos por monstruosos elefantes de guerra. E havia uma lacuna em sua narrativa, que os rudes ouvintes não punham a claro. Não percebiam que êle preferira, renegando a fé de Cristo,

salvar-se das masmorras onde a maioria dos seus companheiros gemiam, nas asperezas da serra de Champanel.

Mas que prodigiosos, que bárbaros, que trágicos episódios, nessas lides sanguinolentas, nessas cidades de cúpulas de ouro, nesses arraiais em que tapeçarias preciosas abrigavam nababos cobertos de pedrarias! As imaginações ferviam, os corações pulsavam com fôrça, as cabeças esquentavam-se como ao sorver de um vinho generoso.

De todos êsses episódios, aquele em que o *Cambaia* se demorava com especial predileção, aquele que empolgava mais vivamente a assistência, era sem dúvida o que lhe havia produzido a manqueira da perna direita.

Fôra na cidade afortalezada da Raosinga, alcandorada numa serra inexpugnável, sitiada pelas hostes do sultão Badur. O sangue dos sitiantes, vertido a rôdo, atingia as fragas da serra e os panos da muralha, quando a cidade se deu a partido. O seu governador, Salaedin, que já se rendera ao Badur, foi mandado por êste para convencer as mulheres do seu serralho a que entregassem o palácio. Com êle iam dois mil guzerates, entre os quais o trôço de arrenegados, portugueses e francezes, de que o Roque fazia parte. Iam tomar posse da cidade; mas os feros resbutos, que

a defendiam, a ferro frio rasgavam, nos corpos dos invasores, os termos da capitulação. Pelas ruas, pelas praças, em frente dos pagodes atalaiados por colossos disformes, às portas dos bazares atulhados de estofos e especiarias, serpentearam refregas cruentas, estrebuxaram agonizantes, amontoaram-se cadáveres. Os arrenegados, contudo, abriram caminho até ao palácio, arrogante e sumptuoso na cumieira. E viram então um espectáculo formidável.

Do pátio interior, erguia-se uma labareda colossal, e a fumaceira derramava em tôrno olores de benjoim, de áquila, de sândalo. Na larga varanda, por entre as grades auríficas, viam-se centenas de mulheres, ricamente entrajadas, endireitando os bustos riscados de arelhanas de ouro, erguendo para o céu as cabeças recamadas de jóias, alçando os braços onde coleavam axorcas engastadas de pedrarias. E no meio delas, horrendo e grande, Salaedin, com um movimento contínuo e automático, enterrava nos peitos que se lhe ofereciam uma adaga gotejando sangue,

Numa impulsão de assombro, os renegados vomitaram pelouros sôbre o magarefe gentio. Com tiros e frêchadas lhe responderam os resbutos, desesperados como amoucos. Na confusão tremenda, continuava a divisar-se,

incólume, o Salaedin afincado na sua faina execranda. Mas nisto, um abalo de terramoto sacudiu o solo, como se rebentasse um vulcão. Os artificios de guerra, empaolados no andar térreo, tinham explodido. A varanda, com o recheio de vivos e de cadáveres, foi arrebatada aos ares. O troar quási simultâneo de dezenas de bombardas dilatou o pavoroso estampido. Pelouros, estilhas, sarrafos, sucatas de ferro e bronze, farrapos de carne humana, tudo se disseminou num circuito de muitas braças. E foi então que o Roque, na vanguarda do seu troço, aturdido e golpeado, sentiu a coxa perfurada, empecendo-lhe o andar.

— Af filara o diabo a minha alma, se não fôra um matalote meu, que me arrastou conforme pôde para o arraial do Badur — epilogava o *Cambaia* entre exclamações de pasmo e de piedade. — Como eu, lanhado e côxo, para nada servisse, mandaram-me para a serra de Champanel, onde os outros estavam em ferros. Teve caridade comigo o sr. Diogo de Mesquita. Lá me fêz tratar, que eu estive um rôr de tempo entre a vida e a morte. E ao depois, quando o Badur lhe deu liberdade, levou-me consigo para Gôa. Por lá andei aos tombos, até que vim na monção passada. Mal adivinhava eu que não havia de encontrar

viva a minha serva de Deus, e que a minha filha...

Era certo, a esta lembrança, quedar-se o homem a rosar, tórvos os olhos, os dentes cerrados, em quanto alguma voz amiga não lhe atalhava a fúria, com qualquer frase dêste teor:

— Louvado seja Nosso Senhor, que ta conservou para alívio de teus males!

E então o *Cambaia* replicava, amaciando o bravio do olhar num relance comovido para dentro de casa, onde os reflexos bruxuleantes de uma candeia dansavam sôbre uma cabeça arruivada e curva:

— Lá isso é verdade! É ela quem me vale nos meus achaques. E não é pequeno o trabalho, que esta fistula aberta é os meus pecados, a purgar sem descanso, e a dar-me de quando em quando umas guinadas de dôr, que parece que me alanceiam com uma azagaia. É o excomungado pelouro que não me quere largar as carnes. E não é por mingúia de solorgias, pois que não houve solorgião nem barbeiro da Índia que não metesse o nariz na ferida. E já em Lisboa estive no Hospital de Todos os Santos, que é onde vai tôda a mestrança. Mas nada! P'los modos, tenho de descer à cova com êste ruim companheiro que me aleija.

Choviam então conselhos e receitas de tóda a casta sôbre o malaventurado veterano, até que êle, bocejando com impaciência, desfazia o auditório com estas ou quejandas palavras:

— Sim, sim, amigos! *Deus soprónia*, como dizia o Padre Frei Pedro, que era comissário de S. Francisco em Gôa. Mas deixai-me dar descanso áquela alminha, que ali está a estafar-se. Deus Nosso Senhor vos dê boas noites!

III

Deslisou o verão e parte do outono sem grandes precalços no viver dos dois. Mas, quando apontou a invernía, começou a pungi-los a indigência. Escasseava a labuta dos campos para o pai, minguavam para a filha as tarefas de agulha. Em breve tempo, foi-se esgotando o manancial penosamente amealhado. O cariz do futuro antolhava-se pávido de tormentas. A mão grossa do *Cambaia*, adestrada no manejo da pesada espingarda ou do longo pique, não se afeiçoaria aos gestos humilhantes da mendicância. Antes a morte, antes a morte!

E o espírito do velho aventureiro ia-se entenebrecendo. O negrume de vingativos pensamentos obumbrava-lhe a visão serena, com que se acostumara a debelar as vicissitudes da acidentada existência. Agora, todo se revestia de ódio contra o rufião que lhe desgraçara a filha. Nêle concentrava a causa eficiente do seu infortúnio. A fantasia pintava-lhe o

farto lar de um genro amoroso, que daria sossegado asilo à sua velhice cansada e achacosa, sem o forçar a repartir os motreco de um pão negro, granjeado entre pragas.

Com este rancor buscava o veterano aquietar a consciência, que decerto lhe indicaria, em persistente segredar, o verdadeiro motivo da sua lazeira: o facto, divulgado na Índia e transmitido à metrópole, de haver abjurado a fé cristã e de se ter invalidado no serviço de Mafoma. Feliz devera reputar-se, por não ter sofrido, graças á protecção de Diogo de Mesquita Pimentel e à clemencia do governador Nuno da Cunha, alguma das atrozes mutilações com que era de uso escarmentarem-se apostasias.

Mas o André Barbeiro era um derivativo, de certo modo salutar, para os remorsos que o alanceavam. E tóda a sua raiva era que a manqueira e os achaques não lhe consentissem amachucar o destemido e robusto mesteiral. Fugia de passar em frente da loja, onde as tesouradas da maledicência alternavam a miúdo com as da tosquia. Tinha mêdo de si, de algum impulso temerário que lhe revivesse nos punhos velhos arranques de batalhador. E quando por acaso a figura do barbeiro perpassava diante dos seus olhos, que se envesgavam, era um dia borrascoso dentro do casebre.

Cecília, resignada e triste, buscava amansa-lo com sérenas exortações de paciência e de confôrto:

— Deixai-o, pai. Fazei como eu, que nem sequer nêle penso. Em nome da Virgem Santa lhe perdôo. Tôda a minha dita é viver convosco. Se também vos compraz viver comigo, lembrai-vos que a êle o deveis, pois não me quis por companheira. •

Mas o repúdio ignominioso da filha mais exacerbava a paixão do *Cambaia*.

— Hei de fanar o rascão, como fazem os mouros aos guardas do serralho—bradava êle iracundo. — Hei de vê-lo debaixo dos meus joelhos, a pedir misericórdia. Hei de arrancar-lhe a língua que te mentiu, e os olhos que te embelecaram, e os...

A rapariga atalhava a custo, com devotas admoestações, aquele desbocar de ameaças, impregnadas de todo o grosseiro fel plebeu, esmaltadas com as mais desbragadas torpezas do vocabulário soldadesco.

Mas quem mais contribuía para amaciar a índole irascível do Roque era o amigo que a fortuna lhe deparara em Alvorninha: um pedreiro biscaíno, empregado nas obras da igreja. Homem viajado, saúdoso de uma aventureira mocidade esfarrapada por cidades da Itália, por escalas do Levante, por portos da

Berberia, o Simão Biscainho aprazia-se particularmente no convívio do soldado que corraera mundo. Irmanava os dois uma inconfessada dilecção pelos costumes da mourama, com quem ambos haviam travado relações íntimas. Compreendiam-se mútuamente, ao trocarem recordações e comentários sôbre o faustoso viver dos orientais, a magnificência das suas mesquitas, a pompa dos seus palácios, a formosura das suas mulheres, a riqueza dos seus adornos, e até o sensualismo acomodaticio da sua seita. E sorviam com voluptuosidade, de envolta com os factos reais, as freqüentes patranhas que lhes florescia na fértil imaginação de aventureiros.

Por isso, o Simão Biscainho tornara-se o companheiro quasi inseparável do Roque, nas seroadas aprazíveis ao pé da lareira, nas passeatas domingueiras pelos contornos, nas beberricagens ocasionais pelas tascas da vizinhança, agora que o auditório lapónio, ou por já saturado de romanescas rapsódias, ou por temeroso de qualquer pacifico atentado à sua esmoleira tacanha, quasi por completo se desgarrara.

Outro facto esfriava também os primeiros assomos de interêsse simpático. No desdobrar dos meses, haviam-se infiltrado na terra as atoardas, com respeito à escandalosa aposta-

sia do veterano. E as almas devotas confrangiam-se tôdas, numa aversão piedosa, em frente do elche, votado sem dúvida às chamas do inferno.

— Lá andam os dois a esgaravatar no Alcorão—chasqueavam linguas daninhas, quando o *Cambaia* removia a passos claudicantes o vulto atarracado, jungido à estatura desempenhada e arrogante do pedreiro.

Porque êle cada vez coxeava mais, mesquinho *Cambaia!* Muitos dias, tinha de ficar em casa, tolhido de câibras, ensopando com parches a perna avariada, gemendo e praguçando, em quanto a Cecília se azafamava a preparar unguentos e cataplasmas. Duas ou três vezes, acompanhado pelo Biscainho, tinha ido às Caldas da Rainha acalentar-se no banho nauseabundo, e trouxera de lá, a conselho de um fisico experto, umas redomas da água milagrosa. Mas tudo era baldado. A fistula mantinha-se aberta, a supurar sem descansa. E nem dedos de cirurgiaão nem revulsivos enérgicos conseguiam expulsar das maceradas carnes o duro hóspede que o entrêvava e confrangia.

— Raios me partam! que será de nós dois quando eu me aleijar de todo! — carpia o desgraçado, ouvindo o gorgolhar da panela, êrma de couves, a aboborar as papas.

— Tende fé em Deus, meu pai — repetia a paciente Cecília.

E o Biscaíno sentenciava, amenizando o vozeirão áspero :

— Mira, hombre! Viva la gallina, aunque sea con su pepita. Soncas no te faltarán los piés para te sacar de los rastrojos.

Mas o *Cambaia* abanava desconsoladamente a cabeça hirsuta. Nem uma réstea de esperança lhe luzia lá dentro.

IV

Chegara a quadra bemdita do Natal, alagada de chuvas, arrepiada de ventanias. O veterano sentia-se escorregar pela vertente da miséria. Os repiques festivos da noite santa retiniam-lhe aos ouvidos como um dobre soturno. No seu lar espirrava um lume tristonho sob uma caldivana de hortaliça: fastienta consoada de pobretões! E o único sinal de jubiléu era a lamparina mortiça diante do mal amanhado crucifixo de madeira, alumiada pela ingénua devoção da rapariga.

— Á la misa, hombre, que es noche buena! — bradou o Biscaíno, assomando à porta do casebre.

Mas o *Cambaia*, amadornado à lareira, não se sentia com ânimo de arrostar as intempéries. Tocado de maleita, tinha arranços de breca na perna, pródromo de algum dos diabólicos acessos. E o Biscaíno não conseguia vencer-lhe a inércia.

— Noite boa! noite boa! — resmungava êle,

retorcendo as ventas entre o matagal dos pêlos cerdosos. — As minhas são tôdas tecidas pelo diabo!

Nisto safu da alcova a Cecília, que se ataviara para ir à missa do galo, em companhia da vizinha Isabel do Zambujo. Juntou as suas instâncias às do pedreiro.

— Ide, pai—disse ela acarinhando-o.— Ide rezar ao Menino Jesus. Talvez que êle nos favoreça com algum milagre.

Estava gentil a cachopa com a sua andaina de gala, vasquinha azul de rofegos, mantilha de antona esfiampada, camisa de gorgeira lavrada de preto. O alvorôço da festa dera-lhe uns toques de rubor às faces pálidas. E os seus pés ligeiros, nos encortiçados alcorques, deslizavam sem ruído no chão húmido.

Enterneceu-se o pai, ao vê-la assim, por momentos esquecida da sua desdita. E resolveu-se a acompanhar o Biscainho.

Mas quis por seu turno engalanar-se, desentranhando da velha arqueta de couro os restos de bélicas louçasfnhas. Surdiu em breve com o busto comprimido num pelote francês de mangas, de puído setim, as magras pernas a badalarem numas calças de guardalate branco, a grenha esguichando rebelde de sob a gôrra vermelha, espada ruivaça de ferrugem a balouçar-lhe à ilharga. Mas como o agasa-

lho era pouco para o agreste do tempo, não teve remédio senão embrulhar-se no esfarrapado capeirão que era a sua cobertura de cote.

Neste grotesco aparato safu à rua, flanqueado do amigo, e sempre amparado, para agüentar as passadas incertas, ao fiel e nodoso cajado.

Na escurana da noite, a porta da capela fronteira rasgava um clarão vivo, que as ténues vergastas da chuva peneiravam, lucilantes como rêde de filigrana. Um rumor confuso de gentio abafava o marulho das bâtegas. E o sonido argentino do campanário levantava hosanas da terra abeberada.

O friasco engelhava. Por isso o Simão Biscainho, logo aos primeiros passos, convidou fidalgamente o Roque para uma vez de palhete, na tenda do Vassoureiro, em quanto não subia ao altar da Misericórdia o Reverendo Cônego Silvestre, da Colegiada de Santa Maria de Óbidos. Mas a vez de vinho alastrou por vezes iargas, em que a bizzarria do Biscainho se alardeou. E quando os dois amigos, espertados pelo silêncio modorrento da rua, se decidiram afinal a marchar para a capela, ia a missa a mais de meio, e pouco menos adiantada ia a bebedice do *Cambaia*.

De olhos piscos, com devotos esgares, ar-

rimado ao guarda-vento, onde nem a manqueira nem o apertão dos fiéis lhe permitiam ajoelhar, assistiu êle ao epílogo da festiva cerimónia. Sentia-se ennobrecido e sobranceiro, com as suas vestes coçadas de guerreiro indiático, naquela assemblea de samarras lançadas, gabinardos rústicos, chiores denegridos. Afidalgava-se no meio do povolêu camponio; e, de feito, enviesavam-se olhadelas sorrateiras para o seu rosto rubescente, onde, à luz trémula dos círios, o lanho esbranquiçado semelhava uma aspa de prata, cortando uma selva crespada, em campo de goles. E a sua manápula ossuda regalava-se a afagar a maçã anielada do terçado.

Mas o cónego, acolitado pelo padre prior e por um clérigo magrizela, desceu os degraus do altar e engolfou-se pela sacristia, numa onda de paramentos aurilavrados. E os dois amigos, empurrados pela turba, foram os primeiros a sair do pequeno templo.

Ficaram no adro, encostados às pilastras que sustinham o alpendre. O *Cambaia* saíndava com um sorriso complacente as muchachas que passavam chalrando, com um benigno e desdenhoso relance de olhos os labroistas que se encarapuçavam com gestos alvares.

De repente, diante da sua vista turva, desenhou-se a fisionomia odiada do André Bar-

beiro, que arreganhava os dentes, numa careta de galanteio, para uma moçoila de touca de sêda. Teve um repelão de cólera, e regougou, atroando o adro com uma valente cajadada nas lajes:

— Rascão do inferno!

O André voltou para êle a cara pasmada. E, sentindo-se ferido pelo fuzilar daqueles olhos odientos, perguntou:

— Falais comigo?

— Contigo, sim, ladrão! — volveu o *Cambaia*, enfiado, no meio da multidão estarecida.

A resposta do André foi uma gargalhada escarninha.

E daí, num relâmpago, viu-se o cajado do veterano ensarilhar nos ares, o braço robusto do barbeiro agüentar a pancada súbita, a sua perna arremeter como um ariete contra o adversário, êste baquear, lívido e convulso, sustido nos braços do Biscainho, rugindo:

— Mataste-me, perro!

Então, descabelado, irrompeu o alarido. Entre o mulheroio ululante, no vão da porta, rosto na sombra, farripas esbraseadas pelo clarão de dentro, Cecília debatia-se, berando:

— Pai! pai! Quem acode?

Atrás dela, arrastando os endezes lamu-

rientos a reboque da fraldilha, a Isabel do Zambujo escancarava a bôca num rebate berrante:

— Áquedel-rei!

Na balbúrdia dos homens, que se atropelavam roncando, o Biscainho barafustava, desbocando-se em pragas e feros, ameaçando o agressor. Desabava a chuva, latiam cães, cascalhava o enxurro. E sôbre o corpo inânime do *Cambaia*, estirado nos degraus da alpendrada, curvavam-se matronas caridosas, alanzando receitas, proclamando mênzinhas, guinchando lástimas, gralhando às rebatinhas.

Mas afinal, como o barbeiro se houvesse esvaído na caligem chapinhante, o Biscainho reverteu a atenção para o enfêrmo, e bradou com intimativa:

— Sus, hombres! A casa llevadlo!

Debaixo de água, um par de lapuzes atravessou a rua, transportando o mísero *Cambaia*; e uma procissão de mulheres, encapuzadas umas, outras embiocadas nas abas das vasquinhas, acompanhava-o em algazarra.

V

Era afinal de contas um homem decidido e sagaz, o Simão Biscainho.

Dali a minutos, graças aos seus meneios autoritários, a casa estava limpa de basbaques, e o veterano, recuperados os sentidos, gemia no catre, debaixo de uma manta alentejana, ao pé da lareira.

Em quanto a Isabel do Zambujo aprestava papas ao lume, a Cecília, acorada à beira do catre, pensava a chaga aberta do pai, esvurmando sangue e pus, lavando-a com água das Caldas numa tijela vidrada.

Reconheceu-se que a sapatola ferrada do barbeiro, marrando a coxa do mofino, agravara horrendamente a mazela.

Sob as indicações peritas do Biscainho, os dedos macios da Cecília premiam cautelosamente a polpa macerada. De quando em quando, um uivo dolorido surdia de entre as barbas hirtas do paciente.

Amiudavam-se os uivos. E a Cecília acusava

uma rigidez estranha, a inflar as carnes, a deslocar-se para a bôca da ferida.

— É o carnicão — asseverou sentenciosa a Isabel.

— Es el pelouro — emendou com entono o Biscainho.

E dentro em pouco, entre convulsões e urros do *Cambaia*, um corpo duro retiniu na conca de louça.

Então o Biscainho arrancou a tigela das mãos da Cecília, trouxe-a para a luz da lareira, e começou a lavar o objecto, que, desencardido, ficou mais pequeno que um tremoço.

— Es muy chico el pelouro — resmoneava êle.

Mas de repente, um sobressalto sacudiu-lhe o corpanzil, um grito de pasmo lhe saíu da bôca:

— Un diamante!

As mulheres precipitaram-se alvoroçadas, o *Cambaia* soergueu-se no catre, volvendo para êle os olhos esbugalhados. Entre os dedos grossos do Biscainho, um seixozinho facetado tremeluzia como uma estrêla, irradiando chispas multicores.

— Louvado seja Deus! — exclamou a Isabel, num transporte.

— Deixa ver, homem! — bradou o *Cambaia*,

aliviado das dores, estendendo os braços ávidos.

Só a Cecília, emparvecida e pálida, ofegava sem dar palavra.

— Precioso! — dizia em voz cava o Biscainho, volteando a jóia aos olhos deslumbrados do inválido. — Dadme las albricias, hombre!

Com mãos aduncas, o *Cambaia* empolgou o diamante. Mirou-o atento, intercalando as miradas com reflexivos comentos:

— Era uma das mulheres do Salaedin que o tinha pendente... p'los modos... E daí, quando o palácio foi pelos ares, veio de escantilhão... e cravou-se-me na perna. Há cousa de cinco anos que andava comigo...

Seria assim? O Biscainho acolhia a exploração abanando a cabeça, com rosnadelas de dúvida.

— Ou talvez... — continuava a sugerir o *Cambaia* — no apêrto em que se viam, aqueles amoucos carregavam as bombardas com tudo que lhes caía nas unhas. Pode ser que achassem debaixo da mão alguma jóia das mulheres...

— Si, puede ser — atalhou o Biscainho, sempre perplexo. — Pero todo eso es misterio. La verdad, hermano mio, es que tenias en el cuerpo un tesoro.

— Um tesouro, sim! — bradou o veterano, es-

quecido dos achaques, aprumando o busto sôbre o catre enxovalhado. — É pedra sem jaça, ia jurar que é de Bisnaga, que são os de maior estima.

E, sopesando o seixo na mão recurva, exclamou:

— Vinte... trinta mangelins de pêso, pela certa. Vale talvez...

Interrompeu-se, receando exagerar. Voltou-se para o Biscainho, elevando na mão trémula o precioso achado.

— Quanto valerá, amigo? — arquejou êle.

O pedreiro retomou o diamante, embebeu nêle a vista experta.

— No los vi mas puros en los bazares de Alepo, ni muchos de tal grandura en las tiendas de Venecia. Vale á lo menos...

Á beizola alongada do Biscainho se suspenderam, durante minutos de cogitabundo silêncio, os ânimos ansiosos dos três.

E no entanto, dardejadas pelo diamante, que os clarões da lareira flamejavam, scintilas rubras, glaucas, cerúleas, bailavam nos semblantes pasmados, estrelavam o negrume das bôcas hiantes, rajavam as profundezas soturnas do tôsco aposento.

— Vale á lo menos...

Estrugia a chuva no postigo rangente, zunia o vento pelas fisgas dos batentes carco-

midos, refervia a mistela sôbre as achas crepitantes.

Um cheiro fétido de emplastos e linimentos, um fartum de bafio e miséria alastrava pelo ambiente ennevoadado. Dansavam sombras sôbre a lividez do Cristo, espalmado na parede alvacentada.

— Vale á lo menos...

E a voz retumbante do Biscainho explodiu por fim:

— Dos mil cruzados!

Dois mil cruzados! Uma fortuna nem sequer sonhada! O têrmo da indigência, a segura abastança, o raiar da riqueza!

Dois mil cruzados! Uma chuva de ouro que escorria pelas fendas da telha vã! Geiras de campo a espadanar searas, paredes de grossa alvenaria, roupas de fina olanda, o conchêgo da casa repleta de soberbas alfaias, o desafôgo dos corações vazios de terrores.

Foi um delírio de júbilo. Gemeu o catre desconjuntado sob as convulsas rísdas do *Cambaia*, fuzilaram no ar as aclamações estrídulas da Isabel, roncou emoras a voz cavernosa do Biscainho.

Ajoelhada diante do crucifixo, Cecília elevava, como uma hóstia, o diamante, laivando de revérberos multicores a tôsca efigie do

Cristo. E de seus lábios erguia-se uma revoada de preces:

— Bemdito Jesus, que fizeste o milagre!
Padre Nosso, que estais no céu...

E duas lágrimas abriam um sulco luzente por entre as sardas que lhe mosqueavam as faces.

OSSOS DO OFÍCIO

A Júlio Dantas

I

Ora succedeu que nesse ano de 1706 o dia de S. Simão e S. Judas caíu a um domingo. Um esplêndido domingo de outono, do rico outono portugêz, voluptuosamente tépido e sereno, quando o amarelecer das fôlhas não traz ao espírito prenúncios de morte, mas vislumbres áureos de opulência. O sol espalha pelo ambiente ondas de alegria suavíssima, e as flores outoniças abrem pelos campos fora sorrisos de velhice contente. E, como o júbilo da velhice é forte estímulo para as expansões da mocidade, não admira que os corações juvenis cedam, nesta conjuntura, aos impulsos do mais poderoso dos sentimentos humanos.

Imaginem o que não será, quando recentes promessas de amor hajam alvoroçado uma alminha propensa às sollicitações do deusinho vendado. Era o que sucedia a um rapazote da província, recém-chegado a Lisboa com avul-

tada bagagem de esperanças e de ilusões. Não era também pouco valiosa a sua bagagem de cabedal. E com ela contava para abrir na côrte o caminho que mais feiticeiro se lhe antolhava, aquele que o devia levar à consideração e ao aplauso dos legítimos faceiras, que eram os peralvilhos da época.

Por em quanto, o sotaque beirão e o desenhado dos ademanes ainda lhe davam direito à classificação de ratinho, com que a gíria popular designava a gente da Beira, vinda à capital para angariar fortuna. André Bezerra era no entanto um ratinho de bons quilates, cuja fortuna já fôra feita na terra por seu pai e seus avós, e cuja genealogia, limpa de qualquer pecha de judaísmo, contava dois ou três juizes de fora e se enxertava nalgumas casas fidalgas da província.

Não admira portanto que as suas aspirações o levassem para a carreira brilhante da Turina, em que se disfarçava a madracice efectiva com as ocupações balofas da casquilhice. Em fitas, plumas, setins, perucas, luvas, sapatos, fivelas, e quejandos petrechos do officio se iria um quinhão razoável dos rendimentos, que a indulgente ternura paterna lhe prodigalizava. Mas o maior bote, começava êle a prever que seria o provocado pelas necessidades amantéticas do seu coração, que eram

aliás condições essenciais para alcançar uma luzida reputação de faceira.

Dois caminhos se lhe ofereciam neste ramo de actividade profissional. O primeiro era o dos teatros. Poder gabar-se dos favores de uma cômica, sobretudo sendo castelhana, era caso que inculcava fidalguia de maior tômo. Mas, sôbre não haver por então em Lisboa alvo disponível, neste campo, para as suas frêchadas, receou André, que a excreção de dobrões não compensasse a escassez de ideias madrigalescas. Portanto, voltou-se para outros affectos, indubitavelmente mais prestigiosos, e, segundo lhe pareceu, menos azados a determinar uma tísica de bôlsa.

Deliberou fazer-se freirático.

Contava com o auxílio de outros faceiras menos abastados, que se haviam feito seus amigos para, por meio de empréstimos, jantares, ceias e mais precalços, estabelecerem um justo equilibrio entre as próprias finanças raquíticas e a hipertrofia escandalosa das do provinciano. Graças a êsse auxílio, cujo desinterêsse diáriamente se reflectia em sangrias de bôlsa, André Bezerra frequentou os conventos mais conspícuos da capital e subúrbios: Odívelas, Santa Clara, Mónicas, Salvador, Rosa, Calvário, Via Longa, Santa Ana.

Passeou, bamboleando-se todo, mostachos da cabeleira à mercê das aragens, chapéu de três ventos sob o sovaco esquerdo, medindo a passos arrastados as lajes dos pátios. Figurou nos outeiros, declamando com gesto dengue os romances preciosos, cujas toantes um poetastro amigo lhe descontava à força de cruzados. Por fim, logrou entradas nas portarias, chegou-se às grades das rodas, rendeu finezas e galanteios a rostinhos morenos e nêveos, enquadrados na alvura graciosa da toalhinha. E foi reconhecendo pouco a pouco que estes solfejos de galanice não eram menos pesados do que os amórios de cómicas.

Percebeu que os mimos platónicos, décimas arrebicadas, silvas labirínticas, sonetos retumbantes, redondilhas maviosas, não bastavam para alimento daquelas damices. As lindas freiras mostravam de preferência o seu reconhecimento a dádivas mais substanciais, prosáicas como a breca, a começar nos atavios da roupa branca até acabar em presuntos de Lamego. E, em volta do lampião que à sua custa ardia constantemente em honra das monjas, o beirão sentiu esvoaçar umas corujas que lambiam ávidamente o azeite da torcida.

Eram as serventes, cujo favor era indispensável comprar a preço mais material do que o

de simples blandícias. Confidências, missivas, presentes, insignificantes recadinhos, eram a determinante de um rosário de gorgetas, em que a beatilha de cambraia, a saia de crespos, os pendentos de filagrana, alternavam com os tostõesinhos de prata.

II

Ainda na véspera à noite, à esquina do convento da Trindade, êle arriscara uns tímidos queixumes sôbre o quanto ia pesando na sua economia doméstica um namôro que em nada lhe depauperava a economia animal. Manuel Sanches Correia, o poetastro seu amigo, membro de uma das inúmeras Academias que em Lisboa pleiteavam o favor das Musas, sorriu complacente e bateu-lhe no ombro, exclamando:

— Amigo, não se pescam trutas a bragas enxutas! Quem pretende leves afagos dêsses pássaros de encêrro que são as freiras, tem que levar-lhes alpista ao comedouro...

— E ainda em cima ser espicaçado, porventura — acudiu o outro lamentosamente.

— Hum! não me parece! Trata-me tu de as cevar a ponto, e eu te juro que elas se apegarão ao visco. Quem vem a ser agora a ninfa em que pousam teus pensamentos?

— Aquela de Santa Ana, a Maria da Natividade...

— Caspitè! Não ponhas mais na carta! Um rostinho de tauria, como diz o poeta, capaz de enfeitiçar meio mundo! Andou por ela bajoujo o Simão da Costa, filho do senhor de Pancas...

— Ésse que o ano passado esteve no Limoeiro?

— Justo. Por umas taponas atiradas ao capataz da lenha. Ésse mesmo.

— E ella... humanou-se?

O Corrêia teve um sorriso dúbio, e, metendo as mãos nos cós dos calções, retorquiu:

— Isso agora, meu caro, são mistérios da roda que eu não ousou esgaravatar... sobretudo quando os namorados esboroam com as rodas do coche essas calçadas de Lisboa.

André Bezerra não pôde dissimular um suspiro.

— Bem te entendo! Ainda não chegaste ao coche, mas possues um alazão que te invejo por nédio e um mochila que te cobiço por esgalgado. E depois, mercê de Deus! tens mãos largas. Espero que as não tenhas encolhido em detrimento da tua dama.

— Já me anda num bom par de dobrões...

— Um par, não é muito! Com ésse pouco decerto não faria Júpiter a burziguiada com

que venceu Danae. Mas emfim demos tempo ao tempo. Já entraste na sazão dos arrulhos?

— Pois já.

— Bravo! Lindas e discretas pecuinhas se trocam?

— Trocam-se? Não é bem assim! Digo-as eu só.

— E ela ouve-as de boa mente?

— Não. Atalha-as quási sempre para se carpir.

— Para se carpir?

— Sim. Da pobreza em que anda.

O poeta desafogou numa risada estrondosa.

— È o que te digo — prosseguiu André. — Ainda hoje, como eu lhe asseverasse que naquela roda era rodado o meu coração...

— Caspitè! Graciosa metáfora! Até parece minha... ou do Vafa.

— Tenho aprendido. Mas sabes o que ela me respondeu?

— Que por murzelo te havia, e não rodado.

— Ora boa vai ela! Ésse equívoco, apesar de insolente, ainda vinha a propósito, sequer ao menos. A minha freira desembestou num despropósito. Que estava numa miséria de roupa branca, e que à loja do Manuel de Moura tinham chegado umas ricas camisas com punhos de renda e fitas de picaró azul.

— E achas isso despropósito, homem? È ensinar-te que o caminho da bem-aventurança passa pela loja do Manuel de Moura. Sabes onde é?

— Não sei eu outra cousa. Na rua Nova. Já lá estive. Como amanhã é domingo...

— Adiantaste-te. Tens então as camisas?

— Uma dúzia. Custaram-me os olhos da cara.

— Ó diabo! — volveu o poeta sarcasticamente. — Trata de os reaver, para que a deusa se reveja neles, envolta na finíssima olanda... E agora me lembra! Vinham ao pintar umas coplitas para acompanhar a dádiva. Não achas?

— Tens razão.

— Pois eu tas levo amanhã a casa, se me regalas com o jantar.

— Está combinado. Querem-se umas rondilhas bem abemoladas...

— Descança, homem. Logo de manhã as terás. Se a freira achar frialdade no linho das camisas, derreter-se-ha com a labareda dos versos. És um homem ditoso em teres por ancila uma musa como esta minha.

Com estas palavras se afastou o Correia pela rua fora, parafusando. Mas ao dobrar uma esquina, caminho de casa, André ouviu-lhe ainda a voz que no silêncio da noite o chamava.

— Que queres? — bradou êle.

— Não me lembra agora. Os olhos são pretos ou castanhos?

— Pretos.

— Bem, bem. Serve melhor p'r'a toante. E o poeta sumiu-se, remoendo a primeira quadra.

III

Risonha aparecera pois a manhã seguinte a André Bezerra, quando abriu a janela do seu quarto, um quarto que alugara a umas velhotas, na rua da Rosa das Partilhas. Ia o sol já alto, e o provinciano estranhou que o seu mochila o não tivesse vindo despertar, conforme o costume. Quási oito horas! Perderia com certeza a missa em Santa Ana.

Teve um momento de contrariedade.

— Ó Periquito! — clamou, abrindo a porta do quarto.

Ninguém lhe respondeu, por mais que êle reïterasse a chamada, alçando gradualmente a voz.

— Diabo do muchacho! — resmungou. — Andará êle a vadiar?

Mas de repente ocorreu-lhe que o rapaz ainda não estivesse afeito à alcunha, com que há poucos dias ainda o disfarçara, segundo o estilo dos mochilas da fidalguia.

— Eh! Tomé Brás!

Em vez da resposta que esperou durante alguns segundos, ressoaram na porta da rua duas valentes aldrabadas.

André Bezerra acudiu de pronto à janela. Através das vidraças, viu em baixo a figura do Manuel Correia que se emborcava todo, a cumprimentá-lo.

— E as patrões foram engulir a sua missa, com certeza! — resmoneou êle. — Não tenho remédio senão ir abrir a porta.

Embrulhou-se numa roupa de chambre e desceu.

— Olá! então é o padre guardião quem acode à portaria? — exclamou o Correia rindo e enfiando pela escada acima.

O outro explicou-lhes as tribulações em que estava, órfão do seu mochila.

— É capaz de ressonar ainda — lembrou o poeta. — Onde fica a alcova dêsse magano?

— Aqui — respondeu André, abrindo uma porta que dava para o patamar.

De feito, atranelado sôbre a cobertura da barra, estirava-se o corpo escanifrado do mochila, completamente vestido, mas num deplorável estado de desalinho e de imundície.

— Valha-me Deus! — gemeu André, no meio das risadas do companheiro. — Em que estado êle pôs o jubão novo!

— São nódoas de vinho. E olha, pelo chão, que lagariça!

— Raios o partam! Acorda, cachorro! — bradou o provinciano, sacudindo ferozmente o rapazola.

Êste grunhiu, sem despegar as pálpebras, bamboleou sôbre a coberta a grenha açafroada, e puderam entender-se-lhe umas palavras que escorriam de entre os lábios avinhados:

— Ganhei o truque, sô Meireles... Vá mais meia canada... p'ra mim mais p'r'a minha chula...

— O ladrão está ainda bêbado como um cacho — chasqueou o Correia.

— Quem diabo é êste Meireles?

— Um taverneiro, ali à Cruz dos Poiais. Prazo dado de damas alacaiadas, de cuja osada estão à espreita as tábuas do Hospital.

— Eh! patife! — gritava ainda o Bezerra, desengonçando o magrizela.

— Sabes que mais, homem? Deixa-o lá cozer a bebedeira, e vamo-nos embora. Não se pode suportar êste fartum.

Entrados no quarto de André, começou êste a vestir-se e a lamentar-se.

— E agora, a quem confiarei eu as camisas, para as levar à freirinha?

— Homem, não te aflijas por isso. Qualquer muchachim, qualquer mariola...

— Qual história! — atalhou o outro, afeiçãoando a cabeleira sobre o toutiço rapado, defronte do espelho. — O rapazola já conhecia os cantos à casa. Cuido até que namoriscava a servente, uma tal Josefa Antónia...

— Ui! — exclamou o Correia, dando um estalido com os dedos. — Conheço essa lambisgóia! Ladina como uma lagartixa, lambisqueira como uma rata...

— E chupista que nem uma sorva. Ora vê lá tu! se não lhe mando o Periquito, quem há de entender-se com ela?

— Descansa! Eu te arranjarei Mercúrio de boa estôfa. P'ra que conheço eu todos os mariolas dos Arcos do Rossio?

— Tens confiança nalgum dêles?

— Se tenho! Um principalmente, o Gandaia... Verás que filósofo! Ninguém como êle para impingir um presentinho galante, lardeado de versos...

— É verdade! — interrompeu André, voltando-se de repelão, em quanto compunha em tórno do pescoço o garrote da gravata. — Sempre trouxeste os versos?

— Claro que trouxe. Ora escuta lá!

E o Manuel Correia sacou da algibeira um papel, desdobrou-o cuidadosamente e dispôs-

-se à leitura. André, encostando-se a um bufete, deteve-se, para ouvir, nos atavios da sua pessoa.

— Vais ver que requintado romance, todo polvilhado de finíssimos conceitos e cheio de refegos de retórica.

E, dito isto em guisa de prólogo, o vate começou:

Dizem que encantada túnica
Deram de presente a Hércules,
Que abrasava o corpo todo
Desde a nuca aos tornozelos.

E por aí fora, um chorrilho de quadras jo-cos-sérias, descritivas do episódio da fábula, a que logo se seguiam outras de uma preciosa e madrigalesca semsaboria:

Pois as camisas que mando,
Como a túnica de Nesso,
Ao vosso peito chegadas,
Podessem amolecê-lo!

Tal pelos ferros da grade,
A luz dêsse olhos pretos,
Dardejando sobre mim,
O meu coração derrete.

Requintadas pieguices metafóricas preen-

chiam o resto do romance, até desfecharem
nesta alambicada quadra:

Essas camisas, tão finas
Como o meu amante peito,
Teceu-as minha saudade,
Enfeitou-as meu affecto.

— Vitor! Vitor! — gritou o provinciano, ofegante de entusiasmo.

— Acaba de te vestir, e vamos para a rua, a caminho da glória — volveu o poeta dobrando fleugmáticamente a amorosa epístola.

IV

Foi uma manhã bem passada, aquela, para os dois amigos. Á falta do mochila e para não desfazer a companhia, André Bezerra sacrificou-se a não florear no seu alazão por essas ruas da capital, por entre o mulhério assustadiço que formigava na volta das igrejas.

Mas fartaram-se de arrastar airosamente os sapatos pelos sítios de maior concorrência, aframengando o gesto, affectando galantarias, escudeirando ranchos de guapas, esgaravando janelas, no estilo de genuinos faceiras.

No Terreiro do Paço se encontraram, a tomar limonadas e sorvetes, com alguns fidalgos de bom quilate. O Manuel Correia, que a frequência das Academias e as suas manhas poéticas punham em evidência na roda fina, foi acolhido com uma girândola de facécias.

— Ora viva, sô fraldiqueiro de Apolo!

— Salve Deus o vate bandarreta!

— Traz Vossa Mercê cristais de alma em que a gente reveja as meninas dos olhos?

— Quais são os últimos escândalos do Parnaso ?

— Adoçai-me com dois conceitos esta limonada, que está insôssa.

— Não vos achegueis, que me fundireis a neve com as chamas do estro.

— Vitor pelo arriero das Musas !

— Aguadeiro da fonte de Aganipe !

— Algibebe de consoantes !

Estrugiam gargalhadas no ar serêno, emquanto além uma bateira, sôbre o esmalte azul do Tejo, sacudia as velas, sôfregas de aragem. Os montes da Outra Banda estiravam voluptuosamente os dorsos, como animais cansados, às carícias mornas do sol. E a uma das janelas do Paço da Ribeira, pendente de um colunelo gótico, um papagaio rompia em berros destemperados.

Acalmada a galhofa, a apresentação de André foi recebida com aristocrática complacência.

Mão no punho desdourado do quitó, braço direito arqueado com denguiçe, beiços franzidos em tom de gravidade, Manuel Correia interrogou os fidalgos sôbre noticias da côrte.

Uma nuvem de mágoa convencional varreu a alegria vivaz das fisionomias. Do Paço do Calvário vinham a toda a hora ruins boatos. El-rei D. Pedro II definhava a olhos vistos.

Faziam-se preces pela sua preciosa vida. Os oratórios da fidalguia estrelejavam-se de círios bentos. E todos os santos do calendário eram importunados com orações.

— Principalmente Santo António — acudiu uma voz mordaz — que, como bom português, é favorito das regateiras e colarejas.

Risinhos frouxos saudaram o dito, mal disfarçados sob os chapéus tricornes. E fez-se quási de repente uma reversão no tom do diálogo. Relembrou-se as tradições ultra-galantes do reinado, conjugadas com a doença que minava o robusto organismo do monarca.

— Regateiras e colarejas são de boa raça. O diabo foram as francesas ! — exclamou o poeta.

E os circunstantes acudiram com recordações.

— Foi a Schomberg quem lhe roeu a figadeira, depois de andar que anos a espôjar-se pelos acampamentos do marechal.

— Pior ainda a outra que o pôs à dependura...

— Qual ?

— A Duverger...

— Caluda, imprudente ! — atalhou alguém. — Olha que essa sempre deu infantes a Portugal !

— Sangue franchinote ! Sangue ruim !

— Olha que não era melhor o da salaio de Pancas...

— Com o que tu vens! Ha trinta e tantos anos!

— Ainda muitos de nós não éramos nascidos!

— Do tempo da Escamilha.

A Escamilha! A actriz castelhana de maior voga no tempo! O seu nome desviou naturalmente a linha do cavaco.

— Está velha e relha, essa delambida!

— Nunca houve mulher que melhor se pusesse nas tablas!

— È que a viste com os olhos do teu avô.

— Felizes avós, os nossos! Hoje em dia não há comica nova que valha uma pitada de tabaco.

— Também as comedias pouco mais valem — redarguiu Manuel Correia. — Aquele Calderon de la Barca veio estragar tudo.

— Falem-me no Sampaio Vilas-Boas...

— Ou no Simão Machado.

— Tudo isso é cisco ao pé do Lope de Vega!

La a rebentar uma discussão literária, renhida como aquelas em que os contendores nada percebem do assunto, quando as doze badaladas do sino da Misericórdia, alastrando nos ares, fizeram dar um pulo ao poeta.

— Meio dia! Ouviste, André Bezerra? Aquele bronze repercute as horas do meu estômago.

— Vamos lá ao jantar — disse André com um suspiro de satisfação.

Era um alívio para êle. Percebia que estava fazendo papel de pacóvio, no meio de um grupo que o encarava de soslaio, com mal disfarçados desprezinhos, ouvindo um diálogo em que lhe vedava tomar parte o desconhecimento dos segredos da côrte e dos pormenores da vida metropolitana. Tinha a consciência de que era idiota o sorriso que a miúdo lhe franzia os lábios e desageitada a atitude com que queria dar-se fôros de elegante.

Foi por isso que acolheu com alvoroçado júbilo a sugestão do Correia. Mas logo em seguida sofreu um choque terrível. O poeta virara-se para os fidalgos, e, com aspecto rissonho e afável, insinuara:

— Se algum dêstes senhores quisesse dar-nos a honra de nos acompanhar até ao Campolide...

Houve um momento de suspensão, terrível para o provinciano. Um jantar com aqueles altivos estúrdios, cujos nomes fidalgos e cujo garbo soberano o atiravam para a sombra! E pago por êle, demais a mais! E logo no Cam-

polide, a casa de pasto à la moda, onde os fregueses se esfolavam com tanta perfeição como os coelhos!

Mas, por fortuna, nenhum dêles aceitou o convite. Trocaram uns sorrisinhos irónicos, estenderam negligentemente os dedos aos dois amigos, e seguiram para a beira do rio, abandonando-se com os chapéus de três ventos.

V

— Que idea é essa do Campolide, que me fica a meia légua de casa, onde tenho que ir buscar o presente para a freira? — perguntou o André, em quanto estugava o passo, em direitura do Arco da Capela.

— És um pateta, homem de Deus! — retorquiu Manoel Correia. — Querias, diante de fidalgos, que comprometéssemos jerarquia e estômago em espeluncas de pouco mais ou menos? Isso não é de um faceira, com fumos de freirático!

— Ah! aceito o remoque! Mas então onde me levas? — interrogou André, vendo que o companheiro o ia guiando Rua Nova abaixo, a caminho da Calcetaria.

— Vamos subir a rua Nova do Almada e o Chiado.

— Ah! Sim? E onde jantaremos?

O poeta piscou o olho em ar de mistério.

— Vais vêr como eu sou bom guia para lambareiros a *gaudere*! Vais saborear a mais

prodigiosa sopa de orelheira, o mais delicioso fricassé, o mais apetitoso capão, a mais angelical torta de natas, que nunca em tua vida sonhaste sequer! Tudo isto regado com uma pinga, daquela que gera os mais decantados foliões de Portugal, que são os da Arruda!

— E onde?...

— Onde demora a fonte sagrada destas ambrosias e destes néctares? Nada mais nada menos que ali à quina do Alecrim, na estância da Maranhão...

— Excelente. Fica à mão de semear.

— Fica. A tasca deita para o quintalão onde está o pôço do Chapuz. Descobri lá um recanto, com uma riquíssima parreira, onde divinamente se dá largas à gulodice.

— Caspitè!

E o André arregalou o olho. Antevia um belo jantar bucólico, onde se saboreariam bons bocados, a coberto da calma, com o acompanhamento estrídulo de uma nora vizinha, espraiando a vista sôbre canteiros risonhos de repolhuda alface, tagarelando, cotovelos na mesa, numa jubilosa intimidade, confidenciando a meia-voz segredos de galanteio e escândalos de alcova.

Mas saiu-lhes o gado mosqueiro. Apenas se tinham instalado no afamado recanto, mal a taverneira tivera tempo de desdobrar sôbre a

mesa de pinho o alvo mantém de Guimarães, quando, anunciada por um prólogo de pragas trovejantes, surdiu à entrada do parreiral que os abrigava uma alentada figura de homem, de chapéu à malbruca e gravata à corsária, todo empavezado e marcial, berrando descompasadamente:

— Eh! patrôa! Com trezentos mosquetes! Aviai-me depressa, que se me abriu uma brecha no estômago, por onde cabem dois batalhões inteiros de empadões!

— Perdô! Vossa Mercê, senhor sargento-mor — disse a taverneira voltando-se para êle — mas...

O recém-chegado não a deixou terminar. Aproximou-se mais e pondo os olhos em Manuel Correia, exclamou:

— Voto a Cristo! Luzida companhia temos! Boa maré o traga, senhor Manuel Correia!

Apertou vigorosamente a mão do poeta com a única mão que lhe restava, pois que era maneta do braço direito. E parece que tôda a fôrça do rijo arcabouço se lhe concentrara no esquerdo, porque o Manuel Correia disfarçou mal uma careta de dôr.

— Viva o nosso sargento-mor! — cumprimentou êle, fazendo das tripas coração.

— E é que já não largo a praça — bradou o outro, sentando-se sem cerimônia à mesa. —

Vou ter aliados nesta refrega contra o exército dos comes e bebes. Eh! tia Maranhôa! ponha-me p'r'aqui as armas do seu arsenal!

Não houve mais sossêgo naquele festim, que os dois amigos auguravam pacato. Tôdas as recordações da campanha da Restauração desfilarão diante dos seus olhos, evocadas por aquela voz retumbante, coadas através da grisalha e arcaica bigodeira à Schomberg, que se eriçava minaz sôbre as bochechas tostadas, ilustradas com valentes murros que faziam telintar a baixela, desabar as pilhas de frutas e serpentear no linho branco riachos de vinhaça.

Tiveram as colheradas de sopa entremeadas com aproches e castrametações; os bocados do carneiro assado lardeados de cornas, orna-veques e crubeques; o mólho do fricassé adubado com arrecures, maridais da estala, prebostes e caporais; as doçarias amarguradas com lizeres, barbacãs e falsas bragas. A batalha de Montes Claros, onde o sargento-mor perdera o braço direito, foi descrita com grande aparato de tecnologia militar. Os nomes do Marialva, do Schomberg, do Carracena fizeram tremer os pilares da latada. Minuciosos pormenores de ferimentos, mãos decepadas, chagas sangrentas, miolos espadanando dos crânios escavacados, olhos repuxando das

órbitas, entranhas vomitadas pelos rasgões do ventre, tudo isso serviu de aperitivo ao banquete.

Os dois amigos torciam-se, intimidados, sem lograrem atalhar com uma palavra aquela catadupa de bélicas reminiscências, embotado o paladar, revólto o estômago, mal debicando nos pratos, ao passo que o sargento-mor, erguendo à bôca, com o seu único braço, garfadas pantagruélicas e copázios transbordantes, sem dar tréguas à bacharellice mavórcia, se empanzinava abacialmente.

Só à sobremesa, entre o queijo flamengo e as maçãs reinetas, um episódio conseguiu interessá-los e dar-lhes uns longes de alegria.

— Estávamos frente a frente com um regimento espanhol — bramiam o tonitroante veterano. — Que regimento aquele, senhores meus! Uns homenzarrões que tinham de se baixar para tirar uvas desta parreira! E então, o que mais temerosos os fazia eram as barbaças que lhes chegavam quasi aos coxotes, umas barbaças mais negras que estas azeitonas!

E, sem se interromper, o sargento-mor entremeou o postre com uma avultada ingestão de azeitonas saloias.

— Era o regimento do conde de Rebat. Vai eu, gritei à minha gente: «Eh! portugueses! aqui é que se quer ver quem melhor trabalha

de barbeiro!» Não foi preciso mais nada. Num relance, demos com aqueles Polifemos em terra. Um dêles caiu diante de mim. Tropecei no corpanzil do mostrengo, e agarrei-me às barbas dêle. Querem saber o que aconteceu? Ficaram-me na mão. Eram postiças, as barbas dos ferrabrases!

E uma gargalhada tremenda atroou o quintalão do pôço do Chapuz.

Sôbre umas fatias albardadas, que uma botelha de moscatel espiritualizou festivamente, se deu fim ao jantar.

Mas para desfazer a companhia é que maiores dificuldades se depararam. O sargento-mor, manifestando simpatia extrema pelos dois amigos, não consentia em apartar-se dêles. Era baldado tudo quanto os dois pretextavam para saírem sôsinhos. O veterano vociferava, copo alçado na canhota, olhar gázeo, expressão de ternura na aciganada fisionomia, que os seguiria até ao inferno.

Ocorreu ao poeta um meio de se descartarem dêle. Pagasse-lhe o André a conta do jantar, e deixasse-o entretido com um cangião de cerveja.

Que remédio senão aceitar o alvitre? Mas esteve a pique de não surtir efeito. Ao vêr a cerveja espumar apetitosamente, o sargento-mor dispunha-se a contar histórias dos holan-

deses e dos ingleses, em cuja convivência se habituara à refrigerante beberragem.

Por fortuna, entrou um gorducho futre, de jubão de petrina e chapéu de agulha, cachimbo ao canto da bôca, cheio de notícias do Marialva, que ainda estava governando em Madrid, em nome do nosso aliado, o arquiduque Carlos. E em quanto o maneta o agarrava vigorosamente com a férrea canhota, os dois amigos esgueiraram-se.

Rua da Horta Sêca fora, ainda ouviam o vozeirão do sargento-mor entoando desesperadamente a chacoína, em homenagem às vitórias do Marquês de Marialva.

VI

Respirando por fim, livres do importuno, correram á rua da Rosa das Partilhas.

— Deus permita que o mochila já esteja em termos! — exclamou André, batendo à porta.

— Hum! não me cheira! — replicou o poeta.
— Aquilo é bebedeira para dois dias de cozedura, pelo menos!

Com efeito, quem abriu a porta foi uma das patrões. E pelas exclamações indignadas que ela vomitou em voz de falsete, logo se veio a saber que o mofino Periquito permanecia no mesmo estado de inconsciência beatífica.

— Bem, bem, tiasinha! — disse o poeta subindo a escada. — Arranje-nos um mensageiro que nos leve um fardosinho ao Rossio.

— Vou em cata do cabra do vizinho tendeiro — redarguiu a velhota.

O poeta foi entrando no quarto de André. Êste sacou logo de um armário o seu presente.

— Caspité! dou-te os emboras, homem! —

exclamou Manuel Correia com entusiasmo.
— Sabes fazer as cousas à la grande!

Com efeito, o provinciano pousara sôbre o bufete uma galante condessa, tôda enfeitada de lacinhos de sêda, perfumada de essências, engalanada de flores. Pelos interstícios do vime enxergavam-se espumas alvíssimas de olandàs e rendas.

— O berço de Citerea! — comentou enfaticamente o poeta, em quanto o André recebia com vaidade os cumprimentos, roubados ao Moura da Rua Novo, a cuja habilidade devia o arranjo da condessa.

Dentro dela se inseriu o papelinho das trovas. E, confiada a condessa ao mulatito que a velhota lhes desencantara, dirigiu-se a trempe paro o Rossio.

Iam agora radiantes os dois amigos. André, calado, com o pensamento na freira, todo se embebia em sonhos fagueiros. O poeta ia cantarolando os versinhos lúbricos do *Minuete maroto*. E não lhe escapava môça, à soleira da porta ou à janela, que não apanhasse requebrada pecuinha.

— Ai! ai! peste de neve, que me matais pelo ar! — bradou êle para uma que passava, agitando febrilmente o leque.

E logo adiante, a uma gentil rapariga que à porta de uma tasca amanhava peixe:

— Senhora, em vossas mãos estaria eu como o peixe n'água.

Galanteria que lhe ia valendo uma tunda do dono da tasca, refôrçada pelos epítetos de carranca e de estafermo, com que a vòzinha aflautada da moçoila não deixou de o mimosear.

Mas, pelas alturas da rua da Figueira, um grande agrupamento os deteve. No meio da vozearia infernal do rapazio, uns três fidalgoes estroinas divertiam-se na caçada dos gatos vadios, para experimentarem os espadins. Um desgraçado bichano trespassado agonizava lamentosamente, ensanguentando as lâjeas da calçada, entre as vaias da multidão.

Só uma mulherzinha de manto de sarja e saia esguia uivava imprecações contra a barbaridade dos caçadores. E por detrás dos dois amigos, sobraçando a preciosa condessa, o cabra do tendeiro rasgava num riso de marfim a carita fôscas.

Na multidão, aglomerada até meio Chiado, operou-se um refluxo repentino. Um vistoso coche de guarnições douradas, cortinas de damasco carmezim sôltas à laia de melenas ruivas, tirado a duas garbosas parelhas adornadas de fitas, trepava majestosamente a laideira. Todos se desviaram, movidos tanto pela curiosidade como pelas chicotadas brutais que o cocheiro distribuía a êsmo.

Pelas portinholas, divisou-se de relance um busto airoso de mulher, envolto numa palatina de assopros, e uma formosa cabeça, toucada à alemôa, sôbre a qual luzia um rosicler de pérolas.

Os fidalgos interromperam a galhofeira manança para cumprimentarem graciosamente, com uma mesura de côrte.

— A senhora marquesa de Unhão! — segredou o poeta, inclinando por seu turno a cabeça e levando cerimoniosamente ao peito o chapéu de três ventos.

O provinciano quedou-se fascinado, seguindo com os olhos a esplêndida equipagem que se perdia, banhada de sol como entre as galas de uma apoteose, no alto onde quatro anos antes pompeava a afortalezada porta de Santa Catarina.

Foi preciso que Manuel Correia lhe puxasse a anchíssima manga, para o tirar daquela contemplação extática.

Seguíram Chiado abaixo. Mas quando embocavam a estreita calçada de Paio Navais, outro incidente lhes tomou o passo. Uma algazarra infrene estrugia a empinada caleja, sôbre a qual a espaços estalejavam foguetes, atirados pelo rapazio.

Uma mó compacta de povo ia subindo, com risadas e apupos, no cortejo de um negralhão

magrizela e cambaio, que dansava fazendo esgares e agitando um pandeiro sôbre o chapéu ensebado. Pela abertura do remendado e sôrdido chiote, enxergava-se um trecho de peito azevichado, coberto de pêlos grisalhos. E uma crosta espêssa de poeira acinzentava-lhe os pés descalços e as pernas ossudas, que uns esfarapados calções de baeta cobriam até ao joelho.

— Eh! Zangaralheiro! Eh! cachorro! — ganiam os muchachins.

Acompanhado pelo contínuo crepitar das soalhas, o preto escancarava a bocarra, improvisando trovas coxas, mais ou menos fesquinhas, que o ambulante auditorio festejava com gargalhadas.

Os dois amigos, mais o rapazelho mulato, tiveram que se refugiar nos degraus de uma porta para darem passagem ao ruído magote.

Mas o Zangaralheiro deu com os olhos nêles. Deteve a marcha, sempre bailando, arrepanhou o carão em visagens burlescas, como de quem puxava o estro renitente, e acomodou à toada do *Arrepia* esta quadra chula, de versos manquejantes:

De caras rapadas,
Bandarra e faceira
Parecem homens
Vistos do avêssô.

Apenas a voz rouquenha se calou, com um desesperado retinir de soalhas e tamborilar de adufe, ressoou um monumental côro de gargalhadas estridulas. Centenaes de olhos trocistas se pregaram nos dois faceiras, que, corridos e raivosos, procuravam esconder-se na sombra do portal.

— Vitor! Vitor pelo Zangaralheiro! — aclamou a turba.

Momentos depois, quando se puseram de novo a caminho, por sentirem já longínqua a matinada, ainda dois muchachins, empoleirados num marco, se esganiçaram a cantar, enristando para êles o sujo indicador:

Ui! Parecem homens
Virados do avêso.

VII

Quando, atravessada a sombria rua dos Escudeiros, desembocaram finalmente no Rossio, foi como se criassem alma nova. A vasta quadra parecia fervilhar de vida intensa, germinada ao meigo calor do sol outoniço. Grupos de regateiras e colarejas, ostentando os donaires domingueiros, passeavam galhando. Esbeltas peixeiras, de trajos garridos, grossos cordões e pendentos de ouro, bailavam o sarambeque, ao som da guitarra, emparelhadas com grumetes e fragateiros, cujas carapuças vermelhas e azúis oscilavam nos ares. Por entre as cabanas de venda, cerradas por via do descanso dominical, perpassavam capotinhos encarnados, com barras de côres vivas, véstias de droguete alvadio, cabeças de topete liso, aureoladas por grandes pentes de tartaruga. Eram cozinheiras e aias, que os maganos e pagens perseguíam com atrevimentos cupidíneos, rechaçados à força de risadas.

Um dêstes audaciosos saudou André Be-

zerra com um violento encontrão que o ia deitando a terra. Um vulto de mulher, abroquelando-se com o corpo dos dois amigos, trocava as voltas ao assaltante e escapava-se aos gritinhos. E êles tiveram a visão fugitiva de uma graciosa regateirinha, de mantilha vermelha, saíha barrada de veludo escuro, beatiha caída para o pescoço, guedelhinhas lou-ras a encrespem-se no furor da carreira.

Seguindo-a com a vista, deram com os olhos no pardacento e carrancudo Paço da Inquisição, bracejando as duas tôres acoruchadas para o céu azul, como em protesto mudo contra aquele desenrolar profano de alegrias.

Trataram de atravessar a praça, acompanhados pelo cabra que os seguia aos saltinhos, dando voltas por entre os grupos irrequietos e galhofeiros, em direitura da arcaria do Hospital, em cuja escadaria formigava o gentio. Mas, ao aproximarem-se, um borborinho festivo, para a sua esquerda, lhes atraíu a atenção.

Em volta do chafariz, uma multidão de chachopas, bilha à cabeça, de aguadeiros, barril ao ombro, de matulões, alfamistas e garotos, escutava as lôas de um estafermo em hábito de frade, encarrapitado na cortina da fonte, agarrado às monstruosas pernas do Neptuno de pedra, cujo tridente investia os ares.

— O frei Joanico — explicou o Manuel Correia rindo — que expia as demasias de Baco sob a égide de Neptuno.

E tão atentos se quedaram os dois amigos a espreitar o ajuntamento, donde explodiam gargalhadas contínuas, que por um tris escaparam de ser atropelados por um cavaleiro, o qual, capa berne flutuando à brisa, trotava para os lados de Santo Antão.

Contornaram os degraus da igreja, dirigindo-se à ala do sul do Hospital. O escadório estava atulhado por uma turba de vendilhões ambulantes, cujos pregões ensurdeciam. Eram cegos que em voz lamentosa encareciam os méritos da sua mercadoria literária; eram mulheres que ofereciam com chistes a pinhoadá, o gergelim e outras doçarias; eram moços que assaltavam o nariz dos transeuntes com pastilhas de almíscar e de alambre; ramalhetes que borrifavam de tentadores sorrisos as flores emurchecidas; rapazotes que erguiam nas mãos enxovalhadas cambos de peixe miúdo, enfiados num vime.

Mas o que predominava, com um acentuado fartum de catinga, eram as pretas ajoujadas com panelões de barro, donde vaporavam fumos enjoativos do arroz, dos chicharos, dos cuscus, do milho cozido. Andrajosas quasi tôdas, arremelgados os olhos, alvejante a den-

tuça enquadrada na púrpura dos beijos grossos, seios pendentes arfando sob a camisa de grosseira estopa.

Algumas delas, mais asseadas e garridas, ataviadas de coral, levantavam a ponta dos alvos panos, sob os quais se alpardava a fumegante cozedura das ameixas passadas. E uma voz aflautada, mais acima, apregoava ainda, como recordação do estio que findara, a neve da serra da Estrêla.

O provinciano e o poeta, com o inseparável mulatinho, penetraram sob as arcadas ogivais do Hospital. Reinava ali um sossêgo relativo. Os armários dos mercadores achavam-se fechados, e os balcões desertos.

Só ali se viam uma dúzia de mariolas, quando muito, de pau, corda e molhelha, refestelados pelos degraus das portas ou estiraçados na laje.

— Não vejo o Gandaia — disse o poeta depois de os examinar num relance.

— Oh! c'os diabos! — praguejou o André.

— Não importa. Enxergo ali outro que nos serve à maravilha. Ó Tarcanhota! — gritou êle para um dos mariolas, negligentemente arrimado a um balcão.

— Pronto, meu amo! — bradou o interpelado, acercando-se.

Mas todos os outros se ergueram e inves-

tiram os dois faceiras, oferecendo os seus serviços. E, para se evadirem à perseguição, tiveram que recuar, subindo a escadaria, para o meio das vendedeiras negras.

Depôs-se a condessa nas mãos do Tarcanhota, rapazão de lúzio aberto e risinho manhoso, que ouviu o recado sem vislumbres de estranheza.

— Conheço essa Josefa Antónia como os meus dedos — exclamou êle quando pronunciaram o nome da servente. — Fique Vossa Senhoria descansado, que ela vai muito à minha bola.

E teve um piscar de olhos ambíguo.

Mas outro mariola, de barba arruivada e olhos vesgos, sotaque galego e fala adocicada, conservava-se ainda por detrás dêles, importunando-os sem trêgua,

— Tir-te lá, Carrapato! — bradou o Tarcanhota, dando-lhe um violento empurrão.

Empurrão foi êle, que, quasi sem solução de continuidade, degenerou em prólogo de uma balbúrdia diabólica.

VIII

O mofino Carrapato, perdendo o equilíbrio, pusera os pés na saia de uma preta, a qual se voltou para êle, toda embespinhada, dando-lhe um safanão, adubado com pragas na sua língua de trapos.

O mariola retorquiu com doestos. E como a preta reincidisse, agarrou-a nos braços robustos e ferrou com ela pelas escadas abaixo, berrando :

— Raios te partam, carocha !

Aos uivos, a preta rebolou pelos degraus, derribando as companheiras, partindo panelas e teigas, desarvorando o estendal dos vendilhões.

Ninguém se entendeu desde então. Os mariolas correram em socorro do colega, agredido pela negraria assanhada. Pretos caído-res, que andavam à gandaia pelas cercanias, acudiram em defesa das espôsas e das irmãs ultrajadas. Retiniram bofetadas, voaram pe-

dras, brandiram-se cacetes, trovejaram pragas. No meio dos cuscus, do arroz, do milho, das ameixas, do gergelim, jorrando numa burundanga fétida, uma viva cascata de corpos negros, foscos e brancos, escorreu pela ampla escadaria. Ressoaram gritos de socorro, entremeados com gemidos de gente amarfanhada e trilhada a pés. Viram-se carapinhas ensanguentadas, braços erguidos em tom de súplica, pernas negras emergindo de saias invertidas, punhos cerrados que partiam dentes, molhelhas e sacos descrevendo curvas nos ares, cacaréus que rebentavam nas bochechas com uma explosão de comestíveis.

Provinciano, poeta, Tarcanhota e cabra, todos haviam sido envolvidos nesta barafunda tremenda, logo ao primeiro repelão que da rectaguarda lhes deram os mariolas. Na cambulhada vertiginosa, foram todos êles despeñados pelo escadório abaixo, amolgados pelos encontrões, rasgados por mãos que se enclavinhavam nos fatos, sem darem sequer tento do que originara o tumulto. A preciosa condessa, que o Tarcanhota aconchegava ao seio, escorregou-lhe imediatamente das maná-pulas. André achou-se atordoado no meio do terreiro, erguendo ao vento a cabeça tosquiada, da qual haviam desaparecido o chapéu e a cabeleira. A poucos passos dêle, o Manuel

Correia engatinhava pelas pedras, forcejando por levantar-se, ululando de pavor, casaca em frangalhos, chapéu desesperadamente agarado em guiza de broquel, sempre derribado de novo por gente que corria como louca. E só o mulatinho, índemne e travêso, com pulos e caretas de bugío, com palmadas e chascos, soltava clamorosos vivas ao «pagode»!

Mas, neste comenos, surdiu como por encanto uma quadrilha de malsins, comandados pelo almoçatê do bairro, cercando a torrente humana que espadanava ainda das arcadas. Delinquentes e inocentes, os que não tiveram asas nos pés para a escapula, tudo foi preso a esmo. André vacilou sob a mão brutal de um malsim que lhe derreava o ombro, ao mesmo tempo que a voz severa do almoçatê rouquejava:

— Deita-me os gadanhos a êsse birbante com laivos de faceira, ó Basófia!

A outro malsim deveu o poeta a dita de se sentir firme sôbre os calcanhares. Mas foi para se ver enleado nos ferros de el-rei, sem embargo dos protestos que reïterava aos ofegos. Quando percebeu que os protestos eram baldados, forte com a sua consciência e com o esperado valimento, ousou recorrer ás ameaças. Um chuveiro de sopapos lhe tolheu de improviso a palavra. E foi nas tristes condi-

ções de malhadeiro que o pobre vate foi arrastado para os lados de Santo Antão, a caminho do Tronco.

André fôra testemunha das desgraças do companheiro, e aproveitou com o exemplo. Sem tugar nem mugir, deixou-se incluir na horda asquerosa de mariolas, de pretas, de muchachins, de vadios, de mulheres de má nota, que uma orla de sombrios malsins debruava. Ouviu o povoléu que o chacoteava insolentemente, berrando:

— Lava as cuecas, ó faceira!

— Ó bandarra, penteia a careca!

— Chó, peralvilho! ceva-te nas palhas do Tronco!

— Vais para o paço, ó galante?

Num arranque de saúde pelo lindíssimo espadim de copos lavrados que lá lhe ficara no campo da refrega, o mesquinho provinciano envesgou ainda os olhos para a rectaguarda. E lobrigou num relance o Tarcanhota, curvado sôbre os degraus, apanhando entre os detritos o que era, que enfiava a tôda a pressa na reconquistada condessa.

— Que diabo estará êle fazendo? — perguntou de si para si, angustiado.

Quis deter-se um instante, mas não pôde.

— Ala para o Tronco! — bradava-lhe aos ouvidos a voz avinhada de um malsim.

IX

Só noite velha o alcaide Luís Serrão, regressando da Outra Banda, onde passara o dia, compareceu no Tronco a tomar conhecimento da desordem. Foi um alívio para os dois desventurados faceiras, visto que Manuel Correia tinha com êle relações de intimidade.

Com efeito, o alcaide do Rossio atendeu aos queixumes do poeta e do beirão, reconheceu-lhes a inocência, e mandou-os pôr em liberdade, sob cláusula, habitual à policia de todos os tempos, de não protestar contra os desmandos dos seus agentes.

Sairam ainda atordoados com a chiadeira do mulherio de tôdas as côres, com a berrata dos mariolas e dos pretos, com as furiosas imprecações dos malsins. daquelas tristes horas passadas na enxovia, restavam-lhes dores percucientes por todo o corpo, uma transcolação de raposinhos nas roupas húmidas, e talvez outras recordações vivazes que se denunciavam em misteriosas titilações.

O poeta, lamuriendo e trôpego, despediu-se logo no Rossio, para recolher aos seus lares, na rua do Selvagem. André Bezerra, escarmentado com os maus encontros, trepou de corrida o monte do Carmo, transpôs o velho e desmantelado postigo da Trindade, e deu consigo em casa. Tão afortunado desta vez que nem sequer a ronda encontrou, que lhe estranhasse o desalinho do traje e o tresloucado dos meneios.

Livrou-se a custo das importunações das velhas hospedeiras, que o aguardavam estremunhadas, em consequência da inactividade persistente do mochila. Refestelou entre lençóis os membros extenuados e doridos, e dormiu de um sono pesado até altas horas da manhã.

Quando abriu os olhos, aprumava-se diante dêles o corpo magrizela do Periquito, cingido numa vêstir safada, apagados já no rosto matreiro os vestígios da valentíssima cardina.

la rebentar numa tremebunda sova a raiva acumulada desde a vêspera, quando o mochila, com ar submisso, alongou para êle a dextra ossuda.

— Uma carta que há bocado trouxeram para Vossa Senhoria — disse êle curvando-se com reverência.

O provinciano, percebendo no sobescrito

letra de mulher e em todo o papel rescendências de toucador feminino, abriu com alvoroço a missiva.

E eis o que leu com grande espanto :

« Senhor provinciano :

« Tomou Vossa Mercê muito à letra o voto « de pobreza com que uma mofina monja se « ofereceu ao Senhor. Frangalhos com badu- « laque de catinga, achavascados de arroz e « de cuscus, enxaropados de ameixas, até os « maltrapilhos na nossa portaria lhes virariam « as ventas. Mas pode ser que os ratinhos da « Beira tenham pele afeita a tais enxovalhos, « olfato propiciado a tais pivetes, paladar que « se arrebite com tais moxinifadas. Por isso « apresso o retorno, pois que não quero privar « a Vossa Mercê de cobertura, de caçoila e « de almoço.

« *M. da N.* »

Acabando de percorrer estas linhas cruéis, André viu no sobrado a preciosa condessa, toda amolgada e imunda, nastros desfeitos e ennodoados, alvuras de olanda torpemente maculadas de burundangas infectas.

— Com mil diabos ! — praguejou êle, soerguendo-se na cama.

Mas quedou-se, sentindo mexer na porta.

Ao limiar assomara a figura alentada do Tarcanhota, o qual, todo risonho, a desfazer-se em mesuras, dizia:

— Vossa Senhoria me valha com uma boa gorgeta pelo recadinho...

Não prosseguiu. Um pantufo, vibrado com mão certa, tapara-lhe de improviso a boca.

ÍNDICE

O Resgate.....	5
As Alviçaras.....	67
Os Viriatos.....	97
A Sorte do Cambaia.....	157
Ossos do Ofício.....	193
